

# TEXTOS EXEMPLARES

Wilhelm Reich

Wilhelm Reich

A consciência de classe das massas não existe já formada (...) mas também não está completamente ausente (...); apresenta-se antes sob a forma de elementos correctos que em si próprios ainda não são consciência de classe (a fome, por exemplo) mas que poderiam produzi-la ao reunirem-se; estes elementos também não estão presentes no estado puro, mas misturados e impregnados de forças e representações psíquicas de sentido contrário. Um Hitler com a sua fórmula segundo a qual as massas são influenciáveis como crianças e só repetem o que lhes foi metido na cabeça, tem razão apenas na medida em que o partido revolucionário não realiza a sua tarefa mais importante que é a de elaborar a consciência de classe a partir das suas formas elementares, clarificá-la e fazê-la progredir.

(...) O conteúdo da consciência de classe do dirigente revolucionário não é de tipo pessoal; na medida em que os interesses pessoais (ambição, etc.) se misturam, entram a sua acção. Em contrapartida, a consciência de classe das mais vastas massas (com excepção da ínfima minoria de trabalhadores conscientemente revolucionários) é inteiramente de tipo pessoal. A primeira inclui o conhecimento das condições da economia capitalista e das enormes possibilidades da economia socialista planificada, o conhecimento da necessidade da revolução social enquanto adaptação da forma de apropriação à forma de produção e das forças históricas de orientação progressista ou reaccionária. A segunda está muito longe deste saber e destas vastas perspectivas, é feita do pequeno, do quotidiano, do banal. A primeira apreende o processo histórico

LIVRARIA ARLES LTDA.

QUE É A CONSCIENCIA DE CLASSE? (A)

UN



9788550114603 MARTINS FONTES

O QUE É A CONSCIENCIA DE CLASSE?

## O QUE É A CONSCIÊNCIA DE CLASSE?

TEXTOS  
EXEMPLARES

6

# O que é a consciência de classe?

Wilhelm Reich

TEXTOS  
EXEMPLARES 6

## PREFÁCIO

Título original: *Was ist Klassenbewusstsein?*  
Verlag für Sexualpolitik, Kopenhagen-  
-Prag-Zurich, 1934.

A presente edição foi traduzida com base na versão francesa *Qu'est ce que la conscience de classe?*, editada por Constantin Sinelnikoff, Nice, 1971. Foram ainda utilizadas as versões inglesa *What is class consciousness?*, Socialist Reproduction, London, 1971, e espanhola *Qué es conciencia de clase?*, Siglo Veintiuno Editores, S.A., México, 1972.

Distribuição no Brasil:  
LIVRARIA MARTINS FONTES  
Rua Conselheiro Ramalho, 340  
São Paulo

Capa VICTORINO C. MARTINS

Edição H. A. CARNEIRO

Porto / Outubro de 1976.

A ideia fundamental desta obra pode resumir-se da seguinte maneira: o duro combate que os revolucionários do mundo inteiro travam em várias frentes leva-os a considerar a vida dos homens unicamente do ponto de vista da sua própria ideologia, ou a ter só em conta os factos da vida social que de algum modo estejam ligados às suas ideias e às suas lutas. Mas a maior parte da população da terra, que eles querem libertar do jugo da opressão capitalista, ignora tudo ou quase tudo acerca das lutas, dos sentimentos, dos pensamentos daqueles revolucionários, e vive a sua própria servidão com maior ou menor inconsciência assegurando assim a dominação do capital. Se nos perguntarmos quantos, entre os 40 milhões de cidadãos alemães adultos, são afectados pelas execuções de revolucionários, e quantos se limitam a ler no jornal a notícia dessas execuções, perceberemos imediatamente o objectivo que esta obra se propõe: *estabelecer a ligação entre a consciência da vanguarda revolucionária e a consciência do comum dos mortais*. Contentar-nos-emos com fazer sugestões e formular perguntas até agora descuradas pelo movimento operário. Talvez um ou outro ponto possa estar aqui mal focado ou até errado; mas, contudo, o problema é que a vida psicológica real dos homens se desenrola a um nível que os dirigentes da revolução social não imaginam, precisamente por causa da sua percepção mais profunda da sociedade — e esta é uma das razões do fracasso do movimento operário. Possa esta obra ser encarada como um apelo lançado pelo indivíduo apolítico médio aos futuros dirigentes revolucionários, convidando-os a compreendê-lo melhor, a dele exigir menos com-

preensão para o «curso da história», a permitir-lhe exprimir melhor os seus sofrimentos e desejos, a falar de maneira menos teórica do «factor subjectivo» da história, e a compreender, sobretudo, que esse factor é a vida das massas.

*Ernst Parell*

Junho, 1934

## 1. OS DOIS TIPOS DE CONSCIÊNCIA DE CLASSE

### RAZÕES DESTA OBRA

A nossa tentativa para elucidar e fazer compreender, com a ajuda da psicologia colectiva, algumas das dificuldades levantadas pela discussão sobre a reconstrução do movimento operário, está desde logo condenada a muitas insuficiências. As circunstâncias e condições de vida em que tem de trabalhar a emigração alemã não são fáceis. Em primeiro lugar, ou foi rompida ou está mal estabelecida a ligação íntima com a vida política, e sobretudo com a vida das massas, os jornais praticam uma informação falsa ou contraditória e descaram as questões de psicologia colectiva, o que é já um factor de erro. Não há, ou são em número insuficiente, bibliotecas acessíveis no exílio. Ao que é preciso acrescentar a dura luta pela existência e a perseguição movida pelas autoridades dos países de acolhimento. E, além disso, a actual dispersão das organizações e das discussões no seio do movimento operário não tornam a tarefa mais fácil. E se se juntar a tudo isto a novidade da psicologia política, impregnada de todas as hesitações e erros próprios de qualquer ciência jovem, teremos enumerado suficientes circunstâncias que impedem exigir uma investigação completamente exacta, irrepreensível e imediatamente aplicável à prática política. Limitar-nos-emos em levantar questões importantes e que não foram apreendidas até agora, e contentar-nos-emos ainda em indicar certas direcções à iniciativa dos nossos camaradas de luta do mesmo modo que à crítica a fazer às armas intelectuais de que se serve presentemente a frente revolucionária.

Este ensaio traz, ao mesmo tempo, a resposta a algumas questões que se têm levantado desde o apare-

cimento da «Psicologia de massas do fascismo» assim como a resposta a certos críticos que, em minha opinião, sofrem da falta de compreensão das questões psicológicas própria a numerosos economistas.

Discussões com diversos grupos políticos mostraram que a resposta à pergunta «O que é consciência de classe?» exige um exame prévio dos problemas postos pela situação política actual.

O grave fracasso do movimento socialista na Alemanha tem já repercussões perniciosas noutros países e o fascismo está por todo o lado em franco progresso em relação ao movimento revolucionário; tanto a II como a III Internacionais provaram a sua incapacidade em dominar a situação no aspecto teórico para já não falar na prática; a II Internacional pela sua política fundamentalmente burguesa; a III pela sua ausência de auto-crítica e pela sua fatal obstinação no erro, antes de mais por não ter podido — nem sequer querido — eliminar a burocracia das suas próprias fileiras.

O S.A.P. (Partido Operário Socialista) e os Comunistas internacionalistas querem uma «nova Internacional». Mas há já grandes divergências sobre as modalidades deste novo partido. Trotsky reivindicou já a fundação da «IV Internacional» e o S.A.P. está de acordo, em princípio, mas quer que a nova Internacional seja o resultado da união da classe operária e não criada extemporaneamente, como Trotsky quer, e realizando seguidamente a união da classe operária com esta palavra de ordem. No movimento de política sexual, colocamos a questão da seguinte maneira: deve-se fundar imediatamente uma organização e recrutar na base do seu programa ou, pelo contrário, deve-se deixar a ideologia e o programa difundirem-se por todo o lado e só realizar a união organizativa mais tarde, sobre uma base mais ampla? Nós escolhemos a segunda via e afirmamos que «uma organização preparatória mais frouxa» apresenta numerosas vantagens: não implica uma delimitação prematura, elimina o perigo do enquistamento sectário, melhora a possibilidade de penetração noutras organizações, além doutras vantagens. Trata-se de saber, aliás, quais são as perspectivas de evolução política que nós encaramos.

O grupo que se ocupa de política sexual pensou poder distinguir três possibilidades:

1) A de uma sublevação imprevista na Alemanha num futuro próximo; visto que nenhuma organização está minimamente preparada para esta eventualidade, nenhuma delas poderia dirigir conscientemente o movimento e levá-lo a bom termo. Aliás esta perspectiva é a mais inverosímil. Contudo, se se realizasse, a situação seria caótica e o curso das coisas muito incerto, mesmo se o desfecho não fosse o pior. Nós apoiariamos imediatamente este movimento com todos os meios ao nosso dispor.

2) É possível que a reunião, teórica e organizativa, do movimento operário exija alguns anos e que então este venha a tomar o poder na Alemanha durante os próximos, ou mais concretamente, nos dois próximos decénios, como movimento *acabado* com uma direcção mais bem formada e decidida. Esta perspectiva é muito verosímil em si mesma, mas exige desde já um trabalho preparatório enérgico, ininterrupto e incansável.

3) Esta possibilidade é a de que não se realize, ou pelo menos não tão suficientemente depressa, a unificação do movimento operário sob uma nova direcção melhor e mais digna de confiança e que o fascismo internacional reforce, por todo o lado, as suas posições, sobretudo pela sua habilidade natural em atrair as crianças e os adolescentes e assegure uma base de massas duradoira e que, além disso, uma vaga conjuntura, mesmo fraca, lhe seja favorável; o movimento socialista deverá contar então com um período muito longo, de várias dezenas de anos, de barbárie económica, política e cultural e terá de dar provas de que não se enganou fundamentalmente e que, apesar de tudo e em última análise, tem razão. Esta eventualidade mostra a grande responsabilidade que nós assumimos.

Tanto quanto as condições o permitam, preparar-nos-emos para a primeira eventualidade, faremos da segunda, que é a mais provável, o objectivo próprio do nosso trabalho; concentraremos todas as nossas forças na sua concretização e reuniremos a maior força humana para eliminar a terceira eventualidade.

Portanto, se nós temos por objectivo assegurar a unidade e a eficácia da classe operária, a sua aliança com todas as camadas da população trabalhadora, devemos, contudo, recusar duma vez todas essas tendências que falam muito de «realização da unidade» mas que, de facto, praticam a divisão sem o quererem. A que se deve que, ainda hoje, depois do desastre alemão, continue a formação de grupúsculos sectários; que nos meios responsáveis na Alemanha como no estrangeiro se ofereça o espectáculo pouco encorajador da persistência das velhas discussões escolásticas, dos insultos recíprocos que não querem ceder o lugar a um domínio real voltado para a realidade de hoje? Pensamos que esta nefasta adesão a velhas palavras, esquemas, fórmulas e modos de discussão, gastos até ao sabugo e esclerosados, provém da ausência de uma nova maneira de colocar as questões, de uma nova maneira de pensar, de uma maneira de ver as coisas inteiramente nova e original. Estamos convencidos de que mesmo uma única ideia bem escolhida, uma só palavra de ordem pertinente, de tipo novo, reuniria imediatamente toda a gente, excepto os quezilentos irrecuperáveis, e poria fim às discussões estéreis. Alguns sentir-se-ão aqui «visados»; é precisamente desses que eu falo. Dar vida ao marxismo vivo é a tarefa imediata, sobretudo na análise da realidade e na discussão. Isto conduz à questão da fundação de uma nova organização internacional. Se esta organização não trouxesse ao seu primeiro congresso nada mais que os velhos métodos, fórmulas, maneiras de pensar e discutir, seria um nado-morto. Que queremos expropriar o capital, socializar os meios de produção, estabelecer o poder dos trabalhadores, dos soldados, assalariados e camponeses, sobre o capital, que queremos a verdadeira democracia do povo trabalhador, que para atingir este fim é necessária a conquista do poder, não por boletins de voto mas pelas armas, etc.... já o sabemos. Contentarmos-nos com dizê-lo novamente, fazer disto um programa, não teria grande valor porque já foi feito bastantes vezes. A grande questão consiste em saber porque é que as nossas organizações se esclerosaram, porque é que a burocracia nos sufocou, porque é que as massas

agiram contra o seu próprio interesse levando Hitler ao poder. Não seria necessário concentrar continuamente tantas energias nas questões — em si mesmas tão importantes, de estratégia e de tática — se se tivesse as massas consigo. Estratégia e tática apenas são usadas pelos diferentes grupos *uns contra os outros*. É preciso abordar estes problemas essenciais com noções inteiramente novas, com novas maneiras de influenciar as massas, com uma ideologia e uma estrutura pessoal inteiramente renovadas, antes de pensar em conseguir o que quer que seja. Não seria difícil mostrar que não falamos a linguagem das grandes massas que são, em parte, apolíticas, em parte ideologicamente escravizadas e que acabaram por permitir o triunfo da reacção. Elas não compreenderiam nem as nossas resoluções nem o que entendemos por «socialismo»; não teriam, como não têm, confiança em nós; leriam os nossos jornais por dever ou então nem sequer os leriam. De certo modo puseram-se em movimento porque eram confusamente socialistas, mas nós não pudemos explorar este sentimento confusamente socialista, favorecendo assim a ascensão de Hitler ao poder. O nosso completo fracasso na compreensão e animação das amplas massas é a razão essencial de numerosas lacunas, grandes e pequenas, do movimento operário, do apego dos social-democratas ao seu partido, do ressentimento e da humilhação de muitos dirigentes proletários, dos nossos hábitos de disputas fáceis e de marxistas escolásticos.

Um factor essencial, senão exclusivo, do fracasso do socialismo em todos os seus aspectos, factor que não se pode negligenciar ou considerar como secundário, é a ausência de uma psicologia política marxista eficaz, capaz de ser posta em prática. Esta ausência não provém somente do facto de ainda não estar elaborada esta psicologia de massas mas também porque no movimento operário existe um grande furor contra o ponto de vista psicológico, contra uma psicologia prática e deliberada. Esta nossa lacuna foi mais uma vantagem considerável para o inimigo de classe, foi a mais poderosa arma do fascismo. Enquanto que nós propunhamos às massas, vastas análises históricas e exposições econó-

micas sobre os conflitos imperialistas, elas entusiasma-  
vam-se por Hitler, sob o efeito de motivações afectivas  
profundas. Tínhamos, para falar como Marx, deixado a  
prática do factor subjectivo aos idealistas, tinhamo-nos  
tornado materialistas mecanicistas. Será exagero? Não  
estaremos a ver as coisas através das lentes do «respe-  
cialista»? Tentemos responder a esta pergunta com a  
ajuda de alguns exemplos concretos, uns mais impor-  
tantes, outros menos, aparentemente acessórios. Não  
propomos aqui uma panaceia, mas um pequeno contri-  
buto, que não é mais que um começo.

## AS DUAS ESPÉCIES DE CONSCIÊNCIA DE CLASSE

Para que seja eficaz uma política que se propõe  
como objectivo a conquista do socialismo e o domínio  
do trabalho sobre o capital, é de importância decisiva  
que não se contente em conhecer o efeito objectivo do  
desenvolvimento das forças produtivas sobre os movi-  
mentos e transformações sociais, o qual é independente  
da nossa vontade, mas que se aperceba também, dando-  
-lhe a mesma importância, do que se passa nas «cabeças»,  
quer dizer, na estrutura mental dos homens de todos  
os países, bairros, categorias profissionais, grupos etários  
e sexos que estão submetidos a estes processos objec-  
tivos e os realizam.

No movimento e na política socialistas, a noção de  
consciência de classe desempenha um papel primordial.  
«A aquisição da consciência de classe» pelas camadas  
oprimidas da população é a primeira condição para uma  
transformação revolucionária do sistema social em vigor.  
Queremos dizer claramente com isto que os homens devem  
mudar sob a influência dos processos económicos e sociais  
para poder realizar uma acção como a revolução. Sabe-  
mos também que Lenine criou a vanguarda e o partido  
revolucionário a fim de favorecer, acelerar, concentrar,  
transformar em força política, esta mudança dos homens.  
Na vanguarda, que é a elite e a fracção mais consciente

dos militantes socialistas, a consciência da sua situação  
social, dos meios de a dominar, das vias que podem  
conduzir ao socialismo, deve concentrar-se, apurar-se e  
habituar-se à previsão, precisamente até ao grau a que  
se trata de levar as classes trabalhadoras, se se quer con-  
seguir a revolução. É isto que constitui, nem mais nem  
menos, a problemática política resumida pela expressão  
«frente única».

Dois exemplos bastam para mostrar que estamos  
muito longe de ter compreendido concretamente o que  
é a consciência de classe.

Na brochura recentemente aparecida «Neu bebinnen»  
(«Recomeçar»), a necessidade de um «partido revolucio-  
nário», de uma direcção revolucionária no pleno sentido  
da palavra, está muito bem colocada, mas é negada a  
existência de uma consciência de classe do proletariado:  
«Na base de todas as ideias e iniciativas (das II e III  
Internacionais) encontra-se a crença numa espontanei-  
dade revolucionária inata do proletariado... E se esta  
espontaneidade não existisse senão na cabeça dos  
membros dos partidos socialistas sem que nada lhe  
corresponda na realidade? Se o proletariado, por si  
próprio, isto é, pelo jogo das forças sociais natu-  
rais, não fosse de modo nenhum conduzido à «luta  
final»... Incapazes de pensar para além dos seus dogmas  
e das suas teses, creem, com um fervor quase religioso,  
nas forças revolucionárias espontâneas...» (pag. 6).

A luta heróica travada pelos operários austríacos de  
12 a 16 de Fevereiro de 1934<sup>1</sup> prova que pode existir,  
concerteza, uma espontaneidade revolucionária sem consi-  
ciência da «luta final». A espontaneidade revolucionária e  
a ideia da «luta final» são duas coisas diferentes.

Daqui se conclui que a direcção deve, pois, levar a  
consciência de classe às massas. Com certeza! Mas  
como é possível, se não estamos informados sobre o

<sup>1</sup> O Heimwehr, obedecendo às instruções de Dolfuss, o chanceler  
austríaco, bombardeou casas de trabalhadores em Viena com o objec-  
tivo de esmagar as associações socialistas de trabalhadores que tinham  
conclamado para uma greve geral que não podia ser quebrada senão  
pela força das armas. Cerca de mil pessoas, homens, mulheres e crian-  
ças, foram massacradas nesses poucos dias. (Nota da versão inglesa).

que chamamos consciência revolucionária? Na Alemanha havia cerca de 30 milhões de trabalhadores animados de sentimentos anti-capitalistas, o que era número mais do que suficiente para a revolução social, mas foi o fascismo que tomou o poder precisamente com a ajuda dos sentimentos anti-capitalistas dos seus partidários. Serão já consciência de classe os sentimentos anti-capitalistas ou uma simples disposição para a consciência de classe ou ainda apenas uma condição da sua formação? Lenine criou a noção de vanguarda e de partido, assim como a própria organização, tendo em vista completar o que a massa não podia, ela própria, espontaneamente realizar:

«Dissemos que os operários também não podiam ter uma consciência social-democrata. Esta não pode ser-lhes transmitida senão do exterior. A história de todos os países mostra que a classe operária reduzida às suas próprias forças não pode adquirir senão uma consciência trade-unionista, quer dizer, convencer-se da necessidade de se unir sindicalmente, de travar a luta contra o empresário, exigir do governo esta ou aquela lei social, etc.... (Lenine).

A classe operária cria, pois, a partir da sua situação uma «consciência», insuficiente é certo, para abalar a dominação do capital (para isso é preciso um partido solidamente organizado) mas que comporta talvez formas embrionárias ou elementos do que se chama consciência de classe ou consciência revolucionária. O que é esta «consciência»? Como compreendê-la? Quais são os seus aspectos concretos?

Se se nega que aquilo a que se pode chamar consciência de classe, ou os seus elementos ou condições, se forma na classe explorada é porque não se conhecem as formas concretas desta consciência; além disso, a direcção está num impasse: apesar da sua intrepidez, preparação e outras qualidades suas, jamais direcção alguma poderia introduzir nas massas o que se chama consciência de classe, se não se encontrar já no proletariado alguma coisa que se lhe assemelhe. Que se deve então levar às massas? O conhecimento altamente especializado do processo sociológico e das suas contradições? Ou o complicado conhecimento das

leis da exploração capitalista? Os partidários da Rússia revolucionária teriam este saber (conhecimento) quando combatiam com entusiasmo, ou não tinham necessidade dele? Eram operários e camponeses «dotados de consciência de classe», ou simplesmente rebeldes? Levantamos estas questões para mostrar até que ponto elas não têm saída.

Procuremos um ponto de partida na experiência e na prática primárias.

Recentemente, discutia-se muito, num grupo político, acerca da consciência de classe e da necessidade de a «elevar massivamente». Os participantes tiveram de pôr, pela primeira vez, a questão: de que se estava a falar exactamente? Que é que se quer dizer ao falar de consciência de classe? Um entre eles<sup>2</sup> que se tinha mantido em silêncio até então, interpelou um dirigente, zeloso defensor da consciência de classe do proletariado alemão, para que enumerasse cinco elementos da consciência de classe, e eventualmente cinco factores que contrariassem o seu desenvolvimento. Se se quer desenvolver a consciência de classe, disse ele, deve-se saber em primeiro lugar o que se quer desenvolver, porque é que a consciência não se desenvolve espontaneamente sob a pressão de necessidades de toda a espécie e também, portanto, o que a impede de se desenvolver. A pergunta parecia lógica. O responsável interrogado ficou um tanto admirado, hesitou um instante e depois respondeu com segurança: «Mas a fome, com certeza» — Será que um membro das S.A.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Trata-se do próprio Reich, aquando de uma reunião de trotskistas alemães em Paris em 1933; foi depois desta reunião que começou a escrever esta brochura. (Nota da versão francesa)

<sup>3</sup> A secção de assalto (Sturmabteilung), no princípio simples «serviço de ordem» do partido nazi, tornou-se uma milícia numericamente muito importante. Mas, próximo da base de massas do partido, nunca passou de um bando de desorganizados.

Como força mais segura, Hitler criou um «corpo de guarda» pessoal (Schutzstaffel, ou SS), cujo comando confiou a Himmler, em 1929. Uma vez no poder, em 1933, Hitler decidiu, contrariamente à sua propaganda revolucionária, não tocar na estrutura militar e industrial da Alemanha; não tendo podido fazer admitir este ponto à ala esquerda do partido, principalmente a S.A., mandou assassinar pela

esfomeado tem consciência de classe? foi-lhe replicado então. O ladrão que, levado pela fome, rouba uma salsicha, ou o desempregado que aceita participar por 2 marcos num desfile reaccionário, ou o adolescente que durante uma manifestação atira pedras à polícia terão consciência de classe? Se, portanto, a fome, sobre a qual o KPD (Partido Comunista Alemão) elaborou toda a sua psicologia de massa, em si não é ainda um factor da consciência de classe, que será preciso então? Qual é o seu aspecto concreto? E o que é que a liberdade socialista difere da liberdade nacional prometida por Hitler?

As respostas não foram absolutamente nada satisfatórias. Os jornais de esquerda tinham feito estas perguntas e tinham-lhes dado resposta? De modo algum. A concepção, segundo a qual a classe oprimida pode, por si própria, sem direcção, através duma vontade revolucionária espontânea, assegurar a vitória da revolução, é tão falsa como a ideia contrária segundo a qual esta vitória dependerá unicamente da direcção, a qual teria apenas de criar a consciência de classe. A direcção nunca a conseguiria, se essa consciência não estivesse já lá, ainda que de forma espontânea. Portanto, se é verdade que a revolução social tem por condição subjectiva (primeira) o acordo entre um certo estado psíquico da massa com a consciência mais elevada da direcção revolucionária, cada vez se torna mais necessário responder à pergunta «O que é a consciência de classe?» Se se objecta aqui que a questão é supérflua, porque sempre se afirmou que [a consciência de classe] tem de se apoiar nas «necessidades quotidianas» nós perguntamos então: será «desenvolver a consciência de classe» exigir a instalação de ventiladores numa empresa? E que acontece quando o conselho de empresa N.S.B.O.<sup>4</sup> o faz também, e talvez até com mais engenho (talento)?

S.S. em 1934, Roehm e outros responsáveis da S.A. e outras pessoas que o incomodavam; é a este acontecimento que Reich alude mais à frente, na sua «Nota durante a correcção».

Para mais pormenores sobre o movimento nazi, pode ler-se o livro de William Shirer, «Le Troisième Reich des origines à la chute». (Nota da versão francesa).

<sup>4</sup> O «sindicato» nazi (Nationalsozialistische Betriebsorganisations). (N. T.)

Ganhou assim o pessoal? Onde está a diferença entre a defesa dos «pequenos interesses» pelos socialistas e esta mesma defesa pelos fascistas, entre o nosso slogan de liberdade e o slogan «a força pela alegria»? <sup>5</sup>

Pensa-se na mesma coisa quando se fala na consciência de classe do aprendiz e na do dirigente de um movimento de juventude? Diz-se que a consciência das massas deve ser elevada ao nível da consciência de classe revolucionária; se se entende por isso o conhecimento especializado do curso da história que o dirigente revolucionário deve possuir, corre-se atrás de uma utopia. Nunca se conseguirá, no capitalismo, qualquer que seja o meio de propaganda utilizado, infundir este conhecimento especializadíssimo nas vastas massas que devem levar a bom termo a insurreição e a revolução. Uma vez que nos comícios eleitorais as pessoas se contentavam em proferir slogans (palavras de ordem) ou então, como aconteceu muitas vezes no Palácio dos Desportos em Berlim, fazer discursar um dirigente durante horas sobre a política financeira da burguesia ou o antagonismo americano-japonês, eram a excitação e o entusiasmo iniciais que se abafavam imediatamente, atribuindo-se às massas interesse e os requisitos para assimilar análises económicas objectivas e destruía-se nos milhares de auditores o que justamente se chama sentimento de classe. A política marxista revolucionária tem até agora partido do princípio de que existe uma consciência de classe perfeita no proletariado, pronta a manifestar-se, sem ser capaz de a analisar em pormenor e concretamente. Ela atribuiu o seu próprio conhecimento dos processos sociológicos — aliás frequentemente errados — à consciência das classes oprimidas, o que foi recentemente classificado de «idealismo subjectivo». Contudo, em todas as reuniões comunistas se encontrava inequivocamente a «consciência de classe» da massa e a atmosfera distinguia-se nitidamente da de qualquer organização política.

Deve haver, portanto, nas vastas massas uma espécie de consciência de classe que se distingua fundamental-

<sup>5</sup> Nome de uma organização alemã, de tempos livres, que retoma o modelo do «Dopolavoro» italiano. (Nota da versão francesa).

mente da da direcção revolucionária. Portanto, haveria concretamente dois tipos de consciência de classe: a da direcção revolucionária e a da massa; as quais devem convergir e concordar uma com a outra. A tarefa mais premente da direcção, para além do conhecimento preciso do processo histórico objectivo, é a de compreender:

a) *Quais as ideias e desejos progressistas existentes nas diferentes camadas, profissões, classes etárias e sexos;*

b) *Quais os desejos, angústias e ideais que entram o desenvolvimento do aspecto progressista («dixações tradicionais»).*

A consciência de classe das massas não existe já formada como o julgava a direcção do Partido Comunista Alemão (K.P.D.) mas também não está completamente ausente e nem tem tão pouco a estrutura que lhe atribua a direcção do Partido Socialista; apresenta-se antes sob a forma de elementos concretos que em si próprios ainda não são consciência de classe (a fome, por exemplo) mas que poderiam produzi-la ao reunirem-se; estes elementos também não estão presentes no estado puro, mas misturados e impregnados de forças e representações psíquicas de sentido contrário. Um Hitler com a sua fórmula segundo a qual as massas são influenciáveis como crianças e só repetem o que lhes foi metido na cabeça, tem razão apenas na medida em que o partido revolucionário não realiza a sua tarefa mais importante que é a de elaborar a consciência de classe a partir das suas formas elementares, clarificá-la e fazê-la progredir. Na Alemanha nada disto se tinha feito.

O conteúdo da consciência de classe do dirigente revolucionário não é de tipo pessoal; na medida em que os interesses pessoais (ambição, etc.) se misturam, entram a sua acção. Em contrapartida, a consciência de classe das mais vastas massas (com excepção da ínfima minoria de trabalhadores conscientemente revolucionários) é inteiramente de tipo pessoal. A primeira inclui o conhecimento das contradições da economia capitalista e das enormes possibilidades da economia socialista planificado, o conhecimento da necessidade da revolução social enquanto adaptação da forma de apropriação à forma de produção e das forças históricas de orientação

progressista ou reaccionária. A segunda está muito longe deste saber e destas vastas perspectivas, é feita do pequeno, do quotidiano, do banal. A primeira apreende o processo histórico e sócio-económico objectivo, as condições exteriores de natureza económica e social às quais os homens estão submetidos; este processo deve ser compreendido, é preciso apropriar-se dele e dominá-lo se se quer ser senhor dele e não escravo. Deve-se pois estabelecer uma planificação susceptível de eliminar as crises fatais e criar as bases necessárias à vida de todos os trabalhadores. Neste sentido, o conhecimento preciso dos antagonismos americano-japoneses, entre outros, é absolutamente necessário. A segunda, pelo contrário, é completamente alheia aos antagonismos russo-japoneses ou anglo-americanos e aos progressos das forças produtivas; está orientada para os reflexos, incrustações e efeitos deste mecanismo objectivo na subjectividade sob a forma das inúmeras pequenas questões da vida quotidiana; o seu conteúdo é pois o interesse pela alimentação, o vestuário, a moda, as relações com os outros, as possibilidades de satisfação sexual, em sentido restrito, os jogos e prazeres sexuais em sentido lato, tais como o cinema, o teatro, as festas e as danças, e também o interesse pelas dificuldades da educação das crianças, o arranjo da casa, a duração e o conteúdo dos tempos livres, etc.

A existência e as condições de existência dos homens reflectem-se, incrustam-se e reproduzem-se na sua estrutura mental, à qual dão forma. É só através desta estrutura mental que este processo objectivo nos é acessível, que podemos entravá-lo, favorecê-lo ou dominá-lo. Só por intermédio da cabeça do homem, da sua vontade de trabalho, da sua procura da alegria de viver, em resumo, da sua existência psíquica, que nós criamos, consumimos, transformamos o mundo. Foi tudo isto que esqueceram há muito os «marxistas» que degeneraram em economistas. Se a política geral, que diz respeito à economia e ao Estado e se situa ao nível histórico, tem por objectivo construir e consolidar o socialismo internacional, e não qualquer socialismo nacional (seja como for que

este se denomine) <sup>6</sup> isto é, se ela quer permanecer marxista, deve ir ao encontro da vida quotidiana, humilde, banal, primitiva e simples das mais vastas massas em toda a sua diversidade geográfica e social. É a única maneira possível de permitir a junção do processo sociológico objectivo com a consciência subjectiva dos homens, eliminar a contradição e o fosso que as separa; em resumo: dar aos trabalhadores que estão na base da civilização e criam a riqueza, a consciência dos seus direitos e permitir que eles tomem, por fim, consciência do nível de civilização a que já chegou a «élite» e do seu próprio modo de viver e da sua pouca exigência de que fazem uma virtude e qualificam muitas vezes de revolucionária. Se esta junção se realizasse, nós deixaríamos os debates filosóficos internos sobre vanguarda e tática para entrar na tática viva do movimento de massas, na actividade política ligada à vida. Não é demasiado ousado pretender que o movimento operário talvez tivesse evitado uma longa história de sectarismos, capelas, escolástica, divisionismos e cisões, que talvez tivesse tornado mais curto o duro caminho para o que é essencial para todos, o socialismo, se a sua propaganda, a sua tática e a sua política não tivessem sido inspiradas pelos livros, mas tirados, sobretudo, da vida das massas. É um facto que hoje a juventude está em muitos aspectos muito mais avançada do que os seus «dirigentes» que vêem apenas um interesse «táctico» em coisas como a vida sexual que são evidentes para a juventude. Deveria ser o contrário; o dirigente deveria ser a incarnação da primeira espécie de consciência de classe e elaborar a segunda. Os mais conhecedores das lutas ideológicas do movimento operário seguiram-nos até aqui mais ou menos de boa vontade e perguntarão talvez: «Mas não há nada de novo aqui! Porquê este longo discurso?» Podem ficar convencidos que muitos dos que a princípio estão de acordo connosco se mostram hesitantes logo

---

<sup>6</sup> Hitler pregava um socialismo nacional baseado nas virtudes próprias do povo alemão. Chamou ao seu partido «Partido operário nacional socialista da Alemanha» [Nationalsozialistische deutsche Arbeiterpartei, N.S.D.A.P., «nazi» por abreviatura]. (Nota da versão francesa)

que se chega ao concreto; imaginam objecções e dúvidas, têm tendência a tomar partido contra nós invocando Marx e Lenine. A todo aquele que se sinta tentado a fazê-lo, recomendamos, mais uma vez, antes de continuar a leitura, que tente definir claramente cinco elementos concretos da consciência de classe e cinco obstáculos à sua formação.

Os que concebem a consciência de classe como uma disposição moral terão muita dificuldade em admitir os seguintes factos:

A reacção política, com o fascismo e a Igreja à cabeça, exigem da massa trabalhadora a renúncia à felicidade terrena, a decência, a obediência, a resignação, o sacrifício pela nação, pelo povo, pela Pátria. O problema não é o de exigirem isso mas que vivam politicamente e engordem à custa do cumprimento dos preceitos pelas massas. Apoiam-se nos sentimentos de culpa do indivíduo médio, na humildade que lhe foi inculcada, na sua propensão a suportar as privações dócil e silenciosamente, por vezes até com alegria e, por outro lado, [apoiam-se] na sua identificação com o glorioso Führer, que lhes oferece o seu «amor pelo povo» como substituto da satisfação real. É certo que a vanguarda revolucionária também está submetida a uma ideologia análoga em virtude das suas condições de existência e dos fins que pretende alcançar. Mas o que é válido para um dirigente de um movimento juvenil já o não é para os jovens que o seguem. Se se quer mobilizar a massa popular na batalha contra o capital, desenvolver a sua consciência de classe e levá-la à revolta, é forçoso admitir que o princípio de renúncia é nocivo, pesado, estúpido e reaccionário. Ora, o socialismo afirma que as forças produtivas da sociedade estão bastante desenvolvidas para assegurar às massas de todos os países uma vida conforme ao nível de civilização. *Ao princípio de renúncia apresentado pela reacção é preciso opôr o princípio da felicidade terrena; compreende-se bem que com isto não queremos dizer jogar à malha nem beber cerveja.* A humildade das pessoas «simples» que é virtude para a Igreja e para o fascismo, é o maior erro do ponto de vista socialista, é um dos múltiplos factores que jogam contra a consciência de classe. O

economista socialista pode provar que há riqueza suficiente para assegurar uma vida feliz a todos os trabalhadores. Basta fornecer esta prova de maneira ainda mais completa, detalhada e assídua, com todo o cuidado da pesquisa científica.

O trabalhador médio da Alemanha ou de outro país não se interessa pelo plano quinquenal da União Soviética «em si» mas unicamente pela questão do aumento da satisfação das suas necessidades. Ele raciocina mais ou menos assim: «se o socialismo nos vai trazer novamente o sacrifício, a renúncia, a penúria e a privação, pouco nos importa que esta miséria se chame socialismo ou capitalismo». A economia socialista deve provar a sua superioridade mostrando-nos que pode satisfazer as nossas necessidades e fazer face ao seu aumento». O que quer dizer que o *heroísmo da direcção não vale nada para as grandes massas*. Se em períodos revolucionários se impõem privações às massas, elas têm o direito de exigir provas concretas de que esta privação se distingue da do capitalismo pelo seu carácter transitório. A apresentação desta prova é uma das dificuldades que encontra a teoria da possibilidade do socialismo num só país. Esperamos aqui que esta tese suscite indignação. Não faltarão acusações de «mentalidade pequeno-burguesa» e de epicurismo. No entanto, Lenine prometeu aos camponeses a terra dos grandes proprietários embora soubesse que essa divisão das terras favorecia a «mentalidade pequeno-burguesa»; ele realizou a revolução em grande parte com esta palavra de ordem, com os camponeses e não contra eles; e não há dúvida de que ao fazer assim violou um dos princípios básicos da política e da teoria socialista: o colectivismo. Os revolucionários húngaros tinham, pelo contrário, princípios muito elevados mas nenhuma noção do factor subjectivo: *sabiam o que a história exige* mas não o que exigem os camponês; socializaram imediatamente a grande propriedade e perderam a revolução. Este exemplo, entre tantos, bastará para provar que não se pode atingir o objectivo final, o socialismo, sem passar pela satisfação de objectivos menores e imediatos dos indivíduos mediante um vigoroso aumento

da satisfação das suas necessidades. Só então o heroísmo revolucionário pode conquistar as largas massas.

Poucos erros tão graves há como o de conceber a «consciência de classe» como uma noção ética. Até agora a concepção ascética da revolução apenas tem conduzido a dificuldades e a derrotas.

Alguns exemplos permitem verificar se a consciência de classe deve ser considerada como sendo de natureza moral ou de natureza amoral e racional:

Se dois homens A e B têm fome, um pode resignar-se, não roubar, mendigar ou ficar esfomeado; o outro pode procurar alimento pelos seus próprios meios. Uma vasta camada do proletariado vive segundo os princípios de B. Chama-se «lumpen-proletariado». Não partilhámos da admiração romântica pelo mundo dos malfetores mas é preciso esclarecer o assunto. Qual dos dois tipos de homens acima citados tem mais elementos de consciência de classe? Roubar não é ainda um índice de consciência de classe; mas uma breve análise mostra — mesmo se isto choca o nosso sentido de moral — que o que não se adapta às leis e rouba quando tem fome, exprimindo assim a sua vontade de viver, é possuidor de maior capacidade de revolta do que o que se entrega docilmente ao matadouro do capitalismo. Mantemos a tese de que o problema fundamental de uma boa psicologia não é saber porque rouba o esfomeado mas, ao contrário, porque é que não rouba. Dissemos que roubar não é ainda consciência de classe; certo! Um tijolo não é ainda uma casa mas uma casa constroi-se com tijolos; são também precisas tábuas, cimento, vidro e — se se pensar no papel do partido — engenheiros, pedreiros, carpinteiros, etc.

Caímos num fosso fatal ao querermos considerar a consciência de classe como uma exigência moral, rivalizando com a burguesia e os seus porta-vozes na condenação da sexualidade juvenil, da personagem da prostituta, da infâmia do criminoso, da imoralidade do ladrão. A nossa concepção não estará em contradição com os interesses da revolução? Não poderá a reacção política usar a nossa concepção amoral de consciência de classe contra nós? Fá-lo-á e já q fez há muito, embora quizessemos

provar tantas vezes a nossa moralidade. Isto não serve para nada e só empurra as vítimas do capitalismo para a reacção política porque se sentem incompreendidas por nós. E também não ficamos a ser melhor considerados pela reacção política por isso. Para ela nós somos ladrões visto querermos expropriar os proprietários, privados dos meios de produção. Deveríamos então abandonar este objectivo fundamental ou dissimulá-lo? Não o explora também a reacção contra nós?

Tudo o que hoje se chama moral ou ética serve para oprimir a humanidade trabalhadora. Podemos provar, teórica e praticamente, que a organização social que preconizamos é capaz de transformar o caos em ordem verdadeira, precisamente por ser amoral. A posição de Lenine sobre a questão da ética proletária era nitidamente inspirada no seu interesse pela revolução proletária. Tudo o que serve a revolução é moral, tudo o que a prejudica é imoral. Tentemos formular a questão de outra maneira: *pode considerar-se como factores da consciência de classe tudo o que se opõe à ordem burguesa, tudo o que contém germes de revolta. Inversamente, consideramos como obstáculo à consciência de classe tudo o que se liga à ordem burguesa, a apoia e lhe dá força.* Conta-se que durante a revolução de Novembro, quando as massas desfilavam no jardim zoológico, os manifestantes tiveram o máximo cuidado para não pisar a relva. Esta anedota, quer seja verdadeira ou inventada, resume o que faz em grande parte a tragédia do movimento revolucionário: *o emburguesamento do actor da revolução.*

## 2. ALGUNS FACTORES CONCRETOS DA CONSCIÊNCIA DE CLASSE E ALGUNS FACTORES DE INIBIÇÃO NO INDIVÍDUO MÉDIO

Tentamos juntar aqui, sem justificação teórica profunda, algumas atitudes do indivíduo médio, parte das quais está especificamente orientada para a consciência revolucionária, e uma outra parte contrária à sua elaboração, isto é, actua num sentido reaccionário. Consideramos apenas as atitudes orientadas quer para a esquerda quer para a direita, e não as atitudes politicamente indiferentes podendo servir a todas as orientações políticas, como por exemplo a eloquência, o espírito crítico, o amor da natureza, etc.... Os exemplos que se seguem podem ser multiplicados à vontade; os que são aqui expostos elaborei-os com a ajuda de dois adolescentes.

### NOS ADOLESCENTES

(na idade da puberdade e depois da puberdade)

Os diversos partidos políticos têm dado, desde sempre, uma particular atenção à juventude porque esta tem o futuro à sua frente enquanto que a maior parte dos adultos, segundo uma expressão acertada, o tem «atrás de si». A juventude merece pois ser colocada em primeiro lugar. O facto de representar a classe etária mais activa está ligado às suas faculdades de entusiasmo, à maturação sexual, à disposição para *se comprometer* e para a acção que lhe está ligada. Estas qualidades não são, em si, orientadas para a esquerda ou para a direita. A Igreja, por exemplo, tem muitos mais jovens do que os partidos de esquerda. Contudo,

não é difícil distinguir factores contraditórios no seio da experiência juvenil tendendo uns para a esquerda outros para a direita. Há em todo o adolescente uma tendência a rebelar-se contra os pais, que são vulgarmente os órgãos executivos da autoridade estatal. Esta rebelião é o motivo principal da orientação dos jovens para correntes políticas de esquerda. Está sempre ligada a uma necessidade mais ou menos consciente, mais ou menos forte, de realização da vida sexual.

Quanto mais desenvolvidas são as tendências heterossexuais naturais, tanto mais a juventude se torna acessível às ideias revolucionárias. De igual modo, a preponderância activa da necessidade homossexual no psiquismo e recalçamento da consciência da sexualidade em geral levam a juventude para a direita. A inibição sexual, o medo da actividade sexual e o sentimento de culpa que se lhe associa, são sempre factores que o empurram para a direita ou que, pelo menos, põem entaves a um modo revolucionário de pensar. A ligação aos pais e ao lar paterno é um poderoso factor de inibição e irreversível.

Chamamos não reversíveis aos factores psíquicos que nunca poderão tornar-se elementos positivos da consciência de classe, portanto, que nunca poderão ser utilizados pelo partido revolucionário para a revolução social. Neste ponto não há senão uma excepção: a das crianças cujos pais têm convicções revolucionárias; a ligação aos pais pode ser então positiva, mas também se transforma frequentemente na sua contrária, dado que a oposição aos pais pode originar sentimentos reaccionários.

Há uma necessidade que, mais do que qualquer outra, agita a juventude e cuja satisfação seria da maior importância mas que não se encontra mencionada em nenhum manifesto ou programa da juventude: a necessidade de habitação, de quarto independente. Pode colocar-se imediatamente a seguir à revolta contra os pais, como factor positivo da consciência de classe. É, aliás, uma necessidade que em caso algum a ordem pretendida pela reacção pode satisfazer. Não é contrariado por nenhum factor de inibição e existe mesmo na rapariga que é reaccionária. A necessidade de viver numa colectividade de jovens é ainda um factor positivo ao

qual se opõe regularmente a ligação à família, a «nostalgia da casa», do lar. Esta pode ser eliminada por uma organização equilibrada da colectividade, isto é, quando a colectividade se torna num lar. Quase todos os jovens sentem uma poderosa atracção pela dança; contrariamente à ligação aos pais, é um factor reversível, quer dizer que é inibidor nas circunstâncias habituais mas pode favorecer a coesão revolucionária se o problema da relação da política com a vida privada tiver uma resolução revolucionária; na Alemanha, hábeis animadores de grupos de jovens conseguiram-no.

Na Alemanha actual, a necessidade de vida colectiva, tal como a atracção pela dança, servem enormemente a reacção política, que as organiza: nos cristãos, sob a forma de «encontros», nos nazis sob a forma de associações de juventude colectivistas.

Recebemos da Alemanha o seguinte relato:

«Falei recentemente com uma estudante de Berlim de 17 anos, que aqui passou as suas férias. Frequenta uma escola em Wilmersdorf e contou-me casualmente algumas coisas que te podem interessar bastante.

«Os rapazes e as raparigas das Juventudes Hitlerianas e da União das Raparigas Alemãs (Bund Deutscher Madel) têm uma liberdade incrível na escola e em casa, que se exprime naturalmente em amizades e actividades sexuais.

«Anteriormente, nenhuma rapariga da sua classe e da sua escola teria ousado fazer-se esperar à saída por um amigo. Hoje, os rapazes, sobretudo os da Juventude Hitleriana, estão em grupo diante da escola e todos acham isso muito natural. Já se chama ao B. d. M. «Bubi druck mich» (rapaz, abraça-me). O grupo do B. d. M. de Dahlem teve de ser dissolvido porque seis raparigas (menores de 18 anos) estavam grávidas.

«Contudo, é muito interessante ver como a tentativa de organizar a juventude conduz ao relaxamento dos entaves familiares, porque estes exemplos que me foram posteriormente confirmados, são muito sintomáticos».

Não é exacto dizer que os rapazes e as raparigas têm uma «liberdade incrível». Quem o afirma não vê as verdadeiras situações, as verdadeiras necessidades, as verdadeiras contradições. Já antes as raparigas

eram esperadas por rapazes diante da escola, e talvez mesmo diante desta escola de que se fala. Só sob o ponto de vista da moral pequeno-burguesa é que «ficar grávida» ou «ser esperada» aparecem como sinais «de uma liberdade sexual» da juventude. As liberdades que a juventude de Dahlem agora conquista tinham sido adquiridas há muito tempo em Neukolln<sup>7</sup>. É o conjunto que é preciso considerar: é preciso ver primeiro a gigantesca contradição que encerra a juventude hitleriana: por um lado, uma educação muito militarizada e autoritária, com separação de sexos; por outro lado, por causa da colectivização da vida dos jovens, uma ruptura dos laços familiares, o desabar da moral familiar que coexiste com uma ideologia familiar fascista muito forte. Os revolucionários alemães devem seguir com todo o cuidado a evolução de tais contradições e explicá-las aos interessados. No caso de que falamos, é preciso favorecer a ruptura da juventude com o lar familiar, fazendo ressaltar como esta ruptura contradiz o culto oficial do chefe e da família. É preciso mostrar também que a juventude, que manifesta a sua aspiração à liberdade e à auto-determinação, desfazendo os laços familiares, o que nós aprovamos, cai de facto numa outra relação autoritária, a do serviço civil ou da associação fascista, onde mais uma vez nada mais pode fazer senão calar-se. É precisamente no campo sexual que as contradições aparecem mais claramente. Os «costumes mais livres» correspondem à tendência progressista na juventude hitleriana porque, embora de maneira confusa e subjectiva, são revolucionários; mas uma direcção revolucionária nunca dissolveria uma associação de jovens porque algumas raparigas tinham ficado grávidas; isto significa à evidência, — e o nosso correspondente era bastante ingénuo para não o ver — que os costumes em questão desagradam e contrariam a direcção do N. S. D. A. P., contradizem toda a sua concepção moral. Temos que explicar a todos estes rapazes e raparigas hitlerianos o seu direito à plena auto-determinação e à tomada em mãos pela sociedade das suas necessidades e, em pri-

<sup>7</sup> Wilmersdorf, Dahlem, Neukolln: subúrbio de Berlim. (Nota da versão francesa).

meiro lugar, das suas necessidades sexuais. Considerar a situação actual como sendo já de liberdade sexual é não ver: primeiro que esta pequena liberdade é o bastante para provocar a intervenção do aparelho moral do Estado; segundo: que não se trata aqui senão de primeiros passos e que não se pode falar de liberdade:

— Enquanto toda a ideologia política e social a ela se opuserem.

— Enquanto os rapazes e raparigas não tiverem alojamentos onde estejam à vontade sem serem incomodados, enquanto não tiverem contraceptivos para evitar a gravidez, nem noção das exigências e dificuldades da vida sexual em geral.

— Enquanto a sua educação for tal que os predisponha a graves conflitos desde o início da sua vida sexual.

— Enquanto os rapazes e as raparigas estiverem separados nas associações.

— Enquanto não puderem determinar em comum com os seus educadores como se deve organizar a sua formação, a sua preparação para as tarefas da sua vida social.

— Enquanto aprenderem as datas do nascimento e da morte dos reis da Prússia e não a história dos rapazes e raparigas mais pobres e mais deserdados dos subúrbios de Berlim, Hamburgo, Juterborg, da mais desolada cabana camponesa.

*O ideal da juventude não pode ser de modo algum servir cegamente um «Führen» e morrer por interesses capitalistas apresentados como «interesses da pátria», mas sim compreender a sua própria vida e organizá-la como entender. A juventude só pode ser responsável por si mesma — é então que desaparecerá o fosso que separa a sociedade da juventude.* Quando esta tiver compreendido as razões deste fosso, compreenderá que está oprimida e tornar-se-á madura para a revolução social. Quando tiver suprimido praticamente este fosso, modificado a ordem social conforme as suas necessidades, dado à sua tendência para a liberdade uma saída real concreta e objectiva, ter-se-á tornado a executora da revolução social.

Não podemos demonstrar teoricamente à juventude de todos os países a necessidade da revolução social, mas podemos desenvolver essa necessidade a partir das necessidades e contradições da juventude. No centro destas necessidades e contradições encontra-se a questão capital da vida sexual dos jovens.

O trabalho nos meios juvenis ensina que contrariamente ao que os partidos políticos costumam afirmar, a compreensão da situação de classe é muito superficial e instável no adolescente em geral; apenas se encontra muito raramente de forma autêntica nos adolescentes muito amadurecidos intelectualmente, ou ainda provenientes de famílias com convicções revolucionárias e que não se submeteram a formas opressivas. A situação de aprendiz engendra mais a apatia e indiferença do que a atitude revolucionária. Só se poderia tornar positiva juntamente com outros factores, específicos da situação de classe, como por exemplo a necessidade de melhor ocupação de tempos livres. A própria fome, ao contrário das concepções correntes, é em si mesma mais um factor de marginalização e de formação de bandos do que consciência da situação de classe. Existe, assim como outras privações, até mais frequentemente nos jovens das S.A. ou nos jovens cristãos. No entanto estes factores podem tornar-se poderosas forças positivas se forem compreendidos na sua relação com outros factores existentes nos jovens como a sede de experiências românticas, as necessidades sexuais, a dependência em relação aos pais. É preciso ver bem que a fome só, na medida em que não desmoraliza, empurra sobretudo para os braços das organizações de beneficência de tipo burguês. A experiência concreta mostra que a fome é um estímulo bem mais activo no adolescente se se juntar, por exemplo, ao medo da educação vigiada que o adolescente identifica muito facilmente como instituição de classe.

A tendência para se ligar a um chefe e a ideias não tem, nos jovens, um sentido político determinado, é utilizável por uma qualquer orientação; chega a ser um factor prejudicial, se o partido revolucionário não o utiliza apropriadamente.

O gosto pelos desportos, pelos desfiles militares e pelos uniformes que agradam às raparigas (e reciprocamente), pelos cânticos militares, são nas actuais circunstâncias obstáculos ao movimento proletário pois a reacção política tem mais facilidades para a sua organização. O futebol, nomeadamente, tem um efeito directo de despolitização e favorece, pois, as tendências reaccionárias. Mas estas tendências são, em princípio, reversíveis, são capazes também de ser exploradas pela esquerda, mesmo que não se queira renunciar à tese toda-poderosa da fome.

As organizações revolucionárias não resolveram estas contradições, não desenvolveram as tendências revolucionárias, não eliminaram os obstáculos psíquicos; daqui não se deve concluir pela ausência de consciência de classe mas antes pela existência de lacunas psicológicas no trabalho revolucionário. Isto é provado pela incrível flutuação dos efectivos dos grupos revolucionários; apenas uma ínfima minoria se mantém e mesmo essa nunca mais que alguns anos. Não disponho de números, mas a experiência revelou que milhões de adolescentes, adultos, homens e mulheres de todos os meios, passaram pelas organizações revolucionárias durante a última década, sem por isso aderirem e ligarem-se à causa revolucionária. O que é que os levou para a organização revolucionária? Não havia uniformes nem vantagens materiais, apenas uma obscura convicção socialista, um sentimento revolucionário; a organização não soube desenvolvê-los e por isso aquelas pessoas não permaneceram. Porque é que em seguida se tornaram indiferentes ou se viraram para a reacção política? Porque tinham também dentro de si uma estrutura oposta, burguesa, que não tinha sido destruída. Porque é que esta não foi destruída e aquela encorajada e desenvolvida? Porque não se sabia o que era preciso favorecer e o que era preciso destruir. Não se podia lá chegar pela simples «disciplina». Muito menos com os desfiles e a música que os outros sabiam fazer bem melhor. Também não com palavras de ordem sem efeito concreto posterior porque o ruído político dos outros era melhor e mais forte. A única coisa que a organização revolucionária teria podido levar às massas

sem temer concorrência, e que com efeito não levou, a única coisa que poderia ter retido as massas que afluíam e atrair outras, teria sido saber o que o próprio escravo do capitalismo desejava sem ter plena consciência disso, ele que era ignorante, oprimido, que aspirava simultaneamente à liberdade e à protecção autoritária; formular e exprimir isto na sua linguagem em vez dele, pensá-lo em vez dele. Mas uma organização que rejeitava toda a psicologia como contra-revolucionária, não estava preparada para este género de trabalho.

Como se apresenta a consciência de classe, em traços largos...

### A QUESTÃO DA CONSCIÊNCIA DE CLASSE NAS MULHERES

As fórmulas «integração no processo de produção», «independência em relação ao homem», «direito ao seu próprio corpo» (e apenas houve a repetição destas fórmulas) eram um fraco apoio. É certo que o desejo de autonomia económica, de independência em relação ao homem, sobretudo de independência sexual, são, sem dúvida, o essencial da consciência de classe das mulheres. Mas o medo de perder mediante a legislação matrimonial soviética, o marido que é seu e que a sustenta, de não ter um objecto sexual juridicamente assegurado, o medo da vida livre em geral, que domina todas as mulheres, a sua grande capacidade para se prenderem, etc.... são factores negativos, inibidores, com igual força pelo menos. E, particularmente, o medo de que, pela projectada educação colectiva lhes tirassem os seus filhos, constituía um grande obstáculo à clarividência política, sobretudo nas mulheres pequeno-burguesas, mas também nas comunistas, não nas reuniões em que elas próprias defendiam esta educação, evidentemente, mas com tanto maior força sob a forma de conflitos domésticos com o marido, e de inibições políticas. Deveríamos ter sabido que a rebelião contra o casamento como vínculo económico e restrição sexual, podia ter-se tornado uma alavanca

poderosa do movimento revolucionário se aberta e sinceramente se tivesse analisado estas questões tão importantes para as mulheres. Em vez disto, os propagandistas que não tinham, eles próprios, as ideias claras, complicavam a questão ao falar do casamento soviético felicitando-se ao mesmo tempo que este casamento se tivesse reforçado na União Soviética de tal modo que as mulheres de inteligência média apenas podiam responder: «preconizais a dissolução do casamento e da família, mas lá, a mulher está de novo dependente do seu marido» ou, ao contrário «vós querem é entregar-nos todas aos homens». Tais contradições deveriam ter merecido um mais atento exame científico por grupos especializados em psicologia, e uma solução muito precisa por parte das organizações políticas. Isto dizia não só respeito às operárias da indústria, amadurecidas pelo trabalho na fábrica e mais orientadas para a esquerda, que, aliás, eram tão pouco tocadas como as outras, mas sobretudo à imensa maioria das donas de casa, empregadas domésticas, vendedoras, etc.... Segundo a nossa experiência, a ligação não conjugal, ou o desejo de uma tal relação, é uma factor susceptível de desenvolver uma poderosa acção contra as influências reacconárias. Mas dado que a isto se junta sempre a nostalgia da segurança conjugal, ela não pode desenvolver-se graças à simples formalidade da supressão da diferença entre conjugal e não conjugal operada pela legislação soviética. Muitas mulheres são revolucionárias na fábrica e reacconárias em casa. Isto consiste antes de mais em ideias morais e culturais contrárias aos interesses económicos e sexuais que são factores de crítica e de revolta. O feminismo que existe em diversas organizações burguesas é testemunho de poderosos impulsos revolucionários, que tendem conscientemente para a autonomia económica e, inconscientemente, para a sexual, de qualquer modo para a mudança e para a transformação da situação actual. Só o socialismo pode trazer uma resposta prática a estas questões mas os socialistas não fazem qualquer esforço para clarificar as ideias confusas das mulheres e fazer-lhes ver que querem simultaneamente coisas contraditórias, que perseguem objectivos socialistas mas que

não podem formulá-los com precisão e, por consequência, entregam-se a uma rebelião sentimental ou como a de Pankhurst<sup>8</sup>. Mesmo que só se desenvolvessem as inúmeras pequenas questões da vida pessoal nas suas relações com a vida social, *ter-se-ia posto ao menos alguma coisa em movimento*, nasceriam discussões nas quais os que têm qualquer coisa a dizer levariam a melhor; esses só poderiam ser os socialistas com a condição de não caírem nos debates formais do partido. O reaccionário fracassaria completamente se tivesse que afrontar explicações pertinentes. Desenvolveu-se entre as mulheres alemãs, no fim de 1933, um movimento notável e muito instrutivo, onde se pode aprender praticamente a dialéctica, melhor que nos livros. Elas recusam a situação de donas de casa, o que é um factor revolucionário, mas querem, em vez disso, «ser mulheres alemãs que lutam como Brunehilde», o que, sob este aspecto, é reaccionário. Tem de se ver claramente que a ideologia da mãe, que os nazis favorecem por todos os meios, é de natureza anti-sexual: ser mãe opõe-se a ser amada. As mulheres querem as duas coisas, mas não encontram saída para o antagonismo que a moral capitalista estabelece entre estas duas coisas e, sob pressão da reacção política, negam-se como seres sexuais. O feminismo, que na sua forma actual é reaccionário e orientado contra o sentimento de classe, é facilmente reversível porque é factor de mudança. Deve-se constatar que também nas mulheres é relativamente raro que a fome, em si mesma, e a preocupação da alimentação dos filhos originem uma atitude revolucionária; bem mais frequentemente originam um medo pela política em geral, a oposição à actividade política do marido e dos filhos, a apatia ou a prostituição. Tais preocupações e angústias poderiam tornar-se os principais motores da consciência de classe, se fossem situados nas suas verdadeiras relações com

<sup>8</sup> Emmeline Pankhurst [1858-1929]: sufragista inglesa, fundou em 1908 a "Women's Social and Political Union" que constituiu até 1914 a ala extremista do movimento reivindicativo do voto para as mulheres. Foi condenada oito vezes a penas de prisão. Lenine refere-se-lhe n'«A doença infantil do comunismo (o esquerdismo)». (Nota da versão francesa).

as outras forças que agem no mesmo sentido ou em sentido contrário. É uma questão muito difícil, por exemplo, saber se a preocupação da beleza do corpo e a vaidade, que representa hoje um grande obstáculo ao pensamento e ao sentimento revolucionário, são de qualquer modo reversíveis. Não acreditamos que uma organização revolucionária consiga inculcar na massa das mulheres a simplicidade e a recusa da vaidade que reinam hoje nas mulheres comunistas. Entre adoptar a frivolidade burguesa e adoptar um momento de vida ascético, é preciso encontrar a via que tenha em conta tanto as exigências das lutas de classe como as necessidades naturais de beleza. Os nossos políticos não querem crer que estas coisas mereçam ser discutidas; convidámo-los pois a estudar o mecanismo graças ao qual a reacção política retém as mulheres no seu campo. A questão incontestavelmente mais importante para o movimento feminista é a do futuro da família e a educação das crianças. Nas organizações alemãs de política sexual, o facto de se explicar que o socialismo apenas dá outras formas de vida colectiva do homem, da mulher e das crianças, de se explicar sobretudo que o que se chama a destruição da família pelo bolchevismo significa a independência dos interesses sexuais relativamente às restrições económicas, foram muito eficazes para trazer as mulheres à nossa causa. A evolução actual da ideologia da família na Alemanha merece a maior atenção, por exemplo, no que diz respeito à contradição entre a família e o serviço nas S.A. para os jovens. Só estudando-a com precisão se obterão os meios necessários a uma política feminista eficaz. Sendo certo que a substituição aumenta inexoravelmente no fascismo, sob o efeito da pressão moral, faz também parte, a vários títulos da política proletária, atrair as prostitutas à nossa causa.

Na Alemanha, numerosos factos permitem ver, se e como, a consciência de classe ou as suas premissas existem na população e o que a vanguarda revolucionária deveria fazer. Falámos já do movimento Brunehilde no qual as mulheres se revoltam vagamente contra o retorno ao lar e a escravidão conjugal. Goebbels teve que se

pronunciar, recentemente, sobre uma questão extremamente penosa para o nacional-socialismo. Depois de alcançar o poder, o N.S.D.A.P. tinha reforçado consideravelmente as leis que reprimiam o aborto e a contracepção, tinha confiado toda a educação das crianças às instituições religiosas e militares, tinha proclamado que a família era a base da nação e do Estado, tinha enunciado o princípio «uma mulher alemã não fuma» ao mesmo tempo que combatia os cabelos curtos à rapaz, reintroduzia os bordéis, expulsava as mulheres das empresas, e dava ao homem uma posição privilegiada ante diluviana e muitas coisas mais. Portanto, de acordo com a sua função histórica, tinha posto em marcha a mais violenta reacção cultural. É evidente que muitos funcionários tomaram estas medidas à letra. Numa pequena cidade, uma fábrica de sabões tinha publicado um cartaz no qual uma bonita rapariga apresentava um pacote de detergente na mão. Um responsável nazi proibiu o cartaz porque ofendia «o sentido moral da população»; tais factos levaram Goebbels a opor-se aos «incompetentes censores dos costumes e falsos apóstolos da decência». Rejeitou a falsa virtude, censurou os que queriam instalar nas cidades e no campo comissões de decência que só teriam levado à hipocrisia, à delacção e à chantagem. As mulheres, diz ele, já têm medo de sair sós, ou de ir sózinhas ao restaurante, de sair com um rapaz sem dama de companhia, de se vestir bem, etc.... Textualmente: «...e se elas fumarem um cigarro em casa ou em público não será preciso condená-las e repudiá-las por isso». O nacional-socialismo não é um movimento pietista<sup>9</sup>. Não se devia tirar ao povo a alegria de viver, mas, pelo contrário, devia haver mais interesse pela vida e ser menos hipócrita, haver mais moral e menos moralismo (Moralin). Que quer isto dizer? Que se deve reter deste discurso?

Primeiro, que a política cultural nacional-socialista suscitou uma viva revolta nas mulheres, de contrário Goebbels não se teria pronunciado dessa maneira.

<sup>9</sup> Seita protestante alemã. (N. T.)

Segundo, que esta revolta é importante, senão Goebbels não teria necessidade de intervir, como o tinha feito Roehm, num sentido contrário ao nacional-socialismo e à sua ideologia. Os chefes nazis são extremamente hábeis em psicologia de massas e preferem deturpar um princípio da sua visão do mundo a pôr em perigo a base do seu poder.

Terceiro, que *Goebbels nada tem a dizer*, que ele não compreende nem pode resolver a contradição em que se encontra o nacional-socialismo com a sua ideologia reaccionária quando se confronta com os partidários da revolução, e isto em todos os domínios.

Quarto, que temos aqui, de maneira impura e confusa, um fragmento da consciência de classe socialista, a que o trabalho revolucionário poderia ter-se dedicado se tivesse começado por sua própria conta a tornar a questão clara; o problema de psicologia colectiva é o de *confirmar o sentimento revolucionário* do partidário dos nazis tornando-lhe evidentes os resultados reaccionários, e, por outro lado, mostrar ao militante do S.P.D.<sup>10</sup> a sua inibição *pequeno-burguesa* e, de uma maneira geral, mostrar claramente as contradições em vez de só ver o reaccionário no membro das S.A. e só ver o revolucionário «que ainda não vê muito-claro» no membro do S.P.D.

Quinto, que uma tal intervenção de um Goebbels fortalecerá a fé nacional-socialista dos antigos fiéis que se tinham tornado hesitantes, fá-los-á voltar às fileiras e desconcertará ao mesmo tempo os seus opositores declarados, se se não mostrar claramente que todo o problema é insolúvel no terceiro Reich. E é insolúvel em quê?

Reforçar a família e vincular a mulher ao lar exige medidas como as que adoptou o nazi, mas contradiz completamente o elogio da vida destinado a atenuar a revolta. Mais ainda: o elemento central da ideologia nazi é a sua moral (honra, pureza, etc....). Se alguém tivesse reflectido suficientemente e perguntasse numa assembleia

<sup>10</sup> Partido Social-Democrata [Sozialdemokratische Partei Deutschlands]. (N. T.)

em que é que a moral se distingue concretamente de um moralismo, qualquer responsável nazi se teria sentido embaraçado. Bastaria que a questão fosse posta de uma maneira concreta. Por exemplo: proibir uma mulher de sair sozinha com um jovem seria moralismo e não moral exigida pelo nacional-socialismo; seria, portanto, permitido sair só. Mas o que acontece quando um jovem beija a mulher? Será moralismo ou moral? Mesmo se ele deseja uma relação amorosa com ela? Isto faz parte da alegria de viver, não é? Se nesta altura o nacional-socialista fizesse mais um sacrifício e condescendesse com o amor livre, e julgámo-lo absolutamente capaz de o fazer, poder-se-ia perguntar então se tais liberdades não prejudicariam a solidez do casamento e da família, e o que aconteceria às crianças que viessem a nascer dessas ligações; se o nosso nazi o admitisse e explicasse que uma criança só o é quando filha de arianos<sup>11</sup>, justificar-se-ia uma nova pergunta: saber se todo o acto de amor deve levar a uma gravidez, e se não o que se deveria fazer, etc.

Ter-se-á de admitir que um tal debate público poderia ser organizado de maneira absolutamente apolítica, e seria mil vezes mais embaraçoso para os nazis do que milhares de panfletos ilegais, pela simples razão de que os nazis fariam propaganda a nosso favor sem se darem conta disso. Não há consciência de classe? Encontra-se nos interstícios da vida quotidiana! Seria impossível desenvolvê-la, porque iríamos parar à cadeia? Peguem nas perguntas que tocam mais de perto todo o nazi, perguntas às quais a reacção não pode responder e não haverá necessidade de discutir sobre o problema da consciência de classe. Qual o papel da vanguarda na ilegalidade? Aqui mesmo é que ele se situa! Nos conteúdos concretos da democracia proletária, e não nas palavras ou no slogan de democracia proletária, que para noventa por cento dos indivíduos não representam nada de concreto. Poderíamos encontrar milhares de exemplos, de toda a espécie, mostrando que não há um único pro-

blema desde que posto concreta e logicamente e seguido nas suas implicações, ao qual os nazis pudessem dar uma resposta, quer se trate da religião do sindicato, da relação do patrão com os seus operários, da sorte das classes médias, etc.... Trata-se de pôr as questões fundamentais que interessam toda a gente, sem programa prévio, a partir da vida dos homens e das suas relações espontâneas. Actualmente a direcção revolucionária não tem tarefa mais importante que a de encontrar os pontos fracos do nacional-socialismo e organizar as discussões nas massas de tal modo que elas não possam estagnar mas tenham, pelo contrário, um rejuvenescimento, sem que isso traga um perigo real. A revolução só pode desenvolver-se a partir das contradições da vida actual e não a partir dos antagonismos americano-japoneses nem a partir de incitamentos a manifestações e greves que ninguém pode conduzir a bom termo. Também não é estigmatizando os nazis como criminosos e sádicos, mas confrontando apenas a sua vontade subjectiva com a sua incapacidade para resolver os problemas.

Não nos devíamos agarrar tanto a provar que as nossas ideias ou são 100% exactas ou 100% realizáveis. A exactidão deve provar-se na prática. Basta-nos procurar com grande cuidado o que se passa na realidade, o que interessa as vastas massas, o que é fonte de contradições para a reacção. Uma teoria não pode estar completa desde o início de uma acção; só no decorrer da acção é que ela pode desenvolver-se e eliminar os seus erros. É evidente que isto é válido para o nosso esboço de elementos concretos da consciência de classe e dos factores que a ela se opõem.

## NOS TRABALHADORES ADULTOS

O trabalho colectivo na empresa é incontestavelmente a fonte mais importante do sentimento de classe. Mas ser proletário e trabalhar numa empresa e estar sindicalizado não significa ter consciência de classe,

<sup>11</sup> Os nazis pensavam que a pretensa raça ariana constituía a forma superior da humanidade. Cf. Reich «Psicologia de massa do fascismo», ou melhor Hitler, «Mein Kampf». (Nota da versão francesa)

embora as duas coisas sejam condições necessárias. Eis a prova: na Alemanha, numerosos trabalhadores que antes aderiram ao sindicato livre, colectam hoje o dinheiro para o N.S.B.O.<sup>12</sup> tão mecanicamente como o faziam para o sindicato quer tivessem pensado nisso ou não. Quando ser sindicalizado entrou na pele do trabalhador, como acontece no caso do alemão, a consciência é por vezes afectada pela natureza da organização. A propaganda nacional-socialista da «respeitabilidade do trabalho», da «igualdade do patrão e do operário», da unidade da empresa e da nação, permitiu adormecer facilmente o trabalhador médio, sobretudo o que tinha sido conquistado pela teoria social-democrata do liberalismo económico. O seu servilismo mental é tal que se sente satisfeito desde que se lhe assegure que é «membro total da nação», e sobretudo quando recebe um uniforme profissional. Quem subestima a força material da ideologia não fará nada de bom. Ela revelou-se no nosso período histórico mais forte que a pressão da necessidade material, senão não seriam Hitler e Thyssen que estariam no poder. Em vez deles estariam os operários e os camponeses. E os nacional-socialistas sabem muito bem o preço que é preciso pagar para atrair o operário. Avaliaram com precisão a importância do presente ideológico que era preciso dar aos trabalhadores para tornarem legal um direito de trabalho como o de Janeiro de 1934. São suficientemente espertos para saberem que promulgar tal lei é correr para o suicídio, se não tiverem suscitado, previamente, uma adesão ideológica profunda do operário à sua visão do mundo. Ley<sup>13</sup> organizou uma preparação ideológica de vários meses antes de aparecer a lei sobre o trabalho. Se nos deixarmos hipnotizar pela extrema brutalidade desta lei que rouba tudo ao operário, esquecendo-nos que a vemos *com outros olhos*, de que a sentimos *de modo diferente* do operário preparado ideologicamente, exprimimos apenas os nossos próprios pensamentos e contradições e

<sup>12</sup> O «sindicato» nazi. (N. T.)

<sup>13</sup> Dr. Robert Ley — Director da Frente do Trabalho, alto dignatário nazi. (Nota da versão francesa)

*não as suas* quando nos dirigimos a ele. O nosso trabalho sindical deve também ser procedido por um trabalho ideológico, longo e cuidadosamente reflectido, bem informado das *deformações ideológicas* sofridas pelo operário. O operário sente bem a acção que foi dirigida contra ele, o que é um elemento importante da sua consciência de classe, mas dispõe imediatamente de pensamentos e sentimentos que o impedem de tomar consciência de toda a gravidade da sua situação, que não domina, e fica assim sujeito às ilusões. O saco de batatas que Hitler deu como presente tinha um objectivo 99% ideológico e 1% prático. E o mesmo se passou com a redução dos preços dos transportes urbanos, etc.... O operário formado pela luta de classes não se deixara levar facilmente, mas muitos outros cederam. Só uma minoria está formada; a maioria, graças à política do sindicato livre, nunca fez greve; os operários «perigosos» já não estão nas empresas. Mesmo se o operário sente com precisão o que se passa com esta lei, ele vê-se sem direcção e, levado pela necessidade, tem de alimentar a esperança de que Hitler tem boas intenções, apesar de tudo, que, «ele também faz alguma coisa pelo operário». Aceita a esmola sem tomar consciência de que na realidade é ele o dono da produção e de que por isso nada lhe podem oferecer. Se o operário está obcecado pela ideia de que «mais vale um saco de batatas do que estar desempregado», não pode encolerizar-se perante a ideia de que o empresário, «cidadão» igual a ele, retire da empresa uma soma<sup>14</sup> mil vezes superior à sua. Se nos perguntarmos porque é que a sua revolta de classe é *entrevada* pela esmola do

<sup>14</sup> *Revenu*, na versão francesa; *income*, na versão inglesa. [Lucro, rendimento, provento, etc.] Neste caso optamos por uma tradução que não respeita inteiramente o significado dos termos referidos nas versões francesa e inglesa, mas que nos parece ser a tradução que melhor respeita o verdadeiro sentido da frase. Com efeito, o operário não retira da empresa um *lucro*, mas antes um salário. Lucro, retira-o o empresário à custa da exploração a que submete os operários obrigados a vender-lhe a sua força de trabalho. Foi para respeitar esta diferença que se introduziu a palavra «*soma*», susceptível de uma interpretação mais correcta que atenda, precisamente, ao antagonismo entre o capital e o trabalho. (N. T.)

saco de batatas, podemos constatar que é sobretudo a sua *responsabilidade familiar* que actua. É impossível levá-lo ao sentimento de classe exortando-o simplesmente à greve, como o fazem as pessoas tacanhas que ignoram o seu estado de espírito, ou exortando-o a aderir a sindicatos difamados, clandestinos, gravemente ameaçados, nos quais o operário não tem confiança; antes de mais, como operário revolucionário, deve-se pertencer também ao N.S.B.O. e mostrar ao colega que se compreende os seus problemas secretos não expressos, mostrar-lhe nomeadamente que reprime em si próprio a revolta e que se inibe de a exprimir por causa das preocupações familiares. Há problemas pouco conscientes que são típicos e dizem respeito a milhões de trabalhadores. Da mesma maneira que para o jovem trabalhador o problema típico mais frequente é, com o salário, a questão do alojamento e das raparigas, para o trabalhador adulto é a sua responsabilidade familiar que não se pode identificar, sem mais, à vinculação familiar burguesa. Quando se lhe diz «faz greve» ele não compreende o que se quer ou contenta-se em virar as costas. Mas se se lhe fizer compreender (estamos a esquematizar neste momento) que está confuso, que oscila entre a inacção e uma revolta que não se exterioriza, nomeadamente porque não se sabe se Hitler é um laçao dos empresários ou um chefe nacional íntegro, que quer ocupar-se de todos, como tenta sugerir o saco de batatas; Se se lhe fizesse compreender que está a deixar-se impressionar por discursos e festividades, que crê sempre na boa vontade das pessoas e que se submete facilmente porque é pai de família, e muitas outras coisas deste género, dar-lhe-íamos a entender que o tínhamos compreendido, o que ele percebe imediatamente. Ter-se-ia então provado que somos verdadeiramente revolucionários, porque teríamos recrutado um trabalhador, senão para a greve imediatamente, pelo menos para mais tarde, por muito pequenas que sejam estas ilhas de compreensão psicológica que venham a aparecer nos bairros, cidades, províncias e que se acumule de forma massiça o sentimento de que existem pessoas que sabem exactamente o que enche, revolta, faz hesitar, estimula e refreia ao mesmo

tempo qualquer indivíduo. Não seria necessário distribuir com dificuldade panfletos ilegais deste género — porque no-os tirariam das mãos; os seus autores não teriam de trabalhar com o sentimento de insucesso como acontece quando se obstinam em falar de sevícias e de burlas, mas teriam um sentimento de contacto imediato com o operário indiferente, ao qual se dirigem. Substituir-se-ia assim facilmente a propaganda cheia de ilusões pela verdade, a atoarda política inútil pelo domínio efectivo da situação.

Pequenos factos são muitas vezes bem mais reveladores que acontecimentos importantes. Eis um facto aparentemente insignificante que demonstrará o que quero dizer ao falar do sentimento de classe e do que o entra, e ao afirmar que a ideologia sexual burguesa representa o factor de inibição mais frequente. Num comboio local na Áustria, alguns operários e camponeses falam de política, da vida privada, de histórias de mulheres. Um jovem operário, pelos vistos casado, diz que as leis estão muito mal feitas. Estão feitas para os ricos e não têm utilidade nenhuma para os pobres. Prestei atenção à conversa para saber o que quer dizer este operário dotado de consciência de classe. Ele continua: «a lei do casamento por exemplo. O marido pode bater na mulher, diz a lei. Mas só os ricos o podem fazer. Se um pobre bate na mulher, é logo castigado». Quer isto seja exacto ou não, é bem revelador do estado de espírito do operário médio. Situa-se em relação ao rico e sente a desigualdade: neste momento *adopta* um ponto de vista de classe; mas baterá de boa vontade na mulher como a lei lho permite, e neste ponto sente-se lesado, como membro da sua classe. A moral sexual burguesa coexiste com a consciência de classe no mesmo operário. Os piores entraves à consciência de classe, em todos os membros da família, resultam do direito de propriedade sexual que o estado de classe concede ao homem, à sua autoridade sobre a mulher e os filhos. Estes entraves consistem em tornar dóceis todos os membros da família, em amarrar o homem à ordem burguesa, em fazer-lhe recusar, consciente ou inconscientemente, todo o tra-

balho político, etc.... Esta questão não é de ordem ética mas política, e só assim pode ser tratada. Deve mesmo figurar no primeiro plano da propaganda revolucionária e não ficar em último plano como até agora; pois se trata, talvez, do domínio da vida privada que tem a maior importância e o maior impacto político. A sua eficácia reaccionária no proletariado é comparável à das colónias de férias e do movimento dos jardins operários como formas de política familiar da pequena burguesia. Como factores negativos, inibidores da consciência de classe, notam-se em seguida as associações masculinas e a vida de café (taberna), a pequena propriedade, muito especialmente na pequena burguesia. Uma pequena parte dos pequenos proprietários sabia que a revolução não tocaria logo de início na sua pequena propriedade. O desejo de fazer carreira, a identificação com a empresa, o orgulho que o operário sente ao ver prosperar a empresa capitalista, por exemplo, a preocupação da segurança económica do funcionário e do futuro reformado, actuam sempre contra a formação da consciência de classe se o partido revolucionário não toma posição sobre todas estas questões de maneira positiva e muito precisa, se não dá respostas concretas que tenham valor para todas as camadas sociais às seguintes perguntas: depois da revolução o que acontecerá à minha casa, ao meu jardim operário (à minha horta), às minhas idas à taberna? Ao meu clube de malha, à minha autoridade sob a minha mulher e os meus filhos, ao meu direito à reforma de que tanto me orgulho? Vê-se por esta enumeração concreta o erro que não seria limitar e definir à priori o papel e o lugar da política sexual. Esta não é a única política oponível à reacção, como dizem os adeptos da política sexual, nem um simples problema de reformismo em matéria sexual. Ela está sobretudo repartida por problemas concretos da vida que constituem umas vezes um factor favorável à consciência de classe, como nos jovens, outras são um entrave à sua formação, como nas mulheres casadas, etc.... Deve fazer necessariamente parte do trabalho revolucionário, em ligação estreita com os problemas não sexuais, puramente económicos ou técnicos, e tão

pouco separada deles do mesmo modo que a vida os não separa.

Como se apresentam os factores favoráveis e desfavoráveis à consciência revolucionária.

## NA CRIANÇA

A política da infância tem sido sempre um dos pontos fracos no campo revolucionário<sup>15</sup>. De modo nenhum pensamos, como nos acusam, que sabemos tudo e que podemos resolver todos os problemas num ápice. Limitamo-nos a observar alguns factos, cuja análise é preciso continuar, e unicamente pedimos aos camaradas de luta que não critiquem mecanicamente, que não se contentem em falar de leninismo, mas que o apliquem correctamente «aprendendo mais e sempre», que examinem tudo de novo e que tudo compreendam de novo. Já afirmei que a política proletária para a infância era demasiado abstracta, não adaptada às crianças e que, sobretudo, ignorava o que pensa e sente uma criança — com excepção de alguns educadores muito hábeis. Aqui apenas podemos dar algumas indicações, sem ir ao pormenor, deixando a verificação material para os organismos visados.

A fome, a sub-alimentação real, é, sem dúvida, para a criança uma experiência de molde a agravar na sua memória o fosso que a separa do «menino rico», mas nada tem de revolucionário em si mesmo. Mais que o ódio contra os possuidores, ela suscita a inveja, a humilhação e os incitamentos ao roubo, como, por exemplo, nos bandos de crianças vagabundas. Ao querer basear na fome concreta a política da infância, teríamos um suporte demasiado frágil porque seria preciso atingir toda a massa de crianças que efectivamente passam fome; além disso, a indignação nunca é absoluta mas sempre relativa ao que tem mais. É preciso, pois, ocuparmo-nos

<sup>15</sup> Alguns anos antes de Reich, o pedagogo comunista Otto Ruhle tinha sido expulso do K.P.D. (Nota da versão francesa)

da inveja e da frugalidade engendradas pela privação contínua porque são um entrave ao sentimento revolucionário. A observação mostra que o motivo pulsional que mais incita a criança para convicções revolucionárias é a identificação com os irmãos mais velhos ou com os pais animados de uma consciência de classe. Mas este caso é raro. É verdade que uma criança revolucionária educada no ateísmo pode agitar por completo uma escola e pô-la de pernas para o ar; mas isto permaneceria accidental se não fosse organizado. Os textos para crianças difundidos por crianças na Alemanha tiveram pouco resultado, porque se propunham inculcar palavras de ordem áridas, em vez de suscitar o interesse da criança pelos problemas e assuntos reais do movimento proletário. Devo afirmar, contra toda a espécie de objecções mal fundadas, que não assentam em nenhuma experiência e que têm sido imitadas por animadores de grupos de crianças e por directores de organizações de infância, que as crianças reagem com muita facilidade e vivacidade às questões políticas se se usam as questões sexuais como intermediárias e se se adoptar uma certa atitude de camaradagem. A criança é tão imediatamente sensível à repressão sexual e, pelo contrário, tão pouco sensível logo de início às questões escolares, que não há que escolher. É uma informação sexual precoce e autêntica tem como resultado não apenas ligar a criança a quem permite essa informação e dissipar a sua desconfiança em relação ao adulto — desconfiança sempre presente noutras condições — mas também dar uma base mais sólida ao modo de pensar ateu e, por consequência, ao sentimento de classe. Aqui a dificuldade não é tanto das crianças mas dos adultos que têm de realizar esta tarefa. A partir desta base é fácil levar a criança a acções e sentimentos hostis à Igreja e ao capital; é impossível ou muito difícil suscitá-los de outro modo. Mas para realizar este aspecto positivo da tarefa é indispensável conhecer as graves inibições de que sofre a criança e que a conduzem mais tarde a ligações reaccionárias. Entremos numa casa de camponeses, na montanha, onde os pais têm convicções socialistas; a criança continua a ouvir, quando aparece um estranho: «diz bom dia», ou

então: «como é que se diz?», e a criança fica roída de angústia, torna-se «bem educada». Uma das tarefas mais importantes da frente proletária é lutar ideologicamente contra esta «boa educação»; o que a torna difícil é a própria formação burguesa do educador proletário. Os contos de fadas, as histórias de fantasmas, as ameaças («chamo já o polícia») que se usam habitualmente, fazem parte dos mais poderosos utensílios reaccionários da reacção política. Todos os pais proletários, salvo raras excepções, vingam-se em casa, nos filhos, da sua servidão na empresa. Aqui, ao menos, é o senhor, pode dar ordens e mandar em alguém. Se não é o cão, é o filho. É evidente que o facto de bater no filho resulta deste estado de espírito. Mas não serve de nada abster-se de o fazer cada um por si: o que é preciso é organizar sobre este assunto uma larga propaganda, à escala internacional; e é perfeitamente possível dentro do capitalismo. Toda a mãe que bate no filho na rua devia ser publicamente repreendida. A organização de uma medida deste género levaria rapidamente a opinião pública a participar na luta pela reintegração da criança na sociedade, contra o seu estatuto de escrava da família. Haveria então pessoas que sustentariam que o filho é «seu» e cada um lhe pode bater como quer, e outras de opinião contrária, que seriam na maioria indivíduos que nunca ouviram falar de comunismo e que ficariam imediatamente comprometidos na luta de classes, quer dizer, participariam num sector desta, de uma maneira mil vezes melhor, mais útil, mais prometedor, do que recebendo panfletos de «reivindicações» introduzidos por debaixo da porta e que vão parar ao cesto dos papéis. Os socialistas dos países capitalistas não deviam esperar instruções; deviam tomar posição segundo as suas convicções mais profundas pelo que lhes parece justo e útil e contra o que é injusto e nos prejudica.

Em vez de repetir que as organizações de base devem ter a iniciativa, é preciso sobretudo indicar em que domínios da vida social se podem desenvolver iniciativas. Para isso é preciso derrubar sistematicamente todos os nossos métodos de propaganda, substituir a propaganda de papelada por uma propaganda viva, e o

medo de cometer erros, fonte de apatia, pela coragem de cometer erros e de os corrigir depois. Voltando à criança: as pesquisas sobre economia sexual mostraram que a aprendizagem precoce e rigorosa da higiene provoca graves inibições caracteriais. Trabalhar na frente cultural, fazer uma política da infância não é nada mais que, por exemplo, desenvolver largamente e tratar objectivamente esta questão da nocividade da aprendizagem da higiene. Chega-se então à política mais depressa do que se poderia esperar, porque o reaccionário, que defende a boa educação e a disciplina, não tardará a manifestar a sua oposição. Mas é isso precisamente o que nós queremos: queremos provocar discussões em que a própria população se interesse, e participe, porque se trata de problemas difíceis da vida quotidiana. A tarefa do analista socialista será ajudar as organizações nestes pontos, guiar as discussões, etc.

Eis outro exemplo concreto: a proibição da masturbação nas crianças e as ameaças que se lhe seguem por parte dos pais, dos professores e dos padres, são, de há muito tempo, objecto de vivas discussões na opinião pública. Os comunistas nada puderam empreender sobre este assunto, porque eles próprios estavam imbuídos de preconceitos burgueses, por um lado, e porque, por outro lado, rejeitavam o que chamavam «Freudismo», que nada tem a ver com isto, porque o próprio Freud não tinha uma posição definida sobre esta questão. Contudo, é esta questão precisa, mais que qualquer outra, que representa o problema central de uma educação orientada ou para a docilidade (submissão) ou para uma sã vivacidade da criança. Trata-se de problemas de classe e não de assuntos «individuais». A Igreja manipula os assuntos «tabus», e sabe-o muito bem; para ela, a masturbação das crianças é política! Nem por um momento pensamos que vamos resolver imediatamente estas questões, mas podemos desenvolvê-las, animar discussões, dinamizar o nosso trabalho. Aquele que (neste momento) objectasse que não se deve tocar nas coisas perigosas para não provocar repulsa, responderíamos que bastaria confiar o assunto aos que têm a formação necessária para o tratar. Que se contentem em não os impedir de

trabalhar e em não fazer coro com a Igreja. Os que conhecem os conflitos da criança estão melhor colocados que ninguém para saber até que ponto estas questões são espinhosas, irritantes, mas também escaldantes. Preocupam todas as mães, qualquer que seja o seu campo, e todas as crianças sem excepção. Podemos dizer o mesmo de todas as coisas que dizem respeito à política da infância, que não é, nem pode ser para nós, nada mais que a pedagogia aplicada, embora limitada para já à discussão política e à luta ideológica. Reafirmo que estou perfeitamente consciente das resistências que suscitará o facto de abordar estas questões; mas também é certo que trataremos assim problemas essenciais da nossa existência e evitaremos então naufragar na esclerose política.

Apenas mencionamos aqui alguns exemplos típicos. Se agora um «especialista» replicasse que as questões de educação de crianças são ainda objecto de controvérsias científicas, nós responderíamos: é certo que são controvérsias, mas não se pode legislar, nem resolver a questão no gabinete, mas só na luta viva pela própria causa.

Embora nos possamos enganar nos pormenores, o que é certo é que, para a reacção, é absolutamente natural reprimir a masturbação infantil, do mesmo modo que nós nos recusamos a reprimir a sexualidade infantil. Quanto ao resto ver-se-á.

Não sei se o exemplo seguinte poderá ter consequências práticas imediatas mas chama a atenção imediatamente para as coisas banais, para procurar o que é importante no que é banal e aí o dominar, para aprender a distinguir os factos típicos e gerais e os factos típicos individuais. Hitler recruta actualmente crianças, graças sobretudo aos jogos e cantos guerreiros. Não há dúvida que nós devemos compreender porque é que este meio lhe assegura o sucesso, a ressonância que tem na criança. Não se trata só de fazer pesquisas profundas, mas de compreender, antes de mais, as reacções da criança. Num pátio, crianças de 6 a 10 anos brincam aos soldados, à guerra e a outros jogos semelhantes. Um rapaz corre dum lado para o outro de espada ao lado e espingarda

de madeira na mão, e atira sobre os seus camaradas. Pergunto-lhe se ele quer matar os camaradas. Pára imediatamente, parece admirado e pergunta: «matar?» E eu digo: «evidentemente. Quando atiras, máta-lo». «Mas eu não quero matar» responde ele. «Então porque é que corres com uma espingarda e uma espada?». «A espada é tão bonita e tão comprida» replica. Não quero meter-me no complexo problema do pacifismo e da distinção entre guerra e guerra civil, mas outras experiências ensinaram-me que as crianças, apesar de algumas tendências homicidas inconscientes, tiram prazer nos jogos guerreiros não do desejo de matar mas da motricidade que se exerce no jogo, da intensificação do sentimento do eu pela arma que se tem na mão e do ritmo próprio das coisas militares. Não se deverão utilizar considerações deste género para uma política proletária da infância? Será utopia? Não sei; contudo, trata-se de factos da vida infantil e se não conseguimos tomar conta das crianças é simplesmente porque não fizemos um esforço para as ver na sua complexidade, para dominar e utilizar o que possa ser susceptível disso. São questões difíceis, muito difíceis, que exigem resposta imediata. Se não lhes pegamos nunca lhe poderemos dar uma resposta prática.

### 3. POLITICA BURGUESA E POLÍTICA REVOLUCIONARIA

O movimento «Sex-Pol»<sup>16</sup> tem de lutar em várias frentes: uma delas é o emaranhado das ideias confusas, que aparecem como desprovidas de conteúdo, por pouco que as pessoas tenham intenções de fazer perguntas banais. Uma dessas perguntas é: «O que é a política?». Ela vem ao espírito sempre que, depois de ter enunciado os princípios da psicologia de massas que se deduzem da economia sexual, se ouve pôr sempre a mesma objecção: «Tudo isso pode ser exacto e até útil, mas o que conta, antes de mais, é «a política» e os «factores económicos». Pode-se observar então como os pacíficos auditores da reunião ou da conferência, que tinham seguido até àquele momento as teses da psicologia de massas com grande interesse e aprovado mesmo, por vezes, esses pacíficos auditores, começam a ter dúvidas, perdem a confiança no juízo que tinham formado e sucumbem a um respeito timorato, deveras espantoso, da palavra «política». Acontece então frequentemente que até o intérprete do ponto de vista da psicologia de massas, apesar da simplicidade e da evidência deste ponto de vista, bate em retirada perante a palavra «política», e concede que as relações entre política e psicologia de massas deveriam ter sido «examinadas primeiro».

---

<sup>16</sup> Reich criou em Berlim, em 1931, uma «Associação Alemã para um Política Sexual Proletária», abreviatura: «Sex-Pol». É aos participantes e simpatizantes desse movimento que ele faz alusão nesta brochura, quando fala do «movimento alemão de política sexual», de «grupos que se ocupam de política sexual», etc.. Estamos muito pouco informados sobre este movimento. O próprio Reich, num livro autobiográfico, dá alguns pormenores, que nós reproduzimos integralmente na introdução do nosso livro «A obra de Wilhelm Reich» (Petite Collection Maspero) pág. 28-31. (Nota da versão francesa).

Os porta-vozes da grande política e dos «factores económicos», sempre levados a pensar que estes factores são negligenciados quando nos jornais e periódicos não se fala noutra coisa e nunca dos factores que dizem respeito à psicologia de massas, esses porta-vozes não podem dar, por norma, uma resposta concreta quando se lhes pergunta o que é exactamente «a política», palavra que actua como um «fetiche» no comum dos mortais. Devemos habituarmo-nos a submeter todo o assunto tornado «fetiche» à luz crua das perguntas ingénuas que, como se sabe, são as mais difíceis, as mais frutuosas e, geralmente, as mais profundas.

### O FETICHISMO DE «A POLITICA»

O indivíduo não politizado pensa que «a política» é, antes de mais, o conjunto de conversações entre grandes e pequenas potências, nas quais se decide o destino da humanidade; diz, e com razão, que nada percebe disso. Ou então acha que é a conclusão de pactos parlamentares entre amigos e inimigos, e também o engano, a espionagem, a obtenção de vantagens materiais, a tomada de decisões dentro das formas «regulamentares»; fica a perceber o mesmo, tudo isto o enoja muitas vezes e afastar-se com a ideia de que «não quer nada com a política». Não vê que há uma contradição, porque neste negócio, que ele despreza com razão, decide-se o seu destino, e ele, complacente, deixa decidir aqueles que considera intrujões.

Por fim, a política pode querer significar que alguém quer unir grande parte da população à sua causa.

É evidente para quem tem uma formação marxista que a política burguesa só pode ser demagógica, porque só pode fazer promessas às massas sem nunca as materializar. Passa-se o contrário com a política revolucionária, porque pode dar às massas o que promete, de modo não demagógico em princípio. Quando é demagógica, podemos concluir, com certeza, que abandonou os princípios revolucionários.

Vamos dar um exemplo deste tipo de explicação política considerada pela maioria do povo como «grande política», que ele não compreende, que considera com temor e respeito, pela qual não se interessa senão passivamente, ou até que o deixa indiferente.

«...Se, como a Inglaterra, se preferir a legalização do armamento à corrida ao armamento, tem que se admitir então que, no decurso desta legislação, é preciso elaborar medidas de segurança contra novas violações dos tratados. E a propósito destas medidas de segurança, devem ser discutidas pela Conferência de Genebra para o desarmamento, as garantias de execução de um convénio sobre desarmamento. Contudo, a Alemanha não aceita a condição posta pela França. Sobre este ponto, mantém o silêncio nos seus comunicados oficiais e, nas conversações de Berlim com o «lord» chanceler britânico Eden, recusou ir a Genebra. Deste modo, como já se disse, as conversações franco-britânicas tornaram-se sem objecto. As trocas de pontos de vista diplomáticos exteriores à conferência sobre o desarmamento acabaram sem terem dado resultado. Contudo, pertence à conferência sobre o desarmamento, sem a Alemanha, fornecer as garantias de paz exigíveis. Neste ponto, a França conta com a colaboração da Grã-Bretanha.

Tal é o sentido e o conteúdo da longa nota francesa de 17 de Abril, em resposta à nota britânica de 28 de Março e ao memorando de «sin» John Simons de 10 de Abril.»

Dei este exemplo sem indicar a fonte, intencionalmente, para não ferir ninguém. Os que se sentirem visados reconhecê-lo-ão por si próprios. Não há outro meio para evitar as susceptibilidades dos políticos.

Quem é «a Alemanha», quem é «a França»? O que é uma «troca de pontos de vista diplomáticos»? É este, realmente, o conteúdo e o sentido da nota francesa? Qual é a relação desta «nota política» com as necessidades das massas, com os seus pensamentos, com os seus sentimentos, com a sua vida, com a sua sobrevivência (vegetieren)? *Nenhuma. Compare-se isto com a política de Lenine ao assinar a paz de Brest-Litovsk.* A palavra de ordem «Abaixo a guerra!» foi compreen-

dida pelo mais humilde camponês famélico, enquanto os senhores da alta política eram contra.

As vastas massas, de quem deve emanar a política revolucionária que se propõe assegurar-lhes o futuro, e falam de outra maneira. Quem falar, actualmente, das viagens de Barthou <sup>17</sup> sem explicar clara, simples e inteligivelmente em que é que estas viagens são um logro, colabora involuntariamente nesse logro.

Se examinarmos como sentem as massas a grande política, constataremos que, no melhor dos casos, elas a *macaqueiam* sob a forma de uma política de taberna. Sofrem-na com passividade, resignação e indiferença e representam constantemente o papel de figurantes da «grande política». Temos de compreender que a comédia da chamada «alta política» acabaria brutalmente, e de uma maneira muito desagradável para os diplomatas, se as massas abandonassem o papel de figurantes para adoptarem uma atitude activa, em resumo, se deixassem de ser despolitizadas.<sup>4</sup>

Quem não tem constantemente presente no espírito esta questão fundamental da política revolucionária: «Que se passa nas massas?», e quem não lhe dá constantemente resposta, perde-se inevitavelmente no dédalo da política burguesa e apenas pode escolher entre a apoliticidade e a colaboração com essa política. A apoliticidade das vastas massas é uma das forças da reacção. Outra força é a auréola com que ela ornamenta a sua política, de tal modo que até há socialistas que nela querem participar.

Uma das tarefas mais importantes da política revolucionária é ver exactamente, verificar, compreender, como sentem as massas a política de bastidor. Quando Hitler, no Verão de 1932, formulou pela primeira vez junto de Hindenburg as suas pretensões à chancelaria do Reich e foi rejeitado depois de ter jogado numa das tais políticas de bastidor destinadas a ficar sempre escondidas aos olhos das massas, ele dirigiu-se aos seus parti-

dários invocando apaixonadamente «a vontade do povo». O caso de Potempa proporcionou-lhe a ocasião; tinham sido condenados à morte membros da S.A. que tinham assassinado selvaticamente um operário polaco. Hitler defendeu-os abertamente. Por trás deste gesto de Hitler estava, na realidade, a recusa que tinha acabado de sofrer por parte de Hindenburg, a quem ele pedia a chancelaria do Reich. Hitler fez entrar em cena a base das massas, já que as suas alianças feudais tinham fracassado.

As massas nem sequer suspeitaram do jogo em que participavam. Pelo contrário, sentiram-se «compreendidas» por Hitler na sua identificação nacionalista. O apoio de Hitler a homens que, pela «honra nacional», tinham abatido um «cão marxista», a sua oposição ao governo detestado que tinha condenado à morte os assassinos, ultrapassavam de longe o efeito da *falsa* contra-propaganda comunista que se contentava em chamar assassino a um assassino, considerando isso como a «política de desmistificação» que apregoava. Se os comunistas tivessem feito agitação revelando as ligações entre a recusa de Hindenburg e o apelo de Hitler ao sentimento das massas, isto sim, teria tido algum efeito. Mas o K.P.D. professava constantemente «a equivalência» de todas as tendências reaccionárias, não se permitindo assim compreender as contradições da burguesia e, mais ainda, não tinha aprendido a discernir as reacções das massas que o seguiam e das que seguiam o adversário. Nada mais fazendo do que chamar assassino a um assassino, colocava-se automaticamente aos olhos das massas conquistadas pelos nazis e das que lhes davam alguma simpatia, do lado do governo que estas massas detestavam.

<sup>17</sup> Ministro dos Negócios Estrangeiros francês que, em 1934, se dirigiu a Praga, Varsóvia e Belgrado, para aí discutir um projecto de «pacto oriental». (Nota da versão francesa)

## POR QUE É QUE LITVINOV<sup>18</sup> NÃO SE DIRIGIU AS MASSAS?

Ou a política revolucionária exprime, pelo seu conteúdo e linguagem, a existência simples, rude, próxima da vida, das vastas massas, ou então não faz mais que chamar-se revolucionária sendo, de facto, ineficaz e reacçãoária. Mesmo se diz as coisas certas, permanece incompreendida pelas massas e actua num sentido objectivamente contra-revolucionário.

O mundo está às portas de uma nova guerra assassina. Barthou e Litvinov foram a Genebra como representantes de Estado, como defensores da paz contra a Alemanha. A única crítica correcta até agora formulada acerca da atitude de Litvinov, do ponto de vista da revolução internacional, encontra-se no órgão «Notre Parole», de Trotsky, da segunda semana de Junho de 1934; todas as outras organizações do proletariado pareciam não terem percebido nada do que se tinha passado em Genebra. Contudo, essa mesma crítica não denuncia o problema fundamental do ponto de vista psicológico: «Como é que o operário, o empregado e o camponês não politizados da Alemanha, da França e da Inglaterra, e mesmo da União Soviética, sentem a vinda dos dois homens de Estado? Terão eles a impressão de que Litvinov representa um Estado proletário? Verão eles uma diferença entre o desejo de paz de Barthou e o de Litvinov? Compreenderão a distinção subtil que o governo soviético faz entre «o imperialismo no seu conjunto» e «certos partidos da guerra»? Saberá o operário russo que sobre a base das alianças actuais, ele terá de combater ao lado do operário francês contra o operário alemão e inglês?

Como é que um simples mortal pode compreender este comentário de Bela Kun<sup>19</sup>: «Lutamos muitas vezes

<sup>18</sup> Comissário do Povo [Ministro] para os Negócios Estrangeiros e delegado soviético às conversações sobre o desarmamento na Sociedade das Nações em Genebra. (Nota da versão inglesa)

<sup>19</sup> Comunista húngaro, muito apreciado por Lenine, que conseguiu tomar o poder na Hungria durante um breve período, em 1919, e foi, por isso, obrigado a exilar-se. (Nota da versão francesa)

contra a guerra em geral. Não raro, diversos redactores comunistas ficam embaraçados «Como pode ser, perguntam eles, que enquanto o imperialismo prepara a guerra, Herriot<sup>20</sup> vá à União Soviética e seja bem recebido? Como explicar isso?». Li artigos muito maus sobre esta viagem de Herriot. E não foi possível ler em lado nenhum o que agora é completamente claro depois do discurso do camarada Estaline na 17.ª sessão do Partido, a saber: que por trás do imperialismo se encontram sempre partidos de guerra. O imperialismo no seu conjunto, como época, é pela guerra, mas existem diversos partidos de guerra que puxam sem limites para a guerra.

«É preciso sublinhar, bem entendido, que estes grupos da burguesia que hoje vestem o hábito pacifista, ou que consideram que os tempos ainda não estão maduros para a guerra, serão também pela guerra quando o momento chegar, pela guerra contra a União Soviética, concertados com o partido belicista dirigente. Devemos continuar a dizê-lo mas devemos concentrar os nossos ataques sobre os partidos de guerra: a clique militar-fascista dos generais, feudais e magnates da indústria, do Japão, os fascistas hitlerianos na Alemanha, os «Die-hards»<sup>21</sup> na Grã-Bretanha, etc.» (Bela Kun, «As tarefas da imprensa comunista», Rundschau, 33/1934, pág. 1259).

E onde se mete a indústria francesa de armamento? Quem nada compreender da política de alianças perguntará: porque é que Litvinov, em Genebra, não se dirigiu às vastas massas de todos os países, que por preço algum querem a guerra? Porque é que só fez alianças com os governos imperialistas e não com elas? Porque é que defende a ilusão com que se alimentam precisamente os imperialismos, de que a Sociedade das Nações, morta há muito, pode realmente impedir a guerra? Porque é que ele não diz de maneira clara e franca, inteligível para todos, que em caso nenhum será a S.D.N. ou qual-

<sup>20</sup> Na altura, vice-presidente do Conselho do governo de Gaston Doumergue. (Nota da versão francesa)

<sup>21</sup> Os duros de roer, 57.º Regimento de Infantaria. (Nota da versão francesa)

quer governo burguês que poderão realmente impedir a guerra, mas unicamente a acção solidária dos trabalhadores do armamento e dos transportes de todos os países capitalistas? Ninguém pode pretender que a política externa da União Soviética é mais compreensível que a da França, para o trabalhador não politizado de todos os países. Ora, este seria o critério essencial de uma política proletária!

Deixemos de lado a questão de saber por que é que o representante de um Estado proletário esqueceu por completo a linguagem diplomática revolucionária, enquanto esperamos saber o que «os chefes supremos da revolução» têm a dizer sobre este assunto. Uma coisa é clara, contudo: uma única palavra de um Litvinov dirigindo-se da tribuna da Sociedade das Nações contra todas as regras e protocolos desta instituição e desprezando todo o compromisso diplomático eventual, aos trabalhadores dos armamentos, dos transportes, às mães dos soldados de todos os países, teria feito mais para adiar a guerra que vinte pactos de papel. Litvinov crê verdadeiramente que a sua política é susceptível de impedir a guerra? Um apelo como o de Karl Liebknecht em 1914, sob a forma de recusa dos créditos militares, não foi uma barreira mil vezes mais eficaz contra o chauvinismo guerreiro que as argúcias muito políticas da social-democracia? Mas os nossos chefes revolucionários proletários têm um tal respeito por um representante diplomático, sobretudo se ele é soviético, que já não compreendem a linguagem das massas que os seguem e chamam-nos tarados a nós. Mais uma vez: a determinação de cinco ou dez milhões de futuras vítimas da guerra tem mais valor que 500 000 baionetas, mesmo que sejam soviéticas! A catástrofe que se prepara fará compreender, pelo preço do sangue, esta afirmação que é hoje qualificada de insensata!

Para a União Soviética, como Estado proletário, só há uma solução: a aliança do seu próprio exército com os trabalhadores do armamento, com os dos transportes e com os simples soldados de todos os países, contra os governos e os estados-maiores de todos os países. Se ela realiza hoje alianças com os estados-maiores e

diplomatas dos países capitalistas, é porque o movimento revolucionário fracassou no plano internacional. Lenine, nos seus escritos e discursos, dirigiu-se sempre às vastas massas. Isto permite responder à nossa pergunta: poderá alguma vez a política revolucionária destruir a política burguesa se aplicar esta maneira de falar, esta tática, esta estratégia, métodos burgueses, em suma? Nunca o conseguirá. Apenas se poderá perder no dádalo da política burguesa, ser levada a reboque pelos acontecimentos, e de pior maneira que os políticos burgueses. Não há senão uma possibilidade: cortar o nó górdio da política burguesa, abstando-se de a imitar e opondo-lhe o princípio fundamental da política revolucionária: dirigir-se incessantemente, incansavelmente, simples e claramente às massas; exprimir os pensamentos explícitos e implícitos das massas, destruir o seu respeito pela alta política, recusar tomar a sério o charlatanismo e denunciá-lo impiedosamente, falar a linguagem das massas, não tentar adaptar as massas à «alta política», mas adaptar a política às massas, quer dizer, democratizá-la, simplificá-la, torná-la acessível a todos. A frase de Lenine segundo a qual qualquer cozinha deveria poder gerir o Estado, graças à simplificação da política e da administração, contém em esboço a ideia fundamental da democracia social. A «alta política» só pode existir porque a política revolucionária adoptou a sua forma, a linguagem, o processo de pensamento, mesmo se o conteúdo fosse revolucionário, porque não se dirigiu às massas, mas as tratou como uma criança que é preciso convencer e que, finalmente, deve aperceber-se, e apercebe-se cada vez mais, que foi ludibriada<sup>22</sup>.

## ESQUEMA DA POLÍTICA REVOLUCIONÁRIA

Se é certa a afirmação de que a revolução social pode resolver verdadeiramente os problemas da economia

<sup>22</sup> A questão da política externa soviética e a sua conexão com os problemas de psicologia de massas exigiria uma longa exposição.

e da civilização no sentido de uma democracia social, então só ficam de pé os seguintes problemas e princípios políticos:

1 — Que manobras realizaram as diferentes tendências da burguesia para ganhar o apoio das massas ou para as dividir?

2 — Como é que estas massas chegam a seguir grupos ou partidos políticos que nunca podem cumprir as suas promessas?

3 — Quais são as necessidades das massas e que diferenças apresentam?

4 — Destas necessidades, quais são as legítimas, as vitalmente necessárias, cuja satisfação a sociedade pode assegurar?

5 — O estado da economia mundial permitirá que as necessidades sejam satisfeitas eliminando a dominação capitalista e substituindo a anarquia económica pela planificação?

6 — As massas sabem quais são as instituições sociais que contrariam a satisfação das suas necessidades e porque existem essas instituições?

7 — Eliminá-las como? E substituí-las por quê?

8 — Quais são as condições económicas, sociais, psicológicas, necessárias à satisfação das necessidades das grandes massas?

Podem deduzir-se, de cada uma destas perguntas, sem excepção, a necessidade inelutável da revolução social, aplicada a todos os domínios da vida. Por outras palavras: o trabalho da psicologia de massas não deve estar sob a dependência da política económica; é a política económica que deve pôr-se ao serviço de uma psicologia colectiva que compreenda e guie as massas. As necessidades do homem não estão ao serviço da política económica, mas é, ao contrário, a política económica que está ao serviço da satisfação das necessidades.

## A POLÍTICA BURGUESA DO K. P. D. (Partido Comunista Alemão)

A experiência do K.P.D. mostra que esta forma de política revolucionária, única possível, faltou na Alemanha. Quando os dirigentes do K.P.D. passavam horas no Palácio dos Desportos a discutir sobre os conflitos dos interesses das grandes potências e sobre as razões económicas ocultas da guerra que se aproximava, imitavam, sem querer, sem o saberem, a forma burguesa da política. Os nossos políticos revolucionários sentem-se demasiado inclinados a rivalizar com Boncour<sup>23</sup>. Se se contentam em imitá-lo e deste modo se fecham a todas as possibilidades de evolução, é por razões ligadas à estrutura do dirigente revolucionário. Voltarão a sentir-se ofendidos ao ler isto que classificarão de «contra-revolução trotskista»; e não há esperança alguma de os convencer de que praticam na forma, e portanto objectivamente, uma política burguesa. Para evitar toda a possibilidade de protesto sério, avançaremos, não muito, mas um único exemplo concreto que mostra que o K.P.D. substitui o princípio da política revolucionária pelo da política burguesa.

Em Dezembro de 1932, o S.P.D. tinha organizado uma manifestação num jardim público. As organizações comunistas, os grupos de combate especialmente, juntaram-se à manifestação, misturaram-se com a massa dos manifestantes social-democratas, realizaram praticamente a frente única sem grande preocupação de teoria sobre os antagonismos americano-japoneses. Era esta a linguagem e a vontade das massas.

A direcção do K.P.D. queria, ou antes, pretendia querer, a frente única «sob a direcção comunista» e repreendeu os militantes do Partido: a directiva do Partido era ficar próximo e «saudar» a manifestação social-democrata. Na mesma época, Torgler<sup>24</sup> negociava secreta-

<sup>23</sup> Paul Boncour — Homem político francês. (Nota da versão francesa).

<sup>24</sup> Ernst Torgler: leader da fracção comunista no Reichstag. (Nota ad versão inglesa).

mente com a organização social-democrata a constituição da frente única, o que as massas não sabiam: proclamava-se oficialmente que uma frente única com a direcção social-democrata era «contra-revolucionária». Eu próprio tinha participado numa reunião secreta entre dirigentes comunistas e social-democratas sobre a constituição da frente única. Ninguém devia sabê-lo nas células do partido. Isto é *política burguesa*. O contrário, justamente, é que teria sido revolucionário: dar aos comunistas a palavra de ordem de apoiar a manifestação social-democrata e anunciar à multidão através de auto-falantes que se estava a negociar a frente única. Quer dizer, fazer progredir as ideias das massas, deixá-las exprimir os seus desejos. Em vez disso, praticava-se a «alta política», a «estratégia» e a «táctica», sem as massas, contra elas, e excluía-se todos os que queriam e praticavam a política revolucionária.

A abolição da diplomacia secreta é um velho princípio da revolução. A sua evidência vem do facto de que sendo a revolução social a realização da vontade popular, guiada pelo proletariado industrial, contra os proprietários dos meios de produção, não é preciso dissimular nada. Portanto, não há nada que as massas não possam ouvir; pelo contrário, é preciso que elas saibam e controlem tudo.

## A POLÍTICA REVOLUCIONÁRIA NO INTERIOR DO PARTIDO

Ao examinar a evolução da política dos partidos comunistas desde a morte de Lenine, verifica-se que o princípio do constante apelo às massas foi cada vez mais abandonado e que a burocratização se instalou com a imitação das formas burguesas de política dentro e fora do partido. Em vez da democratização no interior do partido, a política de bastidores, a intriga e formação de camarilhas fizeram a sua aparição. Isto minava constantemente as forças do partido revolucionário, que reunia, contudo, os melhores elementos revolucionários.

Em Outubro de 1917, Lenine, vendo que tinha chegado o momento para o levantamento do povo e que a direcção bolchevista se lhe opunha, permaneceu fiel ao seu princípio de política revolucionária: *dirigiu-se à massa dos membros do partido*, sem formar camarilhas, sem fazer intrigas, sem querer triunfar fomentando divisões. É contra-revolucionário excluir as massas das discussões e medidas políticas, seja qual for a intenção subjectiva. A política revolucionária nada tem a esconder às massas, o seu fim é tudo desvendar. A política burguesa não se pode permitir desvendar o que quer que seja; ela deve esconder tudo. É pela política de bastidores, onde quer que ela seja feita, que se reconhece a atitude política reaccionária.

É uma enorme vantagem para a política sexual revolucionária o ter de falar constantemente a linguagem das massas, o não encontrar oposição da parte da burguesia, dado que não pode existir política sexual burguesa positiva; portanto, o representante da política sexual revolucionária não corre o risco de emburguesamento sexual: a Sex-Pol não pode senão dirigir-se às massas ou deixar de existir.

#### 4. DESENVOLVER A CONSCIÊNCIA DE CLASSE A PARTIR DA VIDA DAS MASSAS

##### A DIRECÇÃO, O PARTIDO E AS MASSAS

Embora seja um facto de penosa constatação, e certamente prejudicial ao movimento revolucionário, é incontestável que os diferentes grupos revolucionários que reivindicam, todos, o privilégio de serem os «únicos» e «verdadeiros» herdeiros do «autêntico marxismo-leninismo», são, se ignorarmos as diferenças que os separam, inexistentes em relação às tarefas colossais a realizar; tal grupo pretende começar por construir o partido revolucionário; um outro quer ter as massas com ele antes de se empenhar na fundação da nova Internacional; um terceiro proclama constantemente ser «a classe operária» e a única direcção revolucionária, ainda que não tenha implantação alguma; um quarto baseia a sua orientação específica numa simples questão de pormenor, etc. Dissemos já que esta fragmentação provém de uma forma incorrecta ou incompleta de colocar os problemas e que os ataques recíprocos não fazem avançar a causa nem um só passo. É em vão que procuramos quem coloque e resolva, nas actuais discussões revolucionárias, a questão de saber porque razão a formação do novo partido revolucionário não tem êxito, porque motivo, a despeito da existência do seu aparelho (estrutura), as organizações revolucionárias anteriores não conseguiram o apoio das massas, porque é que, 17 anos depois da revolução russa, o problema das relações entre a direcção, o partido e as massas é ainda, de um modo geral, um quebra-cabeças. Não é provável que haja no fim de contas, um grave erro subjacente? É absolutamente inverosímil que na origem da catástrofe esteja Staline que cultivou a burocracia, ou a direcção social-democrata que se tornou burguesa, ou ainda Hitler que recebeu grossas somas dos industriais. A questão fundamental que permanece sempre é a de saber porque é que os operários aceitaram o reformismo e a burocracia. Estamos de novo na

questão fundamental das relações entre a direcção, o partido e as massas.

Os fundadores da IV Internacional, se nos ficarmos pelo que dizem os seus responsáveis e os seus jornais, sustentam que se deve começar por criar o partido revolucionário, conquistar depois o proletariado, e só então a pequena-burguesia aderirá. Não tenho dúvidas de que até os próprios responsáveis da Internacional Comunista condenam a insuficiência desta posição. Ninguém pode dizer-se marxista e fazer uma separação tão esquemática entre a direcção, o partido e as massas. A relação entre eles é, para usar uma palavra das grandes — (para chamarmos as coisas pelo seu nome) — uma relação dialéctica. Em resumo: um partido revolucionário não pode nascer no vazio, só pode edificar-se no seio das massas, e, em primeiro lugar, da parte proletária das massas; o que pressupõe que os fundadores do partido falem a linguagem das massas que devem constituí-lo. Mas a massa nada compreende das diferenças subtis entre as diversas orientações revolucionárias, nem se interessa por elas. O partido revolucionário forma-se não só pela elaboração clara de uma teoria e de uma prática que correspondam à realidade, mas também, e em primeiro lugar, pelo tratamento das questões que interessam as diferentes camadas da população. Só depois as massas fornecerão ao partido os quadros de que necessita. Isto permite um melhor enraizamento nas massas, que por sua vez melhor actuarão, e vice-versa. O partido e as massas progredem pelas recíprocas contribuições; só desta íntima fusão é, ao mesmo tempo, desta selecção de quadros dirigentes a partir das massas, se cria o partido da massa, quer dizer, o partido, definido em qualidade e não em quantidade, que orienta as massas. O K.P.D. organizava campanhas para recrutamento de membros que aceitava sem selecção. Era um «partido de massa» no sentido quantitativo, mas desfez-se em parte por causa da flutuação dos seus efectivos, em parte por causa da falta de diferenciação entre os quadros já preparados e os membros da massa. Retomaremos esta questão num artigo sobre «organização».

A Sex-Pol alemã teve sempre como directriz que

o grupo dirigente de uma actividade de massa nunca pode examinar tudo em pormenor e que, por outro lado, as massas nunca podem, sozinhas, compreender, formular, transformar em prática definida, os factos fundamentais e que é, portanto, necessário um contacto vivo entre a direcção e as massas, em resumo: que a teoria deve ser criada a partir da vida das massas e ser-lhe restituída sob a forma de prática. A actividade do partido tinha-lhe ensinado que os militantes do partido não devem ser órgãos de transmissão das decisões da direcção, mas unicamente intermediários entre a vida das massas e a direcção. Para estabelecer esta ligação, a Sex-Pol tinha previsto «sessões de formação»; estas reuniões não se destinavam a substituir os quadros, mas a instruírem-se junto deles (que não recorda as famosas conferências de partido do K.P.D. em que tais contactos eram directamente interditos!). Nenhum tema de discussão era proposto; perguntava-se, simplesmente, aos quadros e aos camaradas quais eram as suas dificuldades actuais. Isto permitia, pelo menos, evitar enganar-se sobre o que era mais importante no imediato. Discutia-se em conjunto a dificuldade, ora encontrando-se uma solução que a prática comprovaria, ora remetendo a decisão para o momento em que se dispusesse de informações mais ricas; a vida exprimia-se livremente em trocas amigáveis de opiniões; não havia necessidade de quebrar a cabeça à procura de teorias; elas apareciam por si. A crescente participação e a vivacidade das discussões mostraram que as sessões de formação eram uma realização feliz (oportuna). Aí as pessoas podiam convencer-se de que a vida não se deixa deformar, mas que, pelo contrário, se exprime de maneira clara e simples. Bastava deixar cada membro da organização (sem contar os participantes que não eram membros) falar francamente. A única dificuldade séria era sempre a deformação de espírito devido às ideias falsas da ideologia burguesa, que, no entanto, se esvaneciam à luz de um exame sincero e não dogmático, próximo da vida. Houve apenas três sessões de formação. Os representantes oficiais dos partidos deixaram de mandar as convocatórias.

## A POSIÇÃO DA SEX-POL A RESPEITO DO «NOVO PARTIDO»

A pergunta mais candente na questão do movimento operário pode formular-se do seguinte modo: novo partido ou renovação revolucionária da III Internacional? A Sex-Pol não pode, actualmente, escolher nenhuma destas duas vias por duas razões. — Primeiro ela não sabe em que círculos, grupos, organizações, mais rápida e eficazmente serão adoptados os seus pontos de vista sobre as exigências acerca de uma política sexual revolucionária. A julgar pela atitude que as grandes organizações políticas adoptaram até agora, não há muito mais a esperar das organizações favoráveis a uma nova Internacional. Mas este não é o ponto decisivo: a política sexual não é senão um elemento, embora insubstituível e mesmo central, do conjunto da frente revolucionária; o que é decisivo é saber quem constituiria a ossatura do movimento operário assim renovado. Até agora nunca foi devidamente esclarecido este ponto. Se se soubesse hoje, de maneira positiva, que são, por exemplo, os membros actuais do K.P.D. quem deve constituir este núcleo (a questão não se põe à direcção actual, é evidente), seria absurdo fundar um novo partido revolucionário; nesta hipótese, os membros revolucionários do K. P. D. deveriam não só «desalojar» a antiga direcção incapaz da mínima auto-crítica, como tantas vezes foi feito, mas também afastá-la oficialmente e fazer aparecer a pouco e pouco uma nova direcção no interior das suas fileiras. Não se pode negar a aplicar as resoluções do Comité Executivo da Internacional Comunista, como, por exemplo, não proclamar «a subida das forças revolucionárias» e não fazer apelo «à greve geral», embora o CEIC<sup>25</sup> o faça, e identificar ao mesmo tempo o «partido comunista» com o CEIC. Esta atitude política é confusa. A questão de saber o que é e quem

<sup>25</sup> Comité Executivo da Internacional Comunista. Abreviadamente Komintern. (N. T.)

é «o partido» merece ser esclarecida hoje mais do que nunca. É o conjunto dos membros, ou apenas o aparelho, ou ainda o C.E.I.C.? Sabemos também que na social-democracia os melhores elementos utilizam a noção de «partido» como um fétiche; segundo a estrutura, a política e a acção objectiva do partido, a sua unidade e coesão tanto podem ser uma força considerável num dado momento como um grande obstáculo ao movimento revolucionário, noutra momento.

Os grupos de elite da revolução social, isto é, os trabalhadores da indústria e dos transportes «ainda não» pertencem ao partido comunista. Hoje, como antes, os membros do partido fazem todos os esforços para os conquistarem mas a coragem e a vontade subjectivas não bastam. Para o conseguir é preciso, também, conhecer os melhores meios. Talvez estes grupos de elite venham a constituir em breve o núcleo da organização revolucionária sem quererem integrar-se na actual organização do K.P.D.; fizeram parte dele em 1923 e depois deixaram-no: é preciso compreender porquê. De qualquer modo era nesse momento que a questão de uma nova organização revolucionária adquirira grande importância. Seria o mesmo se um movimento de massas, fecundo e duradouro e não um simples fogacho, aparecesse então entre os operários social-democratas, mas também entre os proletários da S.A.<sup>26</sup> cuja orientação é revolucionária. (1)

### (1) Nota acrescentada durante a correcção:

A liquidação da S.A. na Alemanha, em 30 de Junho de 1934, mostrou que as contradições (de que falávamos na «Psicologia de massa do Fascismo») entre o aspecto revolucionário e o aspecto reaccionário no fascismo, unificados pela ideologia, explodiram de um momento para o outro. Digo isto não para provar, como fazem constantemente os dirigentes revolucionários, que «a análise» teve confirmação, mas pela razão

<sup>26</sup> S.A.: Tropas de assalto. *Nacionalistas revolucionários* dirigidos por Rohm, afastado em Junho de 1934. (Nota da versão inglesa).

seguinte: há pouco, a imprensa do Komintern cumulava de injúrias qualquer tentativa para ver no N.S.D.A.P. algo mais que o serviço de ordem do capital financeiro, isto é, a energia revolucionária das massas envolvidas numa forma reaccionária.

Agora, ela viu confirmada a hipótese de uma subida revolucionária pelo facto de que a ala esquerda do N.S.D.A.P. foi decapitada. É preciso ter a esperança de que a história do movimento revolucionário não voltará a conhecer uma tal desordem e uma tal leviandade. Quem participou nas lutas internas do partido, de 1929 a 1933, sabe que era considerado como inoportuno todo o indivíduo que fizesse alusão ao carácter confusamente revolucionário da S.A., que sublinhasse o facto incontestável de que uma grande parte do R.F.B. (a) se tinha passado para a S.A., que afirmasse que a S.A. era recrutada entre os trabalhadores e que, objectivamente, mas não subjectivamente, mais não era que uma tropa de mercenários do capital. Não gostavam de ouvir isto, apenas se via no fascismo a sua função reaccionária, não se via a energia revolucionária na sua base formada pelas massas e assim se perdia a batalha. Agora, *posteriormente*, dado que já não é difícil ver as contradições, concede-se o que dantes era proscrito. Os «fiéis ao partido» dirão que é preciso não pedir demasiado, que o Komintern mudou de opinião na apreciação do fascismo, como na questão da frente única com a social-democracia. A isto é preciso responder: *uma direcção que não precede as massas na avaliação dos factos e dos processos, que não prevê, não é uma direcção mas um aparelho que refreia a evolução social.*

Só por submissão inconsciente à autoridade se compreende que bons comunistas façam prova de tanta docilidade em relação à direcção. A experiência prática do partido mostrou-nos que quando o quadro médio não seguia as directivas do partido, é porque ele instin-

(a) Organização de combate do K.P.D.: União dos Combatentes da frente vermelha [Roter Frontkämpferbund]. (Nota da versão francesa)

tivamente via e pensava com maior correcção que os responsáveis de cúpula.

*Hoje ainda estamos em presença de processos que é preciso prever e desenvolver a partir das contradições actuais, se se quer dominar o futuro e não enfrentá-lo não estando nós preparados para isso: corremos por exemplo o risco de que os poderosos movimentos de massas que abalam alguns países (U.S.A., França), sem serem dirigidos, nem terem objectivos conscientes, se desfaçam para dar lugar a uma letargia e a uma amarga desilusão. Esta eventualidade existe mas é igualmente possível numa situação revolucionária mundial. Pode-se dizer com segurança que teríamos podido hoje vibrar um grande golpe após os acontecimentos do 30 de Junho, dada a grave desorganização económica da Alemanha, se a direcção comunista tivesse preparado o terreno desde 1923 ou, pelo menos, desde 1929. De nada serve desculpar-se; é preciso tirar as lições do passado. Deveríamos hoje, através de uma compreensão correcta das grandes linhas de evolução e de regressão do processo social, tudo preparar para tomar as rédeas da sociedade se sobreviesse o caos. Entretanto, a grande massa da população da terra deve adquirir lenta e seguramente o sentimento inabalável de que somos os únicos que a compreendem, a ela, à massa (e não que nós nos contentamos em compreender Barthou, Litvinov e os nossos próprios desejos); esta confiança não pode ser obtida pela manha; a massa deve adquirir uma confiança autêntica e ardente no comunismo, confiança que os «chefes supremos», desde há 10 anos, não só não deixavam desenvolver-se, mas ainda animaram directamente com os seus erros e falta de inteligência. A guerra que se aproxima é a única grande oportunidade, imediatamente previsível, da revolução social. Não devemos deixá-la passar, como deixámos passar as ocasiões do 20 de Julho de 1932 (b), de Dezembro e Janeiro de 1933/34 (c) e de 30 de Junho de*

(b) O governo social-democrata da Prússia é deposto, sem resistência pelo chanceler Von Papen. (Nota da versão inglesa)

(c) Início de um controle completo por parte do Estado de todas as actividades sociais após a destruição de todos os grupos autónomos. (Nota da versão inglesa)

1934. Para isto, os revolucionários devem, antes de mais, destruir em si próprios a fé na autoridade!

Poderíamos ter êxito actualmente porque tudo está em efervescência, nada está fixado. A questão de um novo partido não se teria posto se no interior do K.P.D., existisse a possibilidade de levantar estas questões, de deliberar em conjunto, de sondar as possibilidades de evolução. Não foi e não é o caso. Poderíamos começar por estudar cuidadosamente o processo de acumulação e de maturação revolucionária que se produz actualmente na Alemanha em todas as camadas da população, e deduzir em cada instante a atitude concreta a adoptar.

Se cada um dos quadros actuais, em vez de defender em primeiro lugar a sua própria organização, pusesse acima de tudo a *causa da unanimidade revolucionária*, seriam então suficientemente ágeis para reagir pronta e oportunamente aos movimentos das massas; então poderiam, em vez de fazer apelos à greve geral, abstracta e mecanicamente, ajudar o homem da S.A., o quadro do movimento juvenil, a organização feminina, dando-lhes explicações concretas sobre as contradições, as soluções, as coisas mais urgentes e assim assegurar automaticamente a confiança e finalmente a direcção. O vazio, a escolástica, o imobilismo, o afastamento das massas, são o resultado, precisamente, de cada organização existente se considerar como a *eleita dos Deuses* para dirigir a revolução próxima, e nesta base cada uma tenta estigmatizar as outras como contra-revolucionárias. Esta ingénua presunção de superioridade, o infantilismo desta competição de prestígio nunca será suficientemente denunciada em público. A Sex-Pol deve abster-se de considerar que o seu papel e a sua organização actuais representam a direcção da política sexual revolucionária. A direcção definitiva não constitui uma pretensão e muito menos um direito, mas unicamente o resultado de um processo; que a direcção irá ter às mãos de quem melhor compreender o que se passa no mundo, quem melhor favorecerá a efervescência e a maturação revolucionária. Não se pode merecer, nem apropriar-se, nem reivindicar, nem monopolizar a direcção da revolução. Hoje, nesta situação

mundial tão confusa, tão complicada, tão difícil de compreender, de desfecho tão incerto, aquele que se proclama em alto e bom som como o único, o verdadeiro, o incontestável chefe da revolução que ainda há-de nascer, esse será o que mais depressa cairá no esquecimento, se as coisas forem suficientemente longe para que se possa falar *com justiça* de escalada revolucionária.

Há ainda uma importante condição para que tenha êxito a reconstrução do movimento:

O proletariado dotado de consciência de classe é de longe minoritário em toda a nação; mesmo sendo verdade que a direcção lhe pertence, tem, contudo, necessidade de aliados. Ouve-se constantemente repetir entre os camaradas alemães que existem todas as razões para se ser optimista porque os bons revolucionários se encontram de novo, discutem e trabalham em conjunto, aconselham-se mutuamente. Concerteza que isto é muitíssimo importante, mas não permite, mesmo assim, ser optimista. Trata-se de saber, antes de mais, se os bons revolucionários têm também o contacto com as vastas massas desorganizadas; e mais ainda, se para estabelecer este contacto eles estão atentos às palavras e aos pensamentos, às contradições destas vastas massas, politizadas ou não, se eles as compreendem e lhes podem dar um sentido revolucionário, devolvê-las às massas de modo mais claro, mais próximo da consciência de classe. Estes quadros serão um estado-maior sem exercício se os responsáveis não forem capazes de *continuar a pertencer às vastas massas, a não continuarem a querer distinguir-se e afastarem-se delas* e a não compreender os indivíduos, politizados ou não politizados; o sectarismo fica excluído se se quiser que os membros do partido não sejam um simples órgão executivo da direcção mas uma mediação viva entre as massas e a direcção. A direcção não deve «levar o programa comunista às massas» ou «transformar a massa em militantes dotados de consciência de classe», mas deve, depois de ter analisado o processo histórico objectivo, dedicar-se sobretudo a *desenvolver* nas massas a aspiração revolucionária *que já existe nelas, mesmo* no proletariado despolitizado, na pequena burguesia e no campesinato. Na imprensa revolucionária actual, apenas

se encontra o discurso do partido e quase nada de uma visão inteligente das contradições que existem nas diversas camadas da população. Contudo, pelo menos, três quartos de todo o jornal deveriam ser consagrados a estabelecer o contacto, verbal e real, com as vastas massas; o quarto restante chega muito bem para repetir os grandes princípios do marxismo. Também se pode formular a questão desta maneira: até termos aprendido a apresentar a teoria na linguagem mais simples e mais inteligível para todos, até que as massas cheguem a interessar-se pelas teorias, deve-se apresentar constantemente a mesma coisa *numa escrita dupla*: na linguagem marxista e em tradução simultânea na linguagem daqueles a quem é dirigida, cuja compreensão e acção são indispensáveis para deixarmos de ser uns pobres discutidores.

No debate sobre estes problemas há o costume de pedir à Sex-Pol receitas prontas. Este pedido mostra, por si só, que bem pouco se compreendeu do marxismo e da tarefa principal dos marxistas revolucionários, que é saber pensar e agir autonomamente. Só se podem ilustrar os princípios com exemplos mas o que vale para um caso particular pode não valer para outro. Para mostrar o que queremos dizer, vou dar alguns exemplos importantes.

## O CANTO E DANÇAS POPULARES COMO ELEMENTOS DO SENTIMENTO REVOLUCIONÁRIO

Lenine ensinou correctamente que o revolucionário deve ligar-se a todos os domínios da vida. Devemos acrescentar que o revolucionário deve poder desenvolver a tendência revolucionária específica de cada domínio. Até agora—pensemos nos actores proletários e nas companhias de teatro vermelhas—e exceptuando algumas realizações verdadeiramente boas, tem-se transferido mecanicamente as palavras de ordem sindicais para a arte, adaptou-se uma inspiração revolucionária a uma forma burguesa de canção, por exemplo. Mas o papel essencial dos artistas revolucionários é fazer o que a

Sex-Pol aprendeu a fazer no seu domínio, isto é, elaborar desde já, no seio do capitalismo, as tendências e as formas revolucionárias próprias ao seu domínio a partir da matéria e da forma que aí se encontram.

Pode fazer-se isto sem muita «ciência», examinando a vida de modo imparcial, livre, sem preconceitos, revolucionário, portanto. O partido comunista favoreceu o aparecimento dos *cabarés vermelhos*<sup>27</sup> a fim de conseguir que mais pessoas, mesmo não politizadas, viessem às reuniões. Isto resultou. Viu-se nessa altura que quanto mais artística, rítmica e popular fosse a representação, mais eficaz se tornava; quanto mais se aproximasse da forma burguesa, tanto mais o slogan revolucionário parecia imposto e menor era o resultado. Mas não é possível criar cabarés vermelhos em número suficiente para levar toda a população às reuniões. Daqui se depreende que é necessário levar a arte revolucionária, o sentimento revolucionário, o ritmo revolucionário, a melodia revolucionária, ao local onde as massas vivem, trabalham e sofrem. É certamente possível nos Estados ainda democráticos ou semi-fascistas; nos Estados completamente fascistas é ainda possível com estratégias apropriados. Os músicos, bailarinos, cantores revolucionários podem, com meios muito simples, constituir grupos de rapazes, raparigas, crianças suficientemente grandes, e mesmo adultos, que, como os cantores ambulantes, irão pelos pátios, pelas praças públicas, em resumo por todo o lado onde se encontram os futuros actores da revolução, e com a ajuda de uma boa música popular, de uma dança popular, de cantos populares que podem servir de suporte à revolução, já anti-capitalistas e adaptadas aos sentimentos dos oprimidos (ou que possam vir a sê-lo reais ou potenciais), eles podem criar, difundir e amarrar sentimentalmente esta atmosfera que tanta falta nos faz para transformar as vastas massas em outros tantos simpatizantes da revolução. Um temperamento burocrático terá sempre que objectar alguma coisa a esta proposta se não chegar mesmo a dizer que «nos afastámos do essencial, a luta de classes».

<sup>27</sup> Sublinhado nosso. (N. T.)

Ignoro as dificuldades concretas que aqui se podem encontrar. Quem fica à espera de receitas nunca faz nada. Contudo, o preceito da Sex-Pol permanece, em princípio, válido sob esta ou aquela forma: *tem de se obter a adesão afectiva das massas*, mas um elo afectivo implica que se saiba, como a criança em relação à mãe que a protege e o guia, que se será compreendido nas preocupações e desejos secretos, incluindo sobretudo o domínio mais secreto, o domínio sexual.

## O TRABALHO CIENTIFICO REVOLUCIONARIO

O trabalho de massa implica também a pesquisa e a ruptura com a ciência burguesa em todos os domínios e não só o da economia política. A ciência burguesa domina a formação da ideologia social, tanto mais que os domínios implicados estão mais próximos da vida. Basta tomar o exemplo da literatura de política sexual (teoria racial). Deduz-se claramente que negligenciar o trabalho científico revolucionário nos países muito civilizados torna mais difícil, por um lado, a acção sobre as massas e, por outro, multiplica consideravelmente os obstáculos à reorganização da sociedade depois da vitória da revolução social. Além disso, resolver o problema do trabalho científico revolucionário é resolver em grande parte, também, o problema dos intelectuais.

Quanto a isto, para reconstruir o movimento revolucionário é preciso começar por dar contas do tipo de trabalho científico revolucionário que prevaleceu até agora; bem entendido, aqui apenas se poderá formular um princípio; contentar-nos-emos com sublinhar alguns factos importantes. O método marxista foi desenvolvido por si próprio como filosofia, essencialmente sob a forma de debates intermináveis sobre «o acaso e a necessidade», incompreensíveis para o homem comum. O conhecido livro de Kurt Sauerland sobre o *Materialismo Dialéctico* é uma obra prima do género; é uma mistura de formalismo filosófico e de oportunismo de partido.

A pesquisa no domínio das ciências permaneceu embrionária; no domínio das ciências sociais pouco menos. Não estávamos à altura de nos medirmos com o saber dos investigadores burgueses. Mesmo a revista «Unter dem Banner des Marxismus» (Sob a bandeira do marxismo) que era destinada a construir e cultivar a ciência marxista se esclerosou, excepto alguns bons trabalhos, naufragando no discurso formal e na dialéctica abstracta. Nela não se tocavam os assuntos que teriam permitido suscitar a discussão, abordar as questões debatidas pela ciência burguesa de outro modo do que juntar-lhes uma simples profissão de fé revolucionária. Este ponto é essencial. De modo nenhum nos podemos contentar, na frente científica, com desembaraçar-nos da tarefa a fazer censurando no adversário a ignorância da teoria da luta de classes ou falando constantemente da revolução em vez de fazer um trabalho efectivo.

Primeiro é preciso examinar com precisão e por sectores a situação e a estrutura da ciência burguesa em geral. Esta está fragmentada numa multidão de práticas individualistas, segue o carreirismo dos cientistas de segundo plano ou então a satisfação intelectual da elite; dentro do mesmo campo, os investigadores não se entendem; é académica não só pela linguagem mas também pela escolha dos assuntos; compare-se por exemplo o número de estudos sobre o estado do tecido cerebral nos alcoólicos crónicos com o número de estudos sobre as circunstâncias sociais que fazem de um homem um alcoólico; a ciência burguesa está tanto mais afastada da vida, produz teorias tanto mais grotescas, tanto mais se dispersa em querelas sobre estas teorias quanto mais o assunto abordado estiver próximo da vida. Portanto é a matemática, em suma, que está menos influenciada pelo pensamento burguês, enquanto que a pesquisa sobre a tuberculose, por exemplo, ainda não chegou a compreender correctamente o efeito da alimentação popular e da miséria do habitat sobre os pulmões; quanto à psiquiatria, terreno de eleição da extrema tacanhez de espírito, digamos apenas que ela, cujo objectivo seria elaborar os princípios da higiene

mental, funciona precisamente como um instrumento destinado a tornar impossível este objectivo. Contentar-nos-emos com estes exemplos para mostrar que a investigação marxista deve estar apta para a concorrência no domínio do saber puramente empírico, não só para ultrapassar efectivamente a ciência burguesa, mas para se tornar, sobretudo, um polo de atracção para os jovens intelectuais e investigadores, de que teremos grande necessidade depois da revolução.

A ciência marxista não pode desenvolver-se transpondo as palavras de ordem da luta de classes para a ciência burguesa, contentando-se com colar a etiqueta «luta de classes»; *não pode desenvolver-se senão a partir da problemática dos problemas, dos resultados de cada domínio científico*. É preciso mostrar *positivamente* onde é que a ciência burguesa fracassa, porque é que fracassa, em que é que a filosofia actua como entrave ao conhecimento, como ela o consegue, etc....

Só depois de o ter feito, depois de o ter materialmente realizado, se tem o direito a chamar-se sábio marxista e a elaborar as ligações das várias ciências com o problema da luta de classes no plano económico.

Estas afirmações não são fórmulas vazias, fundam-se no desenvolvimento da experiência da economia sexual. É preciso, portanto, com a ajuda deste caso particular, esclarecer desde o princípio a questão mais vasta relativa ao debate científico entre o proletariado e a burguesia; ela faz a introdução ao problema geral dos princípios da política revolucionária.

Quem conhece o género de discussão que existe no interior da ciência burguesa convencer-se-á que é inútil querer eliminar pela discussão a ideia falsa do adversário. Freud descobriu que as doenças mentais são o resultado do recalçamento sexual. Os Estados capitalistas, com os seus asilos de doidos, as suas instituições para psicopatas, os seus organismos de assistência, reben-tam com as consequências da economia sexual burguesa. Um humorista «divertiu-se» recentemente a calcular que dentro de 250 anos não haveria nos USA mais que doentes mentais, dado o aumento do número destes doentes. Não é tão inverosímil como parece. Até há

poucos anos atrás ainda se podia esperar que as descobertas revolucionárias de Freud se imporiam na psiquiatria e que, deste modo, a questão da profilaxia das neuroses ascenderia ao primeiro plano. Isto foi o primeiro passo na separação das concepções marxista e burguesa neste domínio sem que a palavra marxista fosse pronunciada previamente. Pelo contrário, a psiquiatria permaneceu impassível, continuou a exercer a sua vigilância intelectual sobre o absurdo de uma «disposição degenerativa» que seria a causa das doenças mentais; Mais ainda, fez importantes conquistas essenciais sobre a psicanálise. Um psicanalista eminente afirmou recentemente que não havia necessidade de se preocupar com a profilaxia das neuroses; bastava ocupar-se com a terapia individual. É evidente, já que a questão da profilaxia das neuroses arrasta toda a ordem sexual burguesa e a da existência da religião e da moral. Seria inconcebível querer combater «de um ponto de vista marxista» os erros científicos de Freud denunciando-o como um «reacionário». O verdadeiro e frutuoso trabalho revolucionário a realizar é o de mostrar positivamente em que é que Freud é um sábio genial e em que é que ele é um filósofo burguês da mais velha escola.

Poder-se-á esperar que as discussões científicas façam inclinar a balança a favor da revolução na luta no terreno científico? É impossível. Isto não quer dizer que seja preciso recusar toda a discussão: pelo contrário, deve-se praticá-la, devem-se conquistar as posições dominantes em todas as organizações científicas pelo seu trabalho efectivo, deve-se aprender pela discussão porque e em que o investigador burguês pensa erradamente, e falha o essencial; é a única maneira de se instruir. Mas é noutro lado que se desenrola o combate real; retomemos o exemplo da sexologia: nenhum psiquiatra burguês de nível médio aceitará a ideia de que as neuroses, psicoses, manias, etc.... provêm de uma economia sexual de massas putrefacta; em contrapartida, as largas massas interessam-se muito por estes problemas, simplesmente porque sofrem muito com eles, porque a miséria psíquica e a estupidez dos psiquiatras, estes administradores da ordem sexual capitalista, as afectam no seu próprio corpo.

Posso assegurar que qualquer jovem operário compreende melhor do que a maior parte dos psiquiatras do mundo reunidos, as relações entre a repressão sexual e a depressão psíquica, as perturbações do trabalho. Podemos dizer que se as massas chegassem a viver salutarmente, tendo acesso à satisfação sexual, a questão de saber se os males psíquicos são a expressão de uma economia sexual transtornada se resolveria por si própria, mesmo para os defensores da moral burguesa no interior do campo marxista, para os médicos e pedagogos socialistas deformados pelas ideias burguesas que «creem não poder aceitar a psicanálise», porque não percebem nada disso. O princípio: fazer-se compreender pelas massas, hoje e sempre, vale também aqui, no domínio sagrado da ciência pretensamente intocável. A Sex-Pol não deveu à sua organização, porque não a tinha, a popularidade, a compreensão que lhe manifestaram as camadas da população alemã e austríacas; a sua popularidade deveu-se unicamente ao princípio que consiste em levantar publicamente o problema da saúde sexual. Por isso mesmo a burocracia do partido era e será impotente contra ela.

O que é muito verdade, sobretudo verdade para a Sex-Pol, vale também para toda a espécie de ciência médica ou outra, para o estudo da tuberculose, por exemplo. A primeira condição é, evidentemente, que a ciência revolucionária não leva às massas concepções falsas, burguesas, o que só poderia ajudar a reacção, mas que ela começa por clarificar, à sua conta, os princípios de uma ciência materialista dialéctica empírica, antes de se dirigir às massas. É evidente que mais vale estar calado do que favorecer na juventude proletária a ideia burguesa segundo a qual as relações sexuais são nocivas na adolescência, acrescentando: «viva a revolução».

As massas têm um precioso instinto para as constatações exactas, instinto que só fica escondido na medida em que o partido revolucionário lhe não oferece nenhum alimento, enquanto que os charlatães lhe oferecem tudo, desde as mesas de pé de galo até à fonte de Lourdes.

O movimento comunista revolucionário quer a mesma coisa que o movimento pacifista pequeno-burguês: a eliminação da guerra e o estabelecimento da paz sobre a terra. A concepção revolucionária pretende, com razão, que este objectivo só será atingido pela eliminação violenta da dominação capitalista, por exemplo: pela transformação da guerra imperialista em guerra civil. O pacifismo rejeita tanto a guerra civil como toda e qualquer violência, sem querer admitir que assim cauciona a perpetuação do sistema que engendra a guerra. As largas massas apolíticas consideram o comunista como o «partidário da violência». Ora, o sentimento das largas massas é decisivo; temem a violência, desejam a paz, a tranquilidade, e, portanto, não querem ouvir falar de comunismo. Não se pode abandonar a teoria da tomada do poder pela violência, mas torna-se evidente, contudo, que não é possível fazê-la aceitar sem mais, pelas massas. Uma das grandes forças do movimento nacional-socialista, foi ter agarrado as massas não só pela miragem de uma «revolução alemã», mas também pela promessa de uma tomada do poder não violenta. Tinha simultaneamente em conta o sentimento revolucionário e o sentimento pacifista das massas, de modo absolutamente inconsciente, bem entendido. A primeira refere-se à maneira como as massas concebem a violência. A experiência ensina-nos que as massas são pacifistas, que têm medo da violência. A segunda questão assenta na relação entre o uso necessário da violência e a atitude das massas a seu respeito. A resposta às duas questões é e só pode ser a seguinte: *quanto mais ampla é a base do movimento revolucionário menor é a necessidade de recorrer à violência* e as massas menos têm a temer a revolução. Do mesmo modo, quanto maior for a influência revolucionária no exército e no aparelho de Estado menos necessidade há de violência. É por isso que a revolução russa se deu com o mínimo de derramamento de sangue. Só a intervenção dos imperialistas é que provocou o banho de sangue. Era *claro para todos* que a responsa-

bilidade histórica estava do lado dos imperialistas e do que ainda restava dos guardas brancos. Mas a extensão da base de massas depende da capacidade do partido revolucionário para falar a linguagem de todas as camadas laboriosas do povo, para dar a expressão justa aos seus desejos e ideias revolucionárias. Isto exige uma prática consciente da psicologia de massas. Se um «positor de princípio» objectar neste momento, como se faz frequentemente, que a revolução russa triunfou sem política sexual nem psicologia de massas, nós responderemos sem hesitar que os camponeses russos também não estavam tão aburguesados como os camponeses americanos, nem o proletariado russo tão emburguesado como o inglês, e sobretudo que era Lenine, o maior psicólogo de massas de sempre, quem dirigia a revolução russa.

Para voltar à questão da base de massas da revolução, tomemos um segundo exemplo ainda mais concreto.

## O POLÍCIA COMO HOMEM PRIVADO E AGENTE DO ESTADO

A polícia alemã apresentava contradições notáveis. O K.P.D. arremetia nos jornais contra os «pequenos Zörgiebels»<sup>28</sup>, as «hordas policiais», etc.... Isto era o resultado lógico da teoria do social-fascismo<sup>29</sup>. A raiva contra a polícia era certamente compreensível, porque ela atirava contra os manifestantes e matraqueava-os constantemente. Mas uma direcção revolucionária não deve ceder a sentimentos de cólera, mesmo justificados, e deste modo desconhecer que não se pode, sem uma incrível efusão de sangue, levar a bom termo uma revolta

<sup>28</sup> Emules de Zörgiebel, comissário de polícia de sinistra memória. (Nota da versão francesa)

<sup>29</sup> A versão inglesa coloca entre aspas o termo *social-fascismo*. De notar, por outro lado, que W. Reich desenvolve seguidamente a teoria de que «os polícias são filhos do povo», colocando-os, enquanto organização repressiva e permanente, em pé de igualdade com os filhos do povo, fardados à força no exército da burguesia! (N. T.)

sem a simpatia e o apoio activo da maior parte da polícia. Isto vale também para o exército. A direcção nunca deve esquecer que o funcionário da polícia e o militar são filhos de proletários, camponeses, empregados. etc.... Em vez de se pôr em fúria, seria mais acertado perguntar-se o que se passa com o polícia e o soldado médio para que assim se possam desligar da sua classe. Não sei se o esboço seguinte é muito exacto: talvez não. Mas imaginemos o agente da polícia tão imponente no alto do seu cavalo, de capacete e armado, uma vez em casa, no seu meio familiar proletário, como irmão, marido ou pai, na cama ou mesmo em cuecas! Na rua ele julga-se o «Estado», e as rapariguinhas proletárias fazem instintivamente uma vénia perante o defensor da paz, porque as mães ameaçaram-nas de o chamar quando se portavam «mal», quer dizer, desobedeciam, se entregavam a manobras genitais, etc.... O polícia tem portanto o sentimento de ser o defensor da ordem e acha-se importante por causa disso. É o que ele tem de reaccionário. Em casa e na caserna é um pequeno assalariado, marcado com o número de matrícula (registo), um laçao dos capitalistas, condenado à submissão perpétua. É justamente esta contradição, entre tantas outras, que é decisiva para o combate revolucionário.

A maior parte dos polícias prussianos eram social-democratas. Nas semanas em que Hitler tomou o poder, muitos deles protegeram os comunistas e outros socialistas perseguidos pela S.S. Uma agitação revolucionária consequente, racional, inteligente, pode resolver sem grande ruído a contradição que existe no polícia. Repetimos: não temos receitas para dar, mas tão só um método de análise.

Um exemplo do que se não deve fazer: quando o governo Papen chegou ao poder em Julho de 1932, uma das suas primeiras decisões foi proibir as visitas femininas nas casernas da polícia, as quais tinham sido autorizadas até então. A disposição era propícia à revolta. Quem militava em organizações de base ouvia dizer de vários lados que os jovens polícias diziam mais ou menos isto: «Muitas vezes nos deixamos levar sem protestar: o nosso

salário foi reduzido, o nosso tempo de serviço foi exasperadamente sobrecarregado, etc.... Mas não deixaremos que nos tirem as raparigas». A Sex-Pol informou imediatamente o Comité Central e aconselhou a ter em conta este estado de espírito, a defender publicamente o interesse dos polícias. Mas o Comité Central nada quis saber, julgava sem dúvida que isto nada tinha a ver com a luta de classes. A experiência mostra que onde quer que polícias frequentassem os centros de conselho animados por médicos da Sex-Pol, o estado de espírito hostil aos operários também desaparecia. Não se queria saber destes factos que não eram, certamente, «alta política». Mas eles mostram indubitavelmente que não se pode chegar às diferentes camadas da população com questões de política abstracta, que a política deve ser desenvolvida a partir das necessidades e preocupações das massas.

Se nos recusamos a dar atenção às manifestações menores da vida das massas, aparentemente fortuitas e acessórias, as massas não acreditarão — e terão razão — que nós as possamos compreender quando se tomar o poder. Um amigo da Sex-Pol deu boleia a dois aprendizes durante uma viagem. A conversa depressa deslizou para a política. Eram jovens verdadeiramente operários, que ainda não tinham atingido a idade de votar, muito elevada no país de que falamos. Eram favoráveis ao socialismo mas não queriam saber de política, disseram eles. De muito boa vontade a deixavam ao respeitável presidente do conselho social-democrata; também lhe deixavam de bom grado o seu direito de voto contanto que ele lhes deixasse as lindas raparigas que eles encontravam durante as suas viagens. O narrador afirmou que não se tratava de vagabundos, mas de jovens trabalhadores de tipo médio, cheios de vitalidade. Quem recusar ouvir, compreender estas coisas e delas tirar uma lição, é porque o seu caso é desesperado.

Na Áustria, soldados de origem proletária e camponesa destruíram as casas dos operários e mataram centenas de companheiros de classe. Não encontramos em nenhum jornal, em nenhum relatório, o mínimo sinal de questão de saber como é que isto é possível e como

se lhe pode encontrar solução. É precisamente desta questão e da resposta que se lhe dá que depende a resposta à «grande questão estratégica» de saber se e como são possíveis uma revolta e um combate de rua no estado actual do armamento e do aparelho de Estado. Aí está tudo. Em vez de mutuamente se lançarem à cara toda a quantidade de injúrias e de reciprocamente se chamarem «traidor da classe operária», o que não leva a nada, porque ninguém o entende, os que se chamam guias do proletariado também comecem por pôr estas questões, por compreender estes soldados, a fim de aprender como se pode ter influência no exército e na polícia.

#### O DESENVOLVIMENTO DA POLÍTICA REVOLUCIONÁRIA DO ESTADO A PARTIR DAS NECESSIDADES DA POPULAÇÃO

Durante um debate entre o representante da Sex-Pol e o representante do Comité-Central, Pieck, em 1932, este explicou que as concepções desenvolvidas em *A irrupção da moral sexual*<sup>30</sup> contradiziam as do partido e do marxismo. Tendo-lhe sido pedido que se justificasse, ele disse: «vós partís do consumo e nós da produção; portanto, vós não sois marxistas». O representante da Sex-Pol perguntou se as necessidades estavam ao serviço da produção ou se pelo contrário não era a produção que respondia às necessidades. Pieck não percebeu esta pergunta. Só dois anos mais tarde se viu claramente onde estava a diferença: o economicismo fundou todo o seu trabalho e toda a sua propaganda sobre o objectivo da vida social, isto é, sobre o progresso das forças produtivas, os antagonismos económicos entre Estados, a superioridade da planificação soviética sobre a anarquia capitalista, etc.... e «relacionou

<sup>30</sup> *Der Einbruch Der Sexualmoral*, pequena brochura de Reich publicada pela primeira vez, 1932, em Berlim. (Nota da versão inglesa)

esta política estatal com necessidades quotidianas»; este género de «relação» resultou num completo fracasso. A Sex-Pol desenvolveu a exigência da revolução social a partir das necessidades subjectivas, derivou todos os problemas políticos do problema de saber *quais* as necessidades da massa que deviam ser satisfeitas e *como* fazê-lo, e despertou assim um extremo interesse entre os homens mais despolitizados de todos os meios. Encontra-se aqui não só a diferença de princípio entre trabalho revolucionário vivo e o «marxismo» dogmático e escolástico do partido, mas também a razão pela qual mesmo os melhores responsáveis, «embarcados» na alta política, não compreendem a maneira como a Sex-Pol põe os problemas. É certo que numerosos responsáveis do Komintern sentem esta lacuna no seu trabalho, não conseguindo contudo definir as ligações concretas da polícia com as necessidades das massas. Deste modo, Manouilski diz no seu relatório à 17.ª sessão do P.C.U.S. sobre «o amadurecimento da crise revolucionária» (3.ª parte: «Situação das secções do Komintern») (citado de *Rundschau* n.º 16 p. 586):

«Tomemos o exemplo da nossa Internacional da Juventude Comunista. A Internacional da Juventude formou durante muitos anos, sob a direcção do Komintern, uma notável geração de jovens bolcheviques, que mais de uma vez deram provas da sua dedicação sem limites à causa comunista. *Mas ela não se pôde enraizar profundamente na massa da juventude operária. A social-democracia também não atinge esta juventude. A juventude, nos países capitalistas, está enquadrada aos milhares nas organizações desportivas criadas pela burguesia, pelos seus estados-maiores e pelos seus padres. Na Alemanha, uma parte da juventude desempregada tomou o caminho das casernas fascistas. Mas os membros da união da juventude comunista não compreenderam nada desta doutrina. Eles bateram-se corajosamente contra os fascistas na Alemanha. Em numerosos países fizeram um bom trabalho no exército e sofreram por isso longas penas de reclusão; mas implantar-se, por exemplo numa organização desportiva católica, reunindo dezenas de milhar de jovens trabalhadores, é-lhes tão difícil como*

*para o Papa juntar-se à Associação dos ateus a fim de aí fazer propaganda a favor do catolicismo. Mesmo os membros da U.J.C. e os comunistas não estão ligados por considerações de prestígio, como é o caso do Vigário de Cristo. As organizações comunistas e a U.J.C. devem ser móveis; devem encontrar-se onde quer que haja operários, devem estar nas organizações desportivas, nas organizações recreativas tais como o «Dopolavoro» em Itália, nos campos de trabalho civil<sup>31</sup>, mas devem estar antes de mais nas empresas».*

Isto é absolutamente correcto, mas falta-lhe o essencial. O jovem da U.J.C. que trabalha nas organizações cristãs está totalmente desarmado face ao jovem cristão se apenas tiver como arma as análises económicas-políticas do C.E.I.C. É que ele tem que saber de *que* é que deve falar com o jovem cristão e *quais* as soluções que o comunismo propõe não para o problema da economia, mas antes de mais para os problemas particulares do jovem cristão. Só a partir destas preocupações se pode deduzir pouco a pouco a necessidade de uma planificação socialista, como base de solução das preocupações pessoais. Por conseguinte, a Sex-Pol está em princípio de acordo com Manouilski sobre este problema de organização interna. Mas as diferenças tornaram-se enormes desde que se chega às questões concretas, ao que interessa ao jovem, cristão ou não, ao real concreto a partir do qual o jovem da U.J.C. deve desenvolver o seu trabalho<sup>32</sup>. O mesmo se pode dizer em relação a todos os preceitos formais da direcção do Komintern. Ela diz com razão que se deve realizar um trabalho de massas, mas insurge-se contra os *conteúdos concretos* do trabalho de massas a realizar, tanto mais vivamente quanto estes conteúdos mais se afastam da alta política e mais se aproximam do que toca as pessoas. Põe como princípio que assuntos pessoais e assuntos políticos são

<sup>31</sup> *Arbeitsdienst*: Campos de trabalho forçado civil para os adultos. (Nota da versão inglesa)

<sup>32</sup> Cf. *O Combate Sexual da Juventude* (Der Sexuelle Kampf der Jugend) de Reich. Este livro foi proibido pelo K.P.D. enquanto que os jovens de todos os meios o disputavam. (Nota da versão espanhola)

absolutamente opostos, sem ver as mútuas relações dialécticas. Não só existem problemas muito pessoais que são ao mesmo tempo os problemas mais típicos da ordem social, como por exemplo o problema da procura do par sexual ou o problema do alojamento para os jovens, mas a política em geral nada mais é que a prática dos interesses das diversas camadas sociais e classes etárias da sociedade.

*Em resumo, a política revolucionária distingue-se de toda a espécie de política burguesa opondo a política ao serviço da satisfação das necessidades das massas, enquanto que esta constrói toda a sua política sobre a renúncia inculcada às massas durante o curso da história.*

Quem trabalhou nas células comunistas, sabe como os próprios membros do partido reagiam à «alta política». A informação política fazia parte das reuniões semanais. Um «relator» apresentava melhor ou pior a política da burguesia, os membros escutavam com maior ou menor interesse, mas sempre passivamente. Não havia discussões senão nas células compostas por uma maioria de intelectuais ou de quadros de longa formação, que expunham as questões de alta política. Nos meses que precederam a ascensão de Hitler ao poder, viram-se multiplicar os casos em que proletários membros das células, que evidentemente não eram versados em alta política mas que se davam conta de que alguma coisa se devia estar a passar, interromperem esses vãos «relatos» políticos e dizerem com firmeza: «ouvimos durante anos os vossos relatos sobre o que quer e faz a burguesia. Queríamos ouvir finalmente o que devemos fazer, qual o género de política que devemos seguir». Os relatores nada tinham a dizer. Como se conhecia em alguns bairros o sucesso dos oradores da Sex-Pol, que sabiam interessar pela política os membros do partido e os não organizados abordando os problemas políticos a partir das necessidades, das preocupações pessoais, certos quadros do partido dirigiram-se à Sex-Pol pedindo-lhes relatores: queriam atrair os «não organizados» às reuniões da noite. A propaganda junto das mulheres, dos jovens, fracassava por todo o lado, porque por todo o lado se praticava o mesmo género de discurso

sobre a «situação política», gerando por todo o lado o mesmo aborrecimento. Em contrapartida, os oradores da Sex-Pol eram formados para tratar em primeiro lugar as preocupações pessoais da mulher, do adolescente, do desempregado, etc.... Pegavam num tema «apolítico», por exemplo: «como educar o meu filho?» ou para os jovens: «rapazes e raparigas na organização». Toda a discussão de uma questão da vida pessoal suscitava grande interesse, participação viva do auditório e conduzia regularmente às grandes questões políticas que, apresentadas sob «outra forma», abafavam todo o sentimento revolucionário. Em vez de fazer «alta política», pretender «ligá-la às necessidades quotidianas», para de facto as excluir, a Sex-Pol tinha por regra nunca partir dos problemas pessoais, para chegar, por exemplo, à política de Hitler e de Bruning<sup>33</sup>. A este método que consistia em atingir os grandes problemas da política de classes partindo do que é mais pessoal, em vez de se fechar na alta política, os representantes do partido chamaram-lhe «desviacionismo contra-revolucionário». Mas os seus quadros recorreram a nós, em Oranienbourg, Juterborg, Dresde, Francfort, Steglitz, Stettin, etc., para «tocar os não organizados». Nas empresas contaminadas pelo nacional-socialismo e impenetráveis desde há anos para os sindicatos vermelhos, a Sex-Pol pôde reunir dúzias de pessoas ao simples anúncio dos assuntos das reuniões, pôde animar o trabalho de célula, interessar mulheres e adolescentes não politizados. O movimento era demasiado jovem, demasiado fraco; foi visto com maus olhos pela direcção do partido e depois proibido; apenas conseguiu juntar algumas experiências. O que foi considerado como desvio em relação à política e qualificado de reaccionário, era na realidade a verdadeira propaganda revolucionária. A prova disso é o interesse que os indivíduos não politizados manifestavam, pela política, no fim de contas.

Sem a politização revolucionária das massas, que não se interessam pela alta política assim apresentada,

<sup>33</sup> Chanceler do Reichstag (1930-1932). 'Secretário-geral do Partido do Centro Católico. (Nota da versão inglesa).

nenhuma organização revolucionária vencerá. As acções ditas revolucionárias, que deixam as massas mais ou menos indiferentes, eram tentativas para «mobilizar» as massas pelo exemplo. Fracassaram na maior parte dos casos.

As experiências feitas pela Sex-Pol na Alemanha podem ser transpostas para qualquer domínio da política revolucionária. Não se pode ter êxito na politização das massas apáticas contentando-se a dar o exemplo, nem lançando apelos psicologicamente falsos «aos trabalhadores do mundo inteiro». Para que as massas se tornem politicamente activas, é preciso que elas se ponham a *si próprias a questão fundamental* da política revolucionária: «Que queremos? Se é verdade — e nós não duvidamos que o seja — que a revolução social realiza o projecto de uma democracia social, quer dizer faz participar realmente toda a população na prática, na política revolucionária e não nas manobras diplomáticas burguesas, e, não se contentando em «interessar» as largas massas na organização da vida social lhes confia o essencial desta tarefa, resulta necessariamente que o trabalho revolucionário exige certos princípios que aqui apenas se podem esboçar com a ajuda de exemplos. Não pretendemos esgotar a questão com estes exemplos, mas mostrar que se pode, e como se pode, despertar a actividade latente das massas.

## A APROPRIAÇÃO DO SEU PRÓPRIO BEM

É claro que nenhuma direcção poderá jamais prever e dirigir todas as tarefas e todos os problemas suscitados pela vida social. Só a ditadura burguesa o faz, porque não tem em conta as necessidades das massas, porque assenta precisamente na satisfação aparente e na apatia política real das massas. No sistema capitalista actual, o trabalho está desde há muito socializado e só a apropriação dos produtos é que é assunto privado do empresário.

A revolução social propõe-se, entre outras coisas, socializar as grandes empresas, quer dizer, confiá-las ao controle dos trabalhadores. Sabemos que a União Soviética teve dificuldades no início, e tem ainda hoje com este controle dos trabalhadores. O trabalho revolucionário nas empresas só pode resultar se desperta o interesse do trabalhador pela empresa, como o interesse *efectivo* pela produção, e se parte deste interesse. Mas o trabalhador não tem interesse pela empresa enquanto tal e sobretudo pela empresa na sua forma actual. Para que ela venha a adquirir este interesse revolucionário *em pouco tempo*, é preciso que *comece desde já, no capitalismo, a ter a ideia da empresa como se lhe pertencesse*. Deve-se fazer com que o pessoal tome consciência de que a empresa e a sua direcção *lhe pertencem exclusivamente*, baseando-se no seu trabalho; que este direito que o capitalista reivindica *actualmente* para si, é acompanhado de numerosos deveres, nomeadamente estar ao corrente da gestão da empresa, da sua organização, etc.... se se quer ser dono em sua casa. A propaganda deve fazer aparecer claramente que o verdadeiro dono da empresa não é o actual proprietário do capital e dos meios de produção, mas os operários. Do ponto de vista psicológico há uma grande diferença entre dizer: «Nós expropriamos os grandes capitalistas» e dizer: «Nós tomamos posse da nossa propriedade legítima». No primeiro caso o operário politizado ou não politizado reage à palavra de ordem de expropriação com consternamento e culpabilidade, como se se assenhorasse à palavra de ordem de expropriação com consciência da legitimidade do seu direito de propriedade, fundada sobre o seu trabalho, e a ideologia burguesa que afirma a «intangibilidade da propriedade privada» dos meios de produção perde o seu impacto sobre as massas. Porque o que se torna problema não é que a classe dominante pregue esta ideologia mas que a massa se deixe penetrar por ela e a aceite.

Não deve uma organização revolucionária fazer compreender ao pessoal de uma empresa que ele é o seu dono legítimo e que deve ocupar-se desde já das suas tarefas? Nos grupos da Sex-Pol, os empregados pequenos-burgueses e as operárias procuravam compreender como

melhor realizar a educação dos filhos, como organizar o trabalho doméstico, perguntavam-se se não seria preferível organizar uma cozinha colectiva num bloco de habitações; do mesmo modo, o pessoal pode e deve desde já preparar-se para tomar a empresa a seu cargo. Devem, pelos seus próprios meios, avaliar, aprender, compreender tudo o que é necessário para este efeito e a melhor maneira de o realizar. A experiência dos Sovietes pode ajudá-los em relação a este aspecto, mas não pode substituir o seu trabalho, porque a situação e as possibilidades são diferentes. É absolutamente certo que só assim os empregados podem sentir interesse pela revolução social, e não por eruditos relatos sobre a situação política e o plano quinquenal. A tomada ideal do poder, com a ajuda de uma preparação concreta, deve preceder o exercício real do poder pelo pessoal das empresas. E isto vale para qualquer organização da juventude, qualquer organização desportiva, qualquer regimento militar. É isto e só isto que se chama «despertar a consciência de classe. A direcção revolucionária não pode ter outra tarefa que não seja ajudar a tornar perfeitamente lúcidas, depois da tomada do poder, estas primeiras etapas da democracia social revolucionária, dirigir os preparativos, trazer o apoio de um saber mais lato. Assim comprometido no trabalho concreto, cada trabalhador sentir-se-á verdadeiramente dono da empresa; já não considerará o empresário como um distribuidor de salários, mas como um explorador da sua força de trabalho; se o dirigente revolucionário deve saber o que é a mais-valia, por seu lado o trabalhador deve saber exactamente que lucro assegura o seu trabalho ao empresário. É isto a consciência de classe: se ele então se puser em greve será não só por solidariedade sentimental, não só por fidelidade aos chefes sindicais, mas pelos seus próprios interesses, e doravante nenhum dirigente sindical poderá traí-lo. Lutará pelos seus próprios interesses, melhor que isso, imporá a greve às direcções fraquejantes e afastá-las-á se elas não funcionarem. A propaganda revolucionária não foi, no essencial, senão uma crítica negativa; tem de aprender a ser também conformadora, positiva.

É exactamente o mesmo princípio da tomada de consciência prática que serve para a juventude de todos os meios. Se a juventude trabalhar nas empresas, ela participará no trabalho sindical concreto. Se não, ela ocupar-se-á da organização da vida pessoal, da solução do conflito com os pais, do problema sexual, do problema do alojamento. Ao fazê-lo, ela própria criará não só novas formas de vida social, que terá de inventar primeiro, realizar depois, e, por fim, defender, mas sobretudo ela nunca mais se deixará domar. Os relatos sobre a situação política e mesmo sobre o «problema sexual da juventude», não servem para nada. Continua a ser trabalho directivo vindo de cima. A juventude deve começar desde já a organizar a sua própria vida. Não pode nem deve começar por se preocupar com a polícia ou com as autoridades; rapidamente se aperceberá que choca com fortes barreiras, que se torna impossível organizar mesmo as coisas mais simples e mais evidentes para a juventude; e assim ela aprenderá na prática o que é a política revolucionária, o que é a exigência revolucionária. Quando tiver querido, por exemplo, arranjar produtos anti-concepcionais, organizar a ajuda mútua em matéria de alojamento, etc.... e as autoridades capitalistas tiveram intervindo, primeiro com ameaças, depois com prisões e por fim com graves penas de prisão, só então é que a juventude sentirá de maneira mais directa em quê e como ela é oprimida; aprenderá então a lutar não no vazio, não na base de slogans telefonados, mas no choque com as duras realidades da vida no capitalismo. Foi o que aprenderam as ligas de escuteiros checos em 1931, que, praticando uma vida sexual na tenda, se viram a braços com a polícia, que fez prisões. Então bateram-se a soco na rua contra a força pública pela defesa do seu direito. Actualmente não se pode dormir na tenda sem certidão de casamento e a juventude alemã murmura contra a proibição, mas mantém-se calada; procura outros lugares e assim dão a volta à proibição policial. A consciência do direito a organizar a sua própria vida obrigá-la-á também a bater-se por este direito. O que lhe falta é um apoio, uma organização, um partido que a compreenda, a ajude, a defenda.

## CONCLUSÃO

*A consciência de classe das massas* não é o conhecimento das leis históricas ou económicas que regem a vida dos homens, mas o conhecimento:

1—Das necessidades vitais de cada um em todos os domínios;

2—Das vias e possibilidades de satisfação dessas necessidades;

3—Dos obstáculos que lhe são postos pela sociedade de economia privada;

4—Das inibições e ansiedades que impedem cada um de ver claro nas exigências da sua própria vida (a fórmula: «O inimigo está no seu próprio campo» é particularmente verdadeira a propósito da inibição mental de cada oprimido);

5—Da invencibilidade da sua própria força contra a dos opressores por pouco que ela se una em movimento de massa.

*A consciência de classe da direcção revolucionária* (do partido revolucionário) nada mais é que a soma do saber e das aptidões que permitem exprimir para a massa o que ela própria não pode exprimir; e a eliminação revolucionária do jugo do capital é a acção global que nasce da consciência das massas plenamente desenvolvida, quando a direcção revolucionária tiver compreendido as massas em todos os domínios.

## PRINCÍPIOS PARA O DEBATE SOBRE A RECONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO OPERÁRIO

Resumo das alterações de métodos tornados necessários pela constatação dos erros passados.

Princípio: é impossível dar receitas de pormenor; temos de ter princípios de análise e de avaliação bem definidos que serão aplicados aos casos particulares. Se o princípio é errado, só por acaso serão boas as avaliações de pormenor e o risco de erro será considerável.

## PARA JULGAR O ACONTECIMENTO POLITICO

1—Para compreender qualquer processo importa fazer duas perguntas: a) o processo é de orientação revolucionária ou reaccionária? b) quem o realiza julga que está a actuar no sentido do socialismo ou do capitalismo? (os aspectos objectivo e subjectivo são, na maior parte das vezes, diferentes: a S.A. é objectivamente contra-revolucionária e subjectivamente revolucionária).

2—Para estar à altura das tarefas, é necessário perguntar em cada juízo e tomada de posição:

Que se passa ao nível das diferentes camadas das massas?

Que é que nelas nos é favorável ou desfavorável?

Como é que as vastas massas, não politizadas ou deformadas pela ideologia, vivem os acontecimentos políticos?

Qual é o sentimento das massas em relação ao movimento revolucionário?

3—Todo o acontecimento é contraditório, comporta factores favoráveis e factores desfavoráveis à revolução. Não se pode prever a não ser com a condição de:

a) prever as contradições.

b) formular as várias possibilidades de evolução da situação (por exemplo: factores revolucionários e reaccionários no fascismo).

4—O processo social comporta simultaneamente forças progressistas e forças conservadoras ou reaccionárias; o trabalho revolucionário consiste em compreender as duas e favorecer as tendências revolucionárias (por exemplo: a juventude hitleriana; a libertação sexual é uma força progressista, a fé na autoridade uma força reaccionária).

5—As necessidades não estão ao serviço da economia, mas a economia está ao serviço das necessidades.

6—Imaginar os polícias e outros adversários em cuecas. Do mesmo modo para qualquer autoridade temida.

7—A sugestão como meio de atrair as massas, apenas tem valor para a reacção política; o movimento revolucionário não tem que insinuar, mas que dizer tudo às massas, que adivinhar e formular os desejos não expressos e confusos das massas (a teoria da escada revolucionária é insinuação).

8—A diplomacia secreta é a forma de política da reacção; a política revolucionária consiste sempre em dirigir-se às massas, em rejeitar a política secreta (cf. o discurso de Litvinov na última sessão da conferência do desarmamento).

9—Se se transfere para as massas os desejos próprios de quem analisa e se se não julga a situação *real independentemente* dos seus próprios desejos, desprezam-se os desejos que seriam mais fáceis de satisfazer (projectão sobre as massas da situação tal como a vê um grópúsculo).

10—O economicismo conduz ao fracasso: é o homem e não a máquina quem faz a história; o homem serve-se da máquina. A economia não se transforma imediatamente em consciência, mas existem numerosos elos intermediários, assim como contradições (por exemplo: o trabalhador cristão, a mulher pobre favorável aos nazis, etc....).

11—Que as massas se revoltem contra a miséria material e sexual, não é problema; considerar sempre que o verdadeiro problema está em que as massas possam agir *contra* o seu próprio interesse («comportamento irracional»); por exemplo: que as mulheres defendam o casamento, mesmo quando é uma carga, que os operários esqueçam a exploração quando a empresa é próspera, que os jovens se ponham ao lado da repressão sexual.

12—Não querer levar a consciência de classe às massas em cursos magistrais, mas desenvolvê-la a partir da vida das massas. Politização de todas as necessidades.

13—Fazer compreender claramente que quando o proletariado defende os seus próprios interesses, defende

simultaneamente os interesses de todos os trabalhadores. Não fazer oposição entre proletariado e classes médias. O proletariado industrial é numericamente minotário no capitalismo avançado e, além disso, está emburguesado.

14—E sobretudo nada de panfletos (ou outras formas de agitação) se são maus. Cuidado com a desilusão das massas! O que é decisivo, não são as intenções mas o impacto sobre as massas! Estabelecer a confiança antes de qualquer tentativa para influenciar as massas: por exemplo: admitir que se ignora isto ou aquilo.

15—Pedir às massas apenas o que elas possam realizar. Agir progressivamente! Fazer um trabalho de base e a longo prazo mas estar preparado para acontecimentos imprevistos!

16—São as largas massas apolíticas que determinam sempre o destino da revolução. Por conseguinte, politizar a vida privada, a vida corrente dos lugares públicos, dancings, cinemas, mercados, quartos de dormir, estalagens, agências de apostas! A energia revolucionária está acumulada na vida quotidiana!

17—Pensar de um ponto de vista internacional e não nacional (não nos interessamos, na Alemanha, pela frente única em França e no Sarre, ou pela revolução chinesa).

## NÓS PRÓPRIOS — O PARTIDO

18—Há duas espécies de consciência de classe; a da massa difere da da direcção (de um lado necessidades dos jovens, por exemplo, de habitação independente, oposição dos trabalhadores à baixa de salários, revolta dos membros da S.A. contra o seu próprio desarmamento — do outro, conhecimento do mecanismo das crises, da técnica de planificação socialista, dos antagonismos imperialistas, da corrida mundial aos armamentos, e também apreciação muito exacta das necessidades das massas).

19—Não é o projecto ou o programa de uma orga-

nização ou de um movimento que determina a sua força política, mas a sua base de massa, quer dizer o que nele responde aos desejos das massas. A direcção revolucionária não pode, por isso, dar-se ao luxo de hesitar como Goebbels, por exemplo, que, não tendo base de massa de que dependesse, pôde escapar ao massacre de 30 de Junho pondo-se do lado «bom».

20 — Questão fundamental: eu, o revolucionário, não estarei contaminado pelo espírito burguês, religioso, moralizador? Esta contaminação não me entrava no trabalho revolucionário? Não terei eu próprio fé na autoridade?

21 — A direcção revolucionária deve pensar não só subjectivamente que trabalha na revolução mas trabalhar objectivamente nela!

22 — Deve-se fazer tudo para que os erros verificados não sejam corrigidos apenas nos escalões inferiores, mas também na cúpula.

23 — A linha política deve ser constantemente controlada pela base (discussão interna).

24 — Não mudar de política sem o dizer, ou até escondendo-se porque assim se pode semear a confusão e a decepção. É preciso dar conta, com precisão, aos membros do partido de qualquer mudança política, submeter os erros cometidos a uma verdadeira auto-crítica, em vez de lançar mecanicamente a culpa sobre os escalões inferiores («As decisões do X Congresso do Partido não foram aplicadas correctamente»).

25 — É preciso pôr aqui o problema da direcção, da renovação dos quadros médios e inferiores. Aquele que não prevê, que se deixa levar pelos acontecimentos, é um mau dirigente que só sabe ceder à pressão das massas.

26 — Procurar desde já como evitar antecipadamente a burocratização de uma organização revolucionária viva. Porque é que um simples operário se torna tão depressa pretensioso quando é promovido a quadro? O melhor critério: a adopção da moral burguesa no domínio do casamento e da vida da juventude!

27 — Como reconhecer o futuro traidor, agente provocador, desertor, aquele que virará a casaca no momento decisivo, antes mesmo que ele próprio o saiba ou pres-

sinta? (vaidade, gosto pela diplomacia, falta de firmeza na defesa do seu próprio ponto de vista, amabilidade excessiva, ostentação forçada dos seus sentimentos revolucionários, etc.).

28 — Como identificar as características do revolucionário firme? (Simplicidade do porte, capacidade de contacto imediato, atitude natural no campo sexual, ausência de verborreia, adesão não só sentimental ao socialismo mas sobretudo intelectual, comportamento simples quando em funções superiores, ausência de atitude patriarcal em relação à mulher e aos filhos.

29 — Estrutura do futuro partido: qualidade da elite e não quantidade! A elite (partido) + a massa dos simpatizantes = facilidade de recrutamento.

Restabelecer o período de prova antes da admissão.

30 — Não sobrecarregar os responsáveis! Conceder-lhes tempo livre sem restrições! Não renunciar à vida privada, mas tê-la bem organizada! Formar substitutos e mantê-los sempre preparados. Dividir o trabalho. Sessões breves e objectivas! Favorecer a verdadeira crítica mas excluir impiedosamente o cinismo! Compreender sempre primeiro o ponto de vista do outro. Evitar as acções sem futuro, as «campanhas», mas actuar o mais profundamente possível, até que a acção surja por si própria.

31 — Nada de heroísmo inútil! Não ter orgulho no martírio, mas poupar as forças. Não é difícil nem glorioso ir para a cadeia mas a grande arte está em não ir para a cadeia. Não proclamar a «solidariedade proletária» mas praticar uma solidariedade real (cf. os defeitos do «Socorro Vermelho»).

32 — Os conflitos e as relações pessoais estorvam muitas vezes o trabalho. Aprender, não a eliminar as questões pessoais, mas a politizá-las (por exemplo: a mulher que retém o marido por ciúmes ou vice-versa).

33 — Deve-se aprender a mudar de opinião; o que não significa não ter convicções. Verificar se a ligação à organização e a ideia feita não impede de ver a realidade tal qual ela é, (a organização revolucionária e a solidariedade consciente são a base do trabalho revolucionário para o indivíduo; quando se torna inconsciente-

mente um substituto do lar e da família, pode obscurecer a visão do real).

34 — Dar sempre, dentro do partido, plena publicidade aos problemas interiores (é óbvio que isto só é válido quando o partido é legal). A política secreta no interior do partido é nociva. Quem dissimula a sua opinião não é dos nossos.

Também não é dos nossos o que põe a causa da revolução ao serviço da tática, e não ao contrário.

35 — Desenvolver a sua própria iniciativa nada mais significa que ver a vida sem «antolhos» e disso tirar as consequências.

Apêndice

O ensaio seguinte foi escrito por Reich, sob o pseudónimo de Ernst Parell, na Dinamarca, em 1933, onde se encontrava exilado proveniente da Alemanha. Em Janeiro desse ano, Adolf Hitler tornara-se o último chanceler da República de Weimar e o domínio dos nazis alemães começara. Uma breve descrição da génese da conjuntura histórica em que foi escrito poderá lançar alguma luz sobre os argumentos e preocupações de Reich.

A derrota do segundo império alemão em 1918 deixou um vácuo de poder numa Alemanha em que, durante meio século, o crescimento económico (e, em particular, a industrialização) tinha ultrapassado a organização política efectiva da sociedade alemã. A falhada revolução burguesa de 1848 e a «revolução a partir de cima» de Bismarck subseqüentemente engendrada asseguraram a sobrevivência e crescimento de uma burguesia conservadora que mantinha um poder instável aliada aos *Junkers* proprietários de terras. O Estado era considerado tanto pelos operários como pelos pequeno-burgueses como uma força social independente acima da sociedade (dado que o seu modo de formação tinha reforçado a ideologia burguesa do Estado como instituição independente e não classista) que sustentava o monarca e se apoiava na dupla força de um exército permanente bem treinado e de um funcionalismo centralizado. A sobrevivência no poder da aliança de classes que dirigia o Estado soçobrou na guerra de 14-18, a qual se vira compelida a desencadear no seu próprio interesse.

O Partido Social-Democrata (SPD) tinha sido fundado em 1869 com o apoio dos sindicatos recém-formados e, durante anos, tinha permanecido semi-illegal para o Estado. Representava a luta do proletariado industrial em rápido crescimento pelos «direitos» democráticos burgueses que não tinham sido assegurados em 1848 e, nas décadas de 1880 e 1890, enveredou por uma revisão particularmente determinista do marxismo a qual correspondia ao estatuto subcultural da vida política dentro da classe operária na sociedade alemã da época. Em termos de apoio, tornou-se um partido de massas na primeira década do século XX. A recusa do SPD em opôr-se à decisão do militarismo e da indústria de desencadear a guerra em 1914 levou ao aparecimento de um movimento anti-guerra à esquerda do SPD, composto por revolucionários, pacifistas e sectores avançados da classe operária. Este movimento era representado politicamente pelo Partido Social-Democrata Independente (USPD) dissidente, fundado em 1917 e que atraiu a si cerca de 40% dos membros do SPD, mas a sua expressão organizacional efectiva concretizou-se em manifestações contra a guerra e greves que interromperam a produção de guerra. Estas alcançaram uma dimensão

considerável em 1916, altura em que a prisão «por traição» do dirigente espartaquista do movimento anti-guerra, Liebknecht, deu origem a uma greve de 50 000 operários.

Em 1917, surgiram por toda a Alemanha conselhos de fábrica organizados por operários ao nível da produção<sup>1</sup>, envolvendo milhares de operários na gestão continuada de algumas esferas da produção e greves generalizadas contra a guerra, noutras. Os marinheiros de Kiel da Esquadra do Báltico, fortemente influenciados pelas acções dos seus camaradas russos, amotinaram-se com êxito contra os seus oficiais e, enquanto bandeiras vermelhas eram içadas nos seus navios de guerra, formaram conselhos revolucionários e persuadiram as tropas enviadas para esmagar o motim a juntarem-se a eles. Os operários da indústria convocaram uma greve geral de apoio aos marinheiros de Kiel e verificaram-se insurreições populares ao longo da costa do Báltico, em Hamburgo, Bremen e Lubeck. Um mês depois, os habitantes de Munique proclamaram-se a si próprios uma república socialista presidida pelo popular dirigente do USPD, Kurt Eisner. Os edifícios públicos foram ocupados, as instalações dos jornais tomadas e constituíram-se conselhos de operários e camponeses segundo o modelo dos soviets russos. Em Berlim, os trabalhadores responderam ao apelo do USPD (e particularmente do seu contingente espartaquista) para a fundação duma república baseada no poder dos conselhos de fábrica.

O SPD, sob a direcção de Ebert, que entretanto negociava com os militares e o Imperador a constituição de um governo, levado pelo pânico, proclamou a república, numa tentativa de conter a maré revolucionária. Que as perspectivas políticas burguesas da democracia parlamentar, dos direitos civis e do sufrágio universal que o SPD fixava como seus objectivos pudessem atrair o apoio de uma grande parte da classe operária alemã, mesmo quando militavam no movimento dos conselhos de fábrica, só se pode explicar, por um lado, pela subpolítica dos seus interesses sob o Segundo Império e, ao mesmo tempo, pela aliança do SPD com os chefes do exército alemão derrotado, que não só legitimavam o papel do SPD na crise como permitia ao novo governo suprimir as expressões do poder popular.

O USPD associou-se por algum tempo ao SPD para o estabelecimento de um governo de transição, mas retirou-se no mês seguinte, Dezembro de 1918, quando Ebert decidiu usar tropas para desalojar alguns marinheiros revolucionários que estavam a ocupar o antigo palácio real em Berlim. O USPD continuou a exercer pressão para que os conselhos se tornassem os órgãos efectivos do poder político, mas a sua hesitação no apoio ao SPD tinha-o feito perder a iniciativa política e, em fins de Dezembro, a sua parte mais radical, os espartaquistas, deixaram o USPD e fundaram o Partido Comunista Alemão (KPD). Assim, a amarga inimizade entre o SPD e o KPD nasceu das circunstâncias que rodearam a fundação deste último, que declarava ter o USPD «perdido o direito ao nome de porta-estandarte das massas revolucionárias». (A par disso, consideravam com razão que o SPD tinha vendido completamente o povo). Nesse mesmo mês, o congresso de conselhos operários reunido em Berlim votou por 400 contra 75 a favor do abandono de toda a reivindicação ao poder político, em grande parte como resultado da influência SPD dentro dos conselhos.

A maioria dos espartaquistas votou no KPD pelo apelo a uma insurreição popular, contra a opinião de dois dos seus dirigentes, Karl Liebknecht e Rosa Luxemburg, que consideravam a relação de forças sociais como não amadurecidas para uma tentativa dessas. Aceitaram, no entanto, a decisão da maioria e a insurreição que se seguiu foi esmagada pelo exército e Liebknecht e Luxemburg capturados e brutalmente assassinados.

Com a reconstrução de uma aliança de classes dominante, o poder da classe operária alemã tinha sido, de facto, aproveitado para a efectivação de uma revolução burguesa atrasada. A República de Weimar foi moldada segundo a Declaração dos Direitos britânica e a Constituição Francesa. Mas nunca corporizou os interesses de partes suficientes do povo alemão para insuflar vida nas suas liberdades esqueléticas. O jurista liberal Preuss, presidente da comissão que redigiu a constituição, escreveu: «Depara-se com suspeições por todo o lado. Os alemães não são capazes de livrar-se da sua velha timidez política e da sua deferência para com o Estado autoritário». A República viu-se imediatamente confrontada com o Tratado de Versalhes, segundo o qual a Alemanha teria que pagar aos Aliados vastas somas de dinheiro como reparações de guerra, aceitar a responsabilidade pelo desencadear da guerra, perder as suas colónias e reduzir as suas forças armadas a 100 000 homens. Os representantes dos interesses mais avançados do capital internacional ficaram alarmados com os efeitos prováveis no capitalismo mundial do carácter de vingança nacionalista do tratado (largamente exigido pela França). Em *As Consequências Económicas da Paz*, Keynes chamou ao acordo «um instrumento de auto-ilusão», com cláusulas que eram «desonrosas, injuriosas, odiosas e detestáveis». Chamou-lhe além disso um acto de «ganância imbecil» que «reduzia a Alemanha à servidão». O efeito do tratado foi colocar a poderosa dinâmica da expansão capitalista alemã sob uma pressão ainda maior que antes de 1914. Escrevendo em 1930, Trotsky qualificou este estado de coisas de «o insolúvel dilema europeu»:

«A medida que as forças produtivas da Alemanha se engrenam cada vez com mais energia, quanto mais força dinâmica congregam, tanto mais são estranguladas no sistema de Estados da Europa — um sistema idêntico ao «sistema» de jaulas num jardim zoológico provinciano empobrecido. A cada alteração da conjuntura dos acontecimentos, o capitalismo alemão vê-se lançado contra os problemas que tinha procurado resolver por meio da guerra»<sup>4</sup>.

Após a ocupação francesa do Ruhr, o longo bloqueio britânico da Alemanha, a desmoralização do Tratado de Versalhes, veio a maciça crise inflacionária de 1923 — exaustos pela guerra, a paz trouxe mais sofrimentos às massas populares.

«Naqueles meses, o povo de Berlim não dormia bem. O medo da incerteza mantinha as pessoas acordadas, ninguém era capaz de ficar em casa. Era um estado de espírito de paralisia combinada com desasossego: estava-se mortalmente cansado e, ao mesmo tempo, completamente acordado. Todas as relações humanas se desagregavam, a vida tinha-se tornado uma incompreensível confusão de números e a ninguém aobravam forças para decifrar o seu significado.

E assim, toda a gente se precipitava para cafés, bares, clubes

nocturnos. Todos os dias abria uma nova «tasca» e todos esses estabelecimentos estavam a deitar por fora. Como um quarto da população tinha vendido tudo o que possuía e outro tinha trocado os seus dólares por «bens palpáveis», começou uma espécie de liquidação de seres humanos. Tal como em tempos normais as pessoas vendiam o seu trabalho, força ou inteligência, agora vendiam-se a si mesmas, corpo e alma. Homens que de dia traficavam com metal precioso ou couro negociavam à noite com mulheres e homens, amor e vício. Tudo tinha o seu preço e, com o dólar a dois milhões de marcos, o preço era muito baixo.» (Extracto de *Hoje Somos Irmãos*, de Leo Lania, um romance da época).

A partir de 1924 verificou-se uma maciça recuperação económica alemã. Métodos modernos de produção em massa, peças substituíveis, modelos estandarizados, equipamento moderno e técnicas publicitárias desempenharam um papel importante nesta recuperação, bem como contratos colectivos melhorados e um aumento dos salários reais. O sistema de cartéis, existente desde há décadas, evoluiu para poderosos consórcios: Hapag (marinha mercante), Siemens (construção), Vereinigte Stahlwerke (siderurgia) e I. G. Farben, na altura o maior consórcio do mundo, que em 1925 controlava quatrocentas firmas alemãs e quinhentas empresas estrangeiras. Mas, por trás desta recuperação, estava um enorme afluxo de capital americano também utilizado na construção de obras públicas, em subsídios à agricultura e no alargamento dos serviços sociais. Uma das consequências da crise capitalista de 1929 e da bancarrota de Wall Street foi a retirada dos empréstimos americanos a curto prazo em que assentara o surto de prosperidade alemã. Para a Alemanha, foi o desastre social. Em princípios de 1929 havia dois milhões de desempregados, em princípios de 1932 esse número elevava-se a seis milhões e, em fins desse ano, quase metade da população activa estava desempregada.

Em 1922, o governo alemão tinha assinado com a URSS o Pacto de Rapallo, nos termos do qual os dois beligerantes derrotados estabeleceram estreitas relações diplomáticas e económicas. Victor Serge, que na altura estava em Berlim a trabalhar para o Komintern, escreveu mais tarde:

«Vista daqui, a Revolução Russa aparecia como um feito soberbo. Conservava quase toda a sua auróla de justiça e organização surgidas de novo, bem como de democracia sem precedentes. Era assim tanto connosco como com o povo em geral e até com muitos reacçãoários. Os social-democratas eram as únicas pessoas que apenas viam o preço da revolução, o seu carácter despótico, a fome e as longas guerras»<sup>2</sup>.

Mas, não obstante, o SPD cooperou com a Rússia Soviética em acordos comerciais que incluíam a produção secreta de armamentos alemães, proibida pelo Tratado de Versalhes, em solo russo, longe dos olhos dos aliados vigilantes.

A história do KPD, desde a sua fundação até à sua proibição pelos nazis, é a história tanto do maior partido comunista da Europa de antes da guerra como, ao mesmo tempo, do menos eficaz politicamente. Privado de um triunfo revolucionário em 1919 e com os seus melhores dirigentes assassinados, tentou conduzir outras insurreições abortadas em 1921 (a «Acção de Março») e em 1923:

«Trotsky explicará a derrota alemã em termos de crise de direcção revolucionária», mas essa crise é em si mesma expressão de duas outras crises, a da consciência popular e a de uma Internacional já burocratizada... Havia que encontrar bodes expiatórios. Da derrota veio a mentira, a dissimulação, a disciplina desmoralizadora que arruina as consciências. Ninguém falava do erro básico. Todo o partido vivia do logro involuntário de funcionários cuja primeira preocupação era não contradizer os seus superiores. A informação deficiente gerava-se na base pelo interesse pessoal dos pobres diabos que, apenas para conservarem o emprego, garantiam ao *Bezirk* ou Comité Central organizador que sim, que tinham os seus cinquenta homens à disposição e as cinquenta Mausers adquiridas — quando efectivamente tinham dez homens e tentavam em vão encontrar Mausers à venda. A má informação subia degrau a degrau por toda a hierarquia de secretários, de forma que, no fim de tudo, o delegado do Comité Central do KPD podia dizer ao presidente da Internacional «estamos preparados», quando nada estava preparado, e toda a gente o sabia, excepto os que redigiam os relatórios confidenciais.»<sup>2</sup>

A seguir a estas derrotas, o KPD não conseguiu definir uma política não-insurreccional própria. Bolchevizado em 1923 sob directivas de Moscovo, seguiu à letra a linha do Komintern ao longo da década, tornando-se pouco mais que agente da política externa soviética. E depressa se tornou evidente que esse papel não era de forma alguma compatível com a representação ou desenvolvimento dos interesses da classe operária alemã. Um único exemplo — em 1921, Krasine, Comissário do Povo para o Comércio Externo da URSS, advertiu, numa entrevista à *Rote Fahne* \* (jornal diário do KPD), que uma greve de operários fabris a decorrer em Berlim interferiria com o fornecimento de maquinaria que estava a ser manufacturada para entrega à URSS.

O Partido Operário Comunista Alemão (KAPD) foi formado em Abril de 1920 por um grupo de anarquistas, sindicalistas e marxistas libertários que se opunham às intenções do KPD de participar em eleições parlamentares (nesse mesmo ano, o KPD obteve meio milhão de votos). A história posterior do KAPD é menos acessível. O seu intento de estabelecer o poder político na base industrial dentro do espírito das secções mais avançadas do movimento dos conselhos de 1917 tinha já sido minada pela evolução política posterior. A sua história e influência não são, no entanto, fáceis de estabelecer, pela mesma razão pela qual a história do papel dos anarquistas e da colectivização durante a Guerra Civil de Espanha é tão difícil de desvendar — aquilo que a *intelligentsia* burguesa das universidades ocidentais, não «menosprezou» foi amplamente suprimido pelo movimento comunista mundial oficial durante a era de Estaline<sup>3</sup>. Sabe-se, contudo, que o KAPD trabalhava intimamente com a AAUD (União Central dos Trabalhadores da Alemanha), uma união federada dos restos dos conselhos de fábrica após 1920 (altura em que foi publicada uma lei que restringia as actividades dos conselhos de fábrica à consulta económica com as administrações das fábricas). (O KPD nunca firmou uma pre-

\* *Bandeira Vermelha*. (N. do T.).

sença efectiva no movimento sindical e recrutava os seus membros sobretudo de entre os desempregados — 80% dos seus membros em 1932 eram desempregados. Por seu lado, o SPD trabalhou estreitamente com a burocracia dos sindicatos ao longo dos anos 20). Empenhado numa política de extra-parlamentarismo, em oposição aos sindicatos social-democratas de base SPD, e mal acolhido na Internacional Comunista (Komintern) pela sua recusa em pôr os interesses do partido bolchevique à frente dos do proletariado alemão, o KAPD permaneceu fora de todas as arenas de debate político, diminuiu em força e, pelos fins da década, era pouco mais que um pequeno grupo teórico. (O delegado do KAPD ao Congresso de Moscovo de 1921 fez causa comum com a Oposição de Esquerda russa e trouxe clandestinamente para Berlim (onde foi publicado em versão alemã) o texto da alocução de Alexandra Kollontai ao congresso sobre a oposição Operária à Rússia.

A Política do Komintern, dirigida por Estaline (e Bukharine, até 1928, altura em que foi depurado) teve uma série de «períodos» distintos. Ao «primeiro período», de 1917-21, caracterizado por instabilidade capitalista, seguiu-se um «segundo período», de consolidação capitalista, durante o qual a política do Komintern defendia a formação de alianças estratégicas com partidos social-democratas. A partir de 1928, o «terceiro período» de crise capitalista geral e radicalização das massas.

Sobre esta política, escreveu Trotsky:

«Pode dizer-se com confiança: a partir de 1923, não houve uma única manobra táctica efectuada a tempo pelo Komintern sob a influência de avaliações correctas das mudanças nas condições objectivas. Pelo contrário, todas as viragens foram resultado do agudizar insuportável de contradições entre a linha do Komintern e a situação objectiva» e que «a direcção do Komintern foi incapaz de prever ou evitar fosse o que fosse. Apenas pode registar as derrotas. As suas resoluções e outros documentos são, infelizmente, apenas instantâneos da retaguarda do processo histórico»<sup>4</sup>.

A direcção do KPD decaiu em qualidade ao longo da década, à medida que o partido alemão cedia cada vez mais a sua já reduzida autonomia política a Moscovo. «A linha que vai de Liebknecht e Luxemburg, passando por Levi e Meyer, Brandler e Thalheimer, Ruth Fischer e Maslow, até Thaelmann e seu grupo é uma linha nitidamente descendente em termos de capacidade política geral, embora não em coragem e devoção. Este não é, de forma alguma, o caso em todos os outros partidos comunistas»<sup>5</sup> (desse período).

A linha do «terceiro período» do Komintern relativamente ao «social-fascismo» equiparava a social-democracia ao fascismo como ameaças gêmeas e iguais para as forças da revolução proletária internacional. Embora confrontado com uma força fascista real manifestamente diferente da dos social-democratas, o KPD aceitou esta linha que impediu de facto a formação de uma frente unida KPD/SPD contra os nazis, medida defensiva que a sua inimizade natural para com os social-democratas de qualquer modo impedia virtualmente.

Em 1930, o número de membros do KPD era de 124 000 e obteve 4 590 000 votos nas eleições desse ano. Nessas mesmas eleições, os votos nazis aumentaram de apenas 800 000 em 1928 para 6 500 000 (e o

SPD obteve 8 000 000 de votos). E, apesar disso, o KPD considerou esta eleição acima de tudo como uma vitória KPD. A *Rote Fahne* qualificou a proeza eleitoral nazi como «o princípio do fim» para os nazis e «o ponto alto do Movimento Nacional-Socialista na Alemanha. A seguir a isto só lhe pode vir o declínio e a queda». Em 1931, o KPD chegou a apoiar os nazis na sua tentativa de suplantar a Prússia social-democrata (que o SPD ganhou). Impotentes para tomar iniciativas políticas face à força crescente nazi, chegaram a afirmar que o reino nazi teria vida curta e serviria para esmagar o poder do SPD! Escreveu Trotsky nesta altura sobre a política do KPD: «Depois do 'terceiro período' de aventureiro e basófia, começou o 'quarto período' — de pânico e capitulação.»<sup>6</sup>

Reimut Reiche observa que quando Wilhelm Reich entrou para o KPD (Reich aderiu ao PC austríaco em 1927 e para o KPD quando se mudou para Berlim, em 1930), «a comunidade de membros, dirigentes e massas como uma unidade de combate única estava em declínio». Com a sua formação a partir de um momento de derrota revolucionária, a sua falta de flexibilidade política e a sua crescente subserviência à política de Estaline, é pouco sugerir que o KPD tenha sido alguma vez «uma unidade de combate única»<sup>7</sup>.

Em Janeiro de 1932, Hitler falou a uma grande assembleia de industriais em Dusseldorf e conquistou para si o apoio e os fundos de uma grande parte do capital alemão — o essencial do seu discurso, de forma condensada, expressava o seguinte:

«O comunismo é mais que uma simples turba ao assalto das nossas ruas alemãs. Está a conquistar todo o mundo asiático. O desemprego está a levar milhões de alemães a considerarem o comunismo como a contrapartida teórica lógica da sua situação económica actual. É este o fulcro do problema alemão. Não podemos remediar este estado de coisas com decretos de emergência.

Só pode haver uma solução de fundo — a compreensão de que uma vida económica florescente tem de ser protegida por um Estado florescente e forte. Atrás desta vida económica tem que estar a vontade política decidida da nação pronta a golpear, e a golpear duramente»<sup>8</sup>.

Como observa Peter Sedgwick, numa recente reavaliação de livros sobre teorias do fascismo<sup>9</sup>: «Os socialistas deveriam deixar de afirmar que Hitler foi uma figura de proa da gente dos negócios e, em vez disso, considerá-lo como um pioneiro da economia de guerra permanente e do planeamento integrado». Que os interesses económicos e políticos de uma classe têm de ser considerados sinonimamente, constituindo a sua separação fonte de instabilidade social desde 1848, tinha sido proposto já em 1917 através da palavra de ordem «todo o poder aos conselhos» e era agora horripantemente formulado em sentido inverso pela ascensão dos nazis. «Nenhum movimento sem qualquer espécie de paralelo ideológico com o marxismo podia ter esperado dominar uma sociedade como a Alemanha onde os contornos da divisão de classes estavam tão profundamente vinculados... Todo o espírito militante e sacrifício, todo o ódio ao privilégio e corrupção, toda a determinação em fazer um mundo melhor e mais limpo, que nos socialistas revolucionários anda ligada a uma perspectiva de classe acerca da sociedade, estava presente entre os pioneiros nazis ligada unicamente a uma visão

racial. A demagogia e a fraude deliberadas eram praticadas constante e conscientemente, mas dentro dos limites de uma terrível sinceridade. *Pessima corruptio optimi*: os piores vícios surgem com a corrupção dos mais nobres instintos — e as piores crueldades pelo desvio da militância de classe para um alvo sem uma perspectiva de classe.»<sup>9</sup>

Justamente por isso, só um movimento político com uma compreensão elaborada da totalidade social podia ter conquistado a adesão em partes de todas as classes da sociedade alemã com um tacto tão seguro. Que os nazis o tenham conseguido, enquanto as perspectivas do KPD continuavam tão limitadas e inacessíveis, é um tema que Reich desenvolve em *O que é a consciência de classe?* «Enquanto nós brindávamos as massas com grandiosas análises históricas e argumentos económicos sobre as contradições do imperialismo, os seus mais íntimos sentimentos estavam a ser atingidos por Hitler». E, em 1930, Ernst Bloch escreveu em *A Herança do Nosso Tempo*: «Os marxistas vulgares não estão suficientemente atentos ao que está a acontecer a tendências primitivas e utópicas. Os nazis estão já a ocupar esse terreno, e ele será importante». Mas o único antídoto, que não um paliativo defensivo, para a crise da sociedade alemã que levou os nazis ao poder, teria sido uma revolução proletária e nenhuma «solução» real dessas estava prestes a surgir, porque aqueles que, como Reich, integravam nas suas críticas o espírito das insurreições proletárias de 1917 ou não tinham experiência política e, sobretudo, estratégica ou não se inseriam numa base política a partir da qual as suas percepções pudessem ter efeito político. A despeito de todos os seus defeitos, o KPD dominava as potencialidades proletárias da classe operária em 1925.

Tendo praticado a psicanálise sob a direcção de Freud em Viena desde 1920, Reich tinha-se radicalizado progressivamente tanto pelo desenvolvimento da sua própria obra científica como pela evolução dos acontecimentos que se desenrolavam à sua volta, particularmente o massacre de grande número de operários vienenses envolvidos numa greve geral em 1927, que ele presenciou. É de duvidar que Reich tenha entendido a relevância histórica do fracasso da revolução na crucial conjuntura do após-guerra na Alemanha, particularmente porque, em *O que é a consciência de classe?*, apresenta a estrutura organizacional e modo de trabalho do Sexpol como alternativa para a estrutura hierárquica e esclerosada do KPD, ao mesmo tempo que omite qualquer referência ao mais importante antecedente organizacional deste, o movimento dos conselhos de fábrica. O Sexpol (fundado primeira na Áustria, mas nessa altura denominado Sociedade Socialista para Estudo e Conselho Sexual), o Movimento para Economia e Política Sexual era, em 1930, um grupo que trabalhava no interior do movimento operário. Reich era um dos membros fundadores. Grande número de agrupamentos juvenis, centros consultivos médicos e grupos de professores e médicos pertenciam à Sexpol; organizavam festas de trabalho, sessões informativas nocturnas e reuniões de educação sexual, a princípio em áreas operárias de Viena e, mais tarde, noutras cidades. Os tópicos principais eram a habitação, a higiene sexual, a contracção e o aborto, nessa altura questões com conotações políticas radicais imediatas.

«Foi possível a Wilhelm Reich no seu tempo ligar todas as reivindicações à libertação da sexualidade do conjunto de forças que no sis-

tema capitalista a oprimem a uma reivindicação política que atacava explicitamente as bases económicas do sistema. Porque é um facto objectivo que, nessa época, qualquer avanço em direcção à sexualidade livre era ou reprimido abertamente ou bloqueado por causas imediatamente visíveis, como a carência de habitações e o custo dos contraceptivos. A função económica, fisiológica e utópica que Reich atribuía à sexualidade na sua concepção de como a liberdade humana seria alcançada era, sem dúvida, inaceitavelmente mecanicista em muitos aspectos e algumas conclusões a que ele chegou eram claramente erradas. Além disso, tem de reconhecer-se que no contexto actual é difícil relacionar uma liberdade sexual quantitativamente maior com reivindicações radicais e consciência de classe e, em muitos casos, isso tornou-se historicamente impossível. Ao mesmo tempo, tornou-se muitíssimo mais difícil estabelecer a diferença qualitativa entre liberdade sexual aparente e real»<sup>1</sup>.

Em resultado da eficácia crescente da Sexpol tanto dentro como fora do Partido Comunista Austríaco, incidiram sobre Reich pressões políticas crescentes e ele acabou por mudar-se para Berlim, onde implantou de novo a Sexpol. Em 1932, contudo, foi expulso tanto do KPD como, pouco depois, da Associação Psicanalítica Internacional. Pieck, falando em nome do comité central do KPD, afirmou: «Vocês começam por considerar o consumo e nós por considerar a produção, portanto não sois marxistas». Por seu lado os membros da API, remetendo-se à terapia individual e à protectora respeitabilidade profissional burguesa face ao fascismo em ascensão, consideravam inaceitável a ênfase constantemente posta por Reich nas bases sociais e económicas da prática psicanalítica. Como analista, Reich tinha cometido a heresia de reconhecer que, salvo se apoiada por um forte movimento político, a psicanálise pode, no melhor dos casos, visar curas individuais, anuladas na maioria dos casos pela realidade inalterada do capitalismo em que, inevitavelmente, o paciente «curado» é de novo lançado. Neste contexto, o psicanalista francês Maud Mannoni observou a propósito dos «acontecimentos» franceses de Maio de 68: «Foi muito mal recebido que os psicanalistas pudessem chamar a esta perturbação um autêntico regresso à saúde» e que além disso «a experiência da contestação, como a experiência analítica, visa o advento de um idioma verdadeiro»<sup>10</sup>.

As tentativas de Reich para elaborar a partir da sua prática psicanalítica uma crítica revolucionária da família nuclear burguesa («uma fábrica de ideologias autoritárias e estruturas conservadoras») e os seus ensinamentos sobre os efeitos políticos deste processo («a repressão sexual auxilia a reacção política, não só pelo processo que torna o indivíduo integrado na massa, passivo e apolítico, mas também criando na sua estrutura psíquica um interesse pelo apoio activo à ordem autoritária»<sup>11</sup>, trabalho que ele combinou, no final dos anos vinte, com uma participação activa, primeiro no movimento operário austríaco e, depois, no movimento operário alemão, colocaram-no subsequentemente fora da ortodoxia das organizações profissionais e políticas que pretendiam representar esses interesses. Não obstante, a sua elaboração particular desses interesses não se rejeitou a vencer ou morrer pelo seu reconhecimento e legitimação por esta ou aquela organização.

Pela posição da direcção do KPD, torna-se claro que a conside-

rável influência de Reich na organização juvenil comunista, dando como dava um papel estratégico dominante à noção de liberdade sexual e encorajando inevitavelmente uma maior autonomia e crítica interna das secções locais do partido, era sentida como teoricamente simplista e diversiva e, na prática, como uma ameaça à autoridade do comité executivo do partido. Um exemplo era o apoio de Reich a alianças na base entre trabalhadores comunistas e socialistas contra grupos fascistas locais, em oposição activa à linha do partido sobre o «social-fascismo» (ver atrás). Reich, por seu lado, como o ensaio a seguir apresentado reflecte, considerava a aplicação da teoria marxista pelos ideólogos do KPD como pesadamente economicista no seu desvio, e a sua prática como dominada por valores culturais burgueses.

Referidos estes elementos fortemente reaccionários que acompanharam a expulsão de Reich do KPD e os esforços de restrição da difusão dos seus escritos entre os membros do Partido, permanece, não obstante, o facto de continuar a existir uma disjuntura na sua assimilação da praxis psicanalítica à praxis política, e vice-versa, que o impedia de compreender aquela de dentro de um momento estratégico (político) e apontava para o seu posterior revisionismo.

A este respeito, a crítica de Serge à análise de Trotsky do fracasso da política do Komintern (ver atrás) pode aplicar-se igualmente à fetichização por Reich do papel da direcção política em *O que é a Consciência de classe?* Mas, apesar de fortes semelhanças entre as análises de Trotsky e de Reich da ascensão dos nazis, particularmente no que respeita ao papel histórico central que nesses acontecimentos ambos atribuíam à pequena burguesia, Reich pouco consolo encontrou nas prescrições dos grupos trotskistas que o abordaram após a sua saída do KPD e a sua fuga da Alemanha. Merecia-lhe particular crítica o papel do entrismo na estratégia deles.

Durante alguns meses, depois da sua fuga para a Dinamarca, onde completou a sua obra mais importante «A Psicologia de Massas do Fascismo», em 1933, viajou sem pátria pela Europa, da Dinamarca para a Suécia, para a Áustria, por pouco tempo, para a Suíça, depois para a Inglaterra e a França e novamente para a Dinamarca.

As fadigas do exílio, os ataques à sua obra e o seu isolamento político, tudo ajudou a agudizar as tensões não resolvidas entre as suas disposições e aspirações profissionais e políticas. Com a sua retirada para as «liberdades» relativas dos EUA e a sua cada vez maior acentuação na possibilidade da cura puramente somática pelo uso da energia orgónica, os seus propósitos políticos sem solução tornaram-se cada vez mais personalizados e interiorizados, exprimindo-se na denúncia do marxismo *per se* e no aumento do seu complexo de perseguição (veja-se a sua brochura «Escuta, Zé Ninguém» — 1945); naturalmente, também foi perseguido pelas autoridades de saúde americanas.

Os estudantes alemães, na sua recente edição pirata de *O que é a consciência de classe?*, referem aquilo a que chamam a sua «terrível e autoestrutiva revisão» que é como se Reich pensasse: «Se as massas continuam demasiado fracas para fazer a revolução nas condições capitalistas e mesmo demasiado fracas para deter o fascismo, a consciência tem que ser libertada por métodos diferentes dos marxistas; se a autonomia genital é constantemente bloqueada pela debilidade genital psi-

quica e pela repressão política, então este movimento para a autonomia tem que ser iniciado por meios orgânicos através de orgones».

As limitações e pontos válidos da análise política em *O que é a consciência de classe?* são resumidos da melhor maneira pela descrição que Reich faz do seu próprio método: «Uma pessoa tem que se acostumar a sujeitar todas as questões fetichizadas à luz esclarecedora de perguntas ingénuas, que são notoriamente as que mais põem à prova, as mais prometedoras e as de maior alcances».

A falsa escolha aqui sugerida, entre dogma político e ingenuidade, é, em parte, um reflexo da separação dentro do movimento revolucionário da luta pelo poder político e da luta pela libertação, que, em 1932, se podia remontar às derrotas de 1919 e anteriores, e à ascensão do estalinismo. Este opúsculo faz parte do ressurgimento desses elementos num contexto social em que é uma vez mais claro que nenhum dos dois aspectos pode excluir o outro no desenvolvimento de uma política revolucionária efectiva.

Outubro de 1971

#### Referências e bibliografia

<sup>1</sup> Para uma descrição, ler *The Origins of the Movement for Workers Councils in Germany 1918-1935* («As Origens do Movimento dos Conselhos Operários na Alemanha 1918-1935»), tradução inglesa, Coptic Press, 1968.

<sup>2</sup> *Memoirs of a Revolutionary* («Memórias de um Revolucionário»), Victor Serge, Oxford University Press.

<sup>3</sup> *American Power and the New Mandarins* («O Poder Americano e os Novos Mandarins»), Noam Chomsky, Pelican. Capítulo sobre «A Objectividade e a Cultura Liberal».

<sup>4</sup> Cinco ensaios sobre «Fascismo, Estalinismo e a Frente Unida, 1930-34», Leon Trotsky, em *International Socialism* 38/39, Agosto de 1969.

<sup>5</sup> *Confronting Defeat; The German Communist Party* («Defrontando a Derrota; o Partido Comunista Alemão»), Eric Hobsbawm, *New Left Review* 61, Maio de 1970.

<sup>6</sup> Entrevista com um veterano do KAPD em *Solidarity*, vol. 6 n.º 2, Novembro de 1969.

<sup>7</sup> *Sexuality and Class Struggle* («A Sexualidade e a Luta de Classe»), Reimut Reiche, New Left Books, 1970.

<sup>8</sup> Discurso de Hitler aos industriais da Renânia em Dusseldorf, Janeiro de 1932.

<sup>9</sup> «The Problem of Fascism» («O Problema do Fascismo»), *International Socialism* 42, Fevereiro de 1970.

<sup>10</sup> «A Psicanálise e a Revolução de Maio», Maud Mannoni, de «Reflections on the Revolution in France» («Reflexões sobre a Revolução de França»), 1968, ed. Posner, Pelican.

<sup>11</sup> Citado em «The Irrational in Politics» («O Irracional na Política»), *Solidarity*, opúsculo n.º 33, Junho de 1970.

<sup>12</sup> *Sexual Politics* («Política Sexual»), Kate Millet, Doubleday, 1970, capítulo sobre «A Contra-revolução».

## TEXTOS EXEMPLARES

1. A reprodução da vida quotidiana  
*Fredy Perlman*
2. Consequências sociais da maquinaria automatizada  
*Karl Marx / Rudi Supek*
3. A lenda do grande inquisidor  
*Feodor Dostoievsky*
4. Casamento indissolúvel ou relação sexual duradoura?  
*Wilhelm Reich / Claude Alzon*
5. Crítica dos programas socialistas de Gotha e Erfurt  
*Karl Marx / Friedrich Engels*
6. O que é a consciência de classe?  
*Wilhelm Reich*
7. Estado físico e moral dos trabalhadores  
*Louis-René Villerme*

## ÍNDICE

---

Prefácio . . . . .	5
1. Os dois tipos de consciência de classe . . . . .	7
2. Alguns factores concretos da consciência de classe e alguns factores de inibição no indivíduo médio . . . . .	25
3. Política burguesa e política revolucionária . . . . .	51
4. Desenvolver a consciência de classe a partir da vida das massas . . . . .	65
Apêndice . . . . .	101
Introdução à edição inglesa . . . . .	103

ESTA EDIÇÃO FOI IMPRESSA



NA LITOGRAFIA MIRANDA E ROSA Lda.